

Universidade de Lisboa



A Construção da Modernidade Europeia -
a importância dos recursos para o ensino da História

Liliana Andreia Cunha de Jesus Lourenço de Carvalho

Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada orientado pelo Professor Doutor Miguel
Maria Santos Corrêa Monteiro

2017

*A Construção da Modernidade Europeia -
a importância dos recursos para o ensino da História*

*Aos meus pais e ao
meu irmão...*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, por serem para mim um exemplo de união, de força e de amor, por serem os meus principais educadores, por sempre acreditarem nas minhas capacidades e por quererem, em todas as situações, o melhor para mim. Sem eles, nada disto teria sido possível.

Ao meu irmão, pelo seu espírito de perseverança.

E a toda a minha família, pelo carinho e preocupação.

Ao meu orientador, o Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, pela sua enorme dedicação e paciência comigo em todos os momentos ao longo deste percurso, pela sua palavra sábia e amiga, pelo seu otimismo, pela sua boa disposição contagiante e ânimo em todas as situações, uma palavra muito especial de agradecimento.

À nossa professora cooperante Noémia Brás, pela confiança demonstrada no nosso trabalho. Por nos proporcionar aprender com ela, pela sua enorme vontade em nos orientar, pela sua sensibilidade connosco e franqueza, em todas as situações. O nosso muito obrigada.

Acrescento ainda, uma palavra de agradecimento a toda a comunidade escolar, que tão bem nos recebeu, bem como, uma palavra de gratitude e de carinho, à turma de História do 11ºLH, pela experiência que nos proporcionou e por todos os momentos passados. Foi sempre a pensar em vocês que dirigimos a nossa ação.

Uma nota de agradecimento a todos os professores que fizeram parte do meu percurso académico, e em especial, para todos os professores do Mestrado. Sem esquecer, ou diminuir, a importância que cada um teve para mim, pois sem eles não seria possível aqui ter chegado.

Um agradecimento muito especial à minha amiga e colega de Mestrado e de estágio, Susana Marques, sempre incansável no esforço que dedicou em me ajudar em todas as circunstâncias, que me proporcionou momentos de risada e de amizade sincera, muita camaradagem e me devolveu a vontade de sonhar. O meu muito obrigada por teres feito este percurso comigo.

Agradeço ainda a todos os colegas de Mestrado, pelos bons momentos de convívio. E, em especial, alguns que sempre lá estiveram, exemplos de companheirismo e de interajuda (Leonor, Catarina).

E ao Hugo, pelo seu apoio, carinho e amor.

Índice Geral

Agradecimentos.....	ii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	vi
Índice de Gráficos	vii
Índice de Tabelas.....	viii
Siglas/Acrónimos e Abreviaturas.....	ix
Resumo.....	xi
Abstract	xii
Introdução	1
 Parte I – Enquadramento Teórico e Didático	 3
1. A importância do ensino da História	4
2. Algumas reflexões em torno do ensino-aprendizagem.....	9
3. Importância da diversificação de recursos	12
3.1. As Novas Tecnologias	13
3.2. A visita de estudo	19
4. As teorias de ensino-aprendizagem aplicadas à nossa prática letiva	22
 Parte II– Contexto Escolar.....	 27
1. O concelho da Moita	28
2. A Escola Secundária da Baixa da Banheira	34
 Parte III – Prática de Ensino Supervisionada.....	 44
1. A nossa Prática Letiva Supervisionada.....	45
1.1. Aula do dia 15 de novembro de 2016.....	45

1.2. Aula do dia 17 de novembro de 2016.....	52
1.3. Aula do dia 18 de novembro de 2016.....	58
1.4. Aula do dia 22 de novembro de 2016.....	61
1.5. Aula do dia 24 de novembro de 2016.....	66
1.6. Aula do dia 25 de novembro de 2016.....	70
1.7. Aula do dia 29 de novembro de 2016.....	71
1.8. Aula do dia 23 de março de 2017	74
2. O Website, a Plataforma Slack e a Visita de Estudo	79
2.1. O Website	79
2.2. A plataforma Slack	84
2.3. A visita de estudo	89
 Considerações Finais	 97
Referências Bibliográficas.....	99
Anexos.....	106

Índice de Figuras

Figura 1 - Vista aérea da escola - Retirado do Google maps	34
Figura 2 - Fotografia de espaços verdes na escola	34
Figura 3 - Fotografia de espaços verdes na escola	34
Figura 4 - Fotografia da entrada da escola	35
Figura 5 - Fotografia de corredores de acesso	35
Figura 6 - Fotografia de participações da escola	36
Figura 7 - Fotografia de atividades	36
Figura 8 - Diapositivo referente ao quadro de Henri Testelin, sobre a Fundação da Academia das Ciências.	47
Figura 9 – Diapositivo referente ao quadro de Rembrandt, A Lição de Anatomia do Doutor Tulp.	49
Figura 10 - Guião de trabalho	50
Figura 11 - Cuidados na elaboração do trabalho	50
Figura 12 - Mapa sobre os principais focos de difusão do Iluminismo	63
Figura 13 - Diapositivo ilustrativo de algumas práticas de tortura	69
Figura 14 - Apresentação inicial do Website	80
Figura 15 - Introdução ao Website	80
Figura 16 - Contextualização Histórica com recurso ao PowerPoint apresentados	81
Figura 17 - Trabalhos realizados pelos alunos expostos no Website	81
Figura 18 - Exemplo de um trabalho realizado exposto no Website	82
Figura 19 - Referências Bibliográficas consultadas para a construção das biografias ...	83
Figura 20 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de uma aula	85
Figura 21 – Exemplo de partilha na plataforma Slack de um esquema-síntese	86
Figura 22 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de um guião de trabalho	86
Figura 23 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de conteúdos	86
Figura 24 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de trabalhos	87
Figura 25 - Exemplo de Formulário da Google Drive na plataforma Slack	87
Figura 26 - Exemplo de partilha de curiosidades na plataforma Slack	87
Figura 27 - Túmulo de D. Fernando, no Museu Arqueológico do Carmo.	94

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Relação de irmãos por alunos	39
Gráfico 2 - Relação de n.º de alunos que vivem com familiares diretos	39
Gráfico 3 - Relação dos hobbies.....	40
Gráfico 4 - Computadores por aluno	40
Gráfico 5 - Relação dos recursos didáticos mais apreciados	41
Gráfico 6 - Interesse dos alunos na criação de um Website	42
Gráfico 7 - Interesse dos alunos na exposição dos seus trabalhos no Website	42
Gráfico 8 - Importância do recurso ao PowerPoint	42
Gráfico 9 - Interesse do recurso à plataforma Slack.....	43
Gráfico 10 - Interesse do recurso à Internet através de diversos dispositivos.....	43
Gráfico 11 - Interesse na realização de Visitas de Estudo.....	43

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Roteiro da visita de estudo	90
Tabela 2 - Orçamento da visita de estudo.....	92

Siglas/Acrónimos e Abreviaturas

Siglas/Acrónimos

CD-ROM – *Compact Disc-Read-Only Memory*

EE – Encarregados de Educação

ESBB – Escola Secundária da Baixa da Banheira

IPP – Iniciação à Prática Profissional

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

LH – Línguas e Humanidades

NT – Novas Tecnologias

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TPC – Trabalhos Para Casa

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

Abreviaturas

Cf. - confronto, confira

Cit. - citado

(coord.) - coordenação

consult. – consultou-se

Dir. - direção

ed. – edição, editor(a)

[et al] - e outro(a)

idem - o mesmo

ibidem - na mesma obra

n.º - número

op. cit. - obra citada

p. - página

pp. - páginas

séc. - século

[s.d.] - sem data (de edição)

[s.l.] - sem local (de edição)

[s.n.] - sem nome (de editora)

Vide - Veja

[...] – corte na citação do texto

Norma Utilizada: No Relatório de Prática de Ensino Supervisionada foi utilizado o Novo Acordo Ortográfico e para as Referências bibliográficas, bem como, as citações, a Norma Portuguesa 405-1.

NOTA: Todas as planificações de aulas, *PowerPoints*, documentos de apoio à aula, guiões de trabalho, trabalhos realizados pelos alunos, formulários, e outros documentos considerados relevantes no decurso da nossa prática letiva, encontram-se no CD-Rom, a que se junta no final deste relatório. A numeração dos Anexos no CD-Rom segue a ordem dos textos apresentados, bem como, a dos Anexos.

Resumo

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada que aqui se apresenta tem por objetivo a demonstração da nossa prática de lecionação na Escola Secundária da Baixa da Banheira a uma turma de 11º ano.

O tema do nosso relatório parte da nossa opção pela lecionação da Unidade Didática – *A Construção da Modernidade Europeia*, e o subtema, na importância da utilização de diversos recursos didáticos no ensino da História.

Com o advento das Novas Tecnologias numa sociedade globalizada e a crescente utilização das mesmas nas diversas áreas, parece-nos importante recorrer a diferentes recursos didáticos. A utilização diversificada destes dinamiza as aulas, facilita o desenvolvimento de aprendizagens, fomenta a atitude crítica e a curiosidade, contraria hábitos de passividade, aumenta as expectativas dos alunos melhorando a sua motivação e reforça positivamente a relação pedagógica.

Pretendemos com o presente relatório identificar aspetos positivos e mencionar algumas implicações decorrentes da utilização destes recursos didáticos. Bem como, salientar a importância destes no aumento da motivação dos alunos.

Palavras-chave: Motivação, Recursos Didáticos; Novas Tecnologias; Relação Pedagógica; Didática da História

Abstract

The Supervised Teaching Practice Report presented here aims to demonstrate our teaching practice at Baixa da Banheira High School to a class of 11th grade.

The theme of our report is based on our choice of teaching the Didactic Unit - *The Construction of European Modernity*, and the sub-theme, on the importance of the use of various didactic resources in the teaching of History.

With the advent of New Technologies in a globalized society and the increasing use of them in the different areas, it seems to us important to resort to different didactic resources. The diversified use of these dynamizes the classes, facilitates the development of learning, fosters critical attitude and curiosity, contradicts habits of passivity, increases students' expectations improving their motivation and positively reinforces the pedagogical relationship.

We intend with this report to identify positive aspects and to mention some implications arising from the use of these didactic resources. As well as, highlight the importance of these in increasing student motivation.

Keywords: Motivation, Didactic Resources, New Technologies, Teaching Relationship, History's Didaction

Introdução

O presente Relatório de Prática de Ensino Supervisionada surge como resultado final do nosso percurso no Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do estágio realizado na Escola Secundária da Baixa da Banheira.

Lecionámos sete aulas seguidas à turma de 11º ano, desde o dia 15 de novembro ao dia 29 de novembro. Voltámos a lecionar uma aula, no dia 23 de março e concluímos o nosso estágio, no dia 11 de maio, com a realização de uma visita de estudo.

Pretendemos neste relatório demonstrar a nossa prática letiva na escola onde tivemos o privilégio de estagiar, bem como, apresentar o nosso ponto de vista sobre a importância da utilização de diversos recursos didáticos, com especial enfoque na aplicação de ferramentas informáticas, sem descurar a importância da visita de estudo na relação entre professor/alunos e entre alunos.

Desta forma, dividimos o relatório em quatro partes: O Enquadramento Teórico e Didático, O Contexto Escolar, A Prática de Ensino Supervisionada e as Considerações Finais.

Na primeira parte do relatório, dedicámos a nossa atenção à importância do ensino da História, bem como, o papel da motivação e da relação pedagógica no processo de ensino-aprendizagem. Seguidamente, elencámos as principais vantagens da utilização de diversos recursos didáticos.

Para uma melhor compreensão da importância destes, subdividimo-lo em dois temas. No primeiro, demos destaque ao recurso didático de ferramentas informáticas, e a esse propósito mencionámos as principais vantagens do recurso a estas, como o *PowerPoint*, a plataforma *Slack* e a criação de um *website*, importantes para a criação de motivação nos alunos. No segundo, mencionámos as principais vantagens do recurso a atividades, como a visita de estudo, importantes para melhorar o relacionamento pedagógico.

Terminámos a primeira parte explicando a aplicabilidade que fizemos de algumas teorias de aprendizagem à nossa prática de lecionação.

Na segunda parte do relatório, fizemos o enquadramento do contexto escolar da escola onde estagiámos. Também neste tema, subdividimo-lo em dois. No primeiro,

fizemos o enquadramento geográfico da escola, referindo a esse propósito o concelho da Moita e a freguesia do Vale da Amoreira, local onde se situa a escola. No segundo, fizemos a descrição da Escola Secundária da Baixa da Banheira e o seu Projeto Educativo, bem como, apresentámos a turma do 11º LH.

Na terceira parte do relatório, descrevemos a nossa prática de lecionação, as principais vantagens e implicações do recurso às ferramentas informáticas, bem como, toda a planificação, operacionalização e descrição da visita de estudo, suas principais vantagens e implicações.

Na quarta parte do relatório, tecemos breves considerações sobre os recursos utilizados.

Apresentámos ainda, em CD-Rom anexo ao relatório, todos os documentos que utilizámos na nossa prática letiva, bem como, todos os trabalhos e fichas feitos pelos alunos.

Parte I – Enquadramento Teórico e Didático

1. A importância do ensino da História

Todo o indivíduo necessita de, em algum momento, “*tomar consciência da evolução contínua do mundo em que vive*”¹ e tal, é possível se “*for progressivamente habituado a confrontar as épocas passadas com a atualidade.*”² O entendimento sobre os nossos antepassados, a nossa história, facilita a compreensão que se possa ter do mundo que nos rodeia e, identifica-nos enquanto parte dessa mesma história, unindo-nos. “*As ciências humanas contribuem para a compreensão que o Homem tem de si mesmo [...]*”³

Um povo que desconheça o seu passado não compreende a sua própria cultura nem a realidade em que vive. Contudo, reduzir a história à ideia de que a mesma apenas estuda o passado é limitá-la a uma função de memória, como disse Miguel Corrêa Monteiro. E, apesar de também o ser, não o é unicamente. A “*partir do momento em que certos acontecimentos históricos podem ser repensados constantemente, deixam de estar «no tempo», por isso a História é “o estudo do presente e das suas relações com o passado.*”⁴

Desta forma, entendemos que o carácter formativo do ensino da História é de manifesta importância para a sociedade em que vivemos, pois “*serve de base à formação de cidadãos conscientes, dinâmicos, criativos e independentes*”⁵ Esta tomada de conhecimento sobre o nosso próprio património e do nosso lugar no mundo é fulcral para nos situar. A História continua e continuará a ser importante para a compreensão do que agora vivemos e acaba por, de certa forma, preparar-nos para os tempos vindouros.⁶

¹ Maria Cândida Proença (org.), *Didáctica da História, Textos complementares*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, p. 115.

² Idem, *ibidem*.

³ Miguel Corrêa Monteiro, “História e Virtualidade – Museus, jogos e novas tecnologias”, palestra proferida no *Fapesb* – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Baía. Baía, 19 de junho de 2017, p. 1.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Miguel Corrêa Monteiro, *Didáctica da História, Teorização e Prática – Algumas Reflexões*, Lisboa, Plátano Editora, 2001, p. 8.

⁶ Cf. Idem, *ibidem*.

Do mesmo modo que o caráter formativo da História é contributivo para o crescimento individual de cada aluno, futuro cidadão consciente e parte ativa da sociedade, também a reflexão sobre diferentes valores é importante para esse mesmo fim. Por essa mesma razão Maria Cândida Proença afirma que “*a disciplina de História constitui um meio privilegiado, não para transmitir valores, mas para fazer compreender aos alunos que não há valores absolutos*”⁷ contribuindo, de forma positiva, para o crescimento individual e pessoal de cada um. Ao mesmo tempo que estimula a existência de um “*papel ativo e consciente na vida cívica e ao contribuir para o desenvolvimento da sua personalidade nos seus múltiplos aspetos.*”⁸ Numa disciplina como esta, a questão dos valores torna-se fundamental pois, “*o aluno é permanentemente confrontado com uma variedade de valores que se relacionam com as ações dos indivíduos, grupos ou cultura,*”⁹ sendo por isso, uma das nossas principais tarefas, enquanto docentes desta disciplina, “*contribuir para o conhecimento e clarificação dos valores e das consequências da sua influência*”¹⁰ sem por isso, persuadirmos à adoção de determinados valores.

No entender de Proença, o programa definido para o ensino da História peca pelo excesso de informação pois, existe em vigor um “*extenso currículo*” desfasado da realidade e complexo, que acaba por se constituir como um “*problema imediato tanto para o professor como para o aluno [por] haver demasiada «história» para ser ensinada ou aprendida.*”¹¹ Outra questão que não abona a esta situação é, no entender do professor Miguel Monteiro, a “*crescente falta de preparação cultural dos alunos*”¹² que dificulta a aprendizagem da disciplina.

Para além disso, outra dificuldade encontrada no ensino da nossa disciplina é a “*falta de um ensino ativo e motivador que prenda os alunos*”¹³, potenciando um maior envolvimento e interesse dos alunos face ao objeto histórico que analisam.

⁷ Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p. 117.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 118.

⁹ Idem, *ibidem*.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ John Chaffer e Lawrence Taylor, “A História e o professor de História”, in Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p. 191.

¹² Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p. 6.

¹³ Idem, *ibidem*.

Compreendemos a importância do recurso a metodologias com um cariz mais expositivo, mas sempre tendo em atenção a diversificação de recursos, bem como, o tempo dedicado às mesmas, pois, consideramos que o “*recurso exagerado ao discurso tradicional [...] e demasiado centrado no professor*”¹⁴ gera apatia nos alunos e, em vez de fomentar hábitos salutareos de diálogo e de partilha de informações, importantes no processo de aprendizagem, torna-se desmotivante. Além de que uma estratégia focada exclusivamente no professor, enquanto único transmissor de conhecimentos, torna-se redutora e não permite avaliar se os estudantes estão a compreender os conteúdos.

Segundo Collingwood, na sua obra *A ideia da História*, a repetição de meras afirmações dadas e a referência apenas a factos históricos, por si só, não pode ser considerado como *História* nem tampouco, deve ser essa a intenção final. O mesmo se pode aplicar ao caso do ensino pois, dotar os alunos com conhecimentos factuais deve servir de base para a construção do conhecimento histórico e não o conhecimento histórico em si.

O currículo, atualmente em vigor, promove em grande parte o recurso à memorização como estratégia de aprendizagem e é utilizado frequentemente pela maioria dos alunos, quando se preparam para um teste. Tal facto ocorre porque, o nosso sistema de avaliação privilegia quem consegue demonstrar um maior número de conhecimentos.¹⁵ E, apesar de se notar uma maior tendência, por parte dos docentes, de contrariar este método, a maioria dos alunos, em especial, os alunos que se encontram em anos finais de ciclo, que tem de realizar exames finais para ingressarem no ensino superior, acabam por recorrer à memorização de conhecimentos, em vez de optarem por caminhos que lhes permitam compreender o que estudam. O recurso à memorização acaba por se tornar castrador para o ensino da disciplina, pois, a maioria dos alunos considera-a muito complexa pelo excesso de informação que têm de memorizar, sem sequer compreenderem a visão do conjunto, olhando-a apenas pelo *esqueleto*, como definiu Collingwood, ou seja, um conjunto de datas, factos e eventos, sem corpo.

Apesar do problema com que o professor se depara não ser idêntico ao do historiador, consideramos que não poderá nunca “*perder de vista o aluno a que se destina*

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Cf. John Chaffer e Lawrence Taylor, *op. cit*, p. 207.

o seu grau de desenvolvimento psicológico”¹⁶ nem deixar de tentar fazer com que os seus alunos possam fazer um *insight*, ou seja, *repensem* o que determinado evento poderá ter desencadeado no desenvolvimento de um dado acontecimento, fomentando a atitude crítica nos alunos, indispensável para a própria construção histórica. Combatendo, por esta via, ideias preconcebidas que os alunos possam ter, como a de que a história já se encontra «feita» e que basta apenas ir ao manual ou à *internet* para se encontrar as respostas a qualquer assunto.

É verdade que a facilidade de acesso à *internet*, como consequência da tecnologia existente hoje, permitiu dinamizar e partilhar informação como nunca antes havia sido possível, porém, e porque apesar de vivermos esta facilidade de acesso a informação quase ilimitada, bem sabemos que a falta de filtros adequados a essa mesma poderá, de certa forma, *deturpar* a própria ideia que cada um faz da *história* que estuda. Assim, parece-nos importante que, a metodologia aplicada para o ensino da História deva fomentar a atitude crítica dos alunos.

O ensino da História deve ser encarado como uma iniciação ao pensamento histórico¹⁷ porque permite ao aluno compreender e ver-se “*como parte integrante da humanidade*”¹⁸ e, para que tal seja possível, deve o professor estimular a forma de pensar que caracteriza o ofício do historiador.¹⁹ A introdução de métodos de pesquisa, em contexto de sala de aula contribui para o desenvolvimento geral da inteligência dos alunos, como também, pode estimular para a reflexão de valores cívicos, importantes para a formação dos alunos, enquanto futuros cidadãos ativos e conscientes.²⁰ Além de que, potencia atitudes interrogativas e de pesquisa que incitam a ultrapassar interpretações “*mágicas ou teológicas da historia.*”²¹ E, contribui significativamente para a “*autonomia intelectual.*”²²

¹⁶ Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p. 98.

¹⁷ Cf. Idem, *ibidem*, p. 89.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 114.

¹⁹ Cf. Idem, *ibidem*, p. 97.

²⁰ Cf. Idem, *ibidem*, p. 114.

²¹ Idem, *ibidem*.

²² Idem, *ibidem*, p. 115.

Para Collingwood, para que algo possa ser considerado como *história* tem de ser muito mais do que uma simples recolha de eventos passados, tem de estar sempre latente a necessidade de uma perspetiva crítica e tal só poderá ser possível se se promover uma *“iniciação aos métodos de investigação histórica lidando com fontes, trabalhando sobre documentos, questionando o material de apoio utilizado, discutindo as diversas interpretações que vão surgindo.”*²³ Pois, o *“contato direto com a noção de fonte histórica [...] desenvolve o aparecimento do espírito crítico nos alunos pelo contacto e análise de fontes e interpretações.”*²⁴

²³ Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit*, p. 12.

²⁴ Maria Cândida Proença, *op. cit*, p. 114.

2. Algumas reflexões em torno do ensino-aprendizagem

*“A famigerada sebenta desapareceu, o magister dixit
cedeu lugar à crítica disciplinada cientificamente [...] faz
do estudante uma consciência e uma vontade produtora,
e não uma simples e passiva máquina, incapaz de actuar por si”²⁵*

Segundo Maria do Céu Roldão, um dos maiores desafios que se coloca ao professor é conseguir criar nos alunos um gosto pela disciplina, independentemente da faixa etária da turma e do ciclo que se leciona.²⁶ E, de acordo com Norman Sprinthall & Richard Sprinthall, um *“professor competente sabe tirar partido desta necessidade e utiliza-a para nutrir nos seus alunos um amor genuíno pela aprendizagem.”*²⁷

É sabido que uma boa relação do docente com a turma tem uma maior taxa de sucesso nos resultados finais obtidos. O papel deste torna-se assim, crucial, em todo este processo.²⁸ Consideramos uma relação positiva com o docente quando potencia a existência de um clima harmonioso de sala de aula, propício à troca e partilha de ideias. E onde certos valores são assegurados como *confiança, respeito, disciplina e interesse*.²⁹

Uma das competências pedagógicas mais apreciadas pelos alunos num professor é o saber explicar à turma a matéria, de forma objetiva, ordenada e sem criar confusão.³⁰

²⁵ Agostinho Fortes, “O Professor”, in *Memoriam do Doutor Teófilo Braga*, Lisboa, 1934, p. 9, in João Couvaneiro, *O Curso Superior de Letras (1681-1911), Nos Primórdios das Ciências Humanas em Portugal*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2010, p. 143. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7500> . [consult.3.out.2017].

²⁶ Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit*, p. 12.

²⁷ Norman A. Sprinthall & Richard C. Sprinthall, *Psicologia Educacional*, Lisboa, Faculdade de Psicologia, 1990, pp. 522.

²⁸ Cf. Idem, *ibidem*.

²⁹ Cf. Maria Emília Brederote Santos, “Os aprendizes de pigmaleão”, in Maria Cândida Proença, *op. cit*, p. 147.

³⁰ Cf. Idem, *ibidem*.

Bem como, saber escutar. A exploração de outros temas, fora do âmbito dos conteúdos escolares, desafia os alunos a procurarem outros tipos de conhecimentos.

Todos os “*professores que tratam os alunos como adultos e que ao mesmo tempo funcionam como iniciadores noutros campos culturais extra-escolares*”³¹ revelam sólidas competências interpessoais, benéficas e significativas para o ensino. Também a *empatia*, o *calor*, o *respeito*, a *autenticidade*, a *autoexposição*, o *confronto*³² são exemplos de algumas competências que reforçam positivamente o papel do docente.

A *empatia* é perceptível na forma como o professor adequa os conteúdos à realidade com que se depara, escutando e ajustando a sua estratégia à sua turma. Uma atitude *calorosa* passa pela forma como se preocupa e se relaciona com os seus alunos o que pode promover um à vontade, importante, para o desenvolvimento de boas relações entre todos. O *respeito* manifesta-se pela forma como o docente transmite confiança e trata os seus alunos como pessoas com valor e potencial. Além de que, responsabiliza os seus alunos pelos seus atos e pela sua capacidade de resolução de problemas. A existência de uma atitude coerente e *autêntica* é, uma das principais características, que mais peso tem nesta relação pois, a falta desta torna a relação vazia e retira-lhe credibilidade, ou seja, perda de confiança na palavra dada. A *autoexposição* pode ser positiva quando muito bem mediada e sem exageros. O *confronto* tem consequências negativas no bom professor como, no mau professor. Não deve ser usado como forma de humilhar/agredir, porém, deve ser utilizado quando se pretende responsabilizar ou fazer respeitar direitos.

A criação de uma boa relação do docente com os alunos é fundamental para o desenvolvimento de “*sentimentos e emoções*”³³ propício ao crescimento de ambientes favoráveis à aprendizagem. Conseguir captar a atenção dos alunos é um dos grandes desafios que se coloca ao docente. Uma boa relação do docente com a turma pode facilitar a criação de interesse nos alunos para os temas abordados, bem como, o gosto pelos conteúdos.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 147.

³² Cf. Idem, *ibidem*, pp. 155-156.

³³ Cf. Maria Cândida Proença, *op. cit*, p. 102.

Conseguir criar motivação nos alunos é vital para a manutenção do interesse pela disciplina. O docente deve tentar ajustar a sua estratégia de forma a valorizar todas as opiniões e gostos, optando, sempre que possível por privilegiar estes fatores para que a mesma não se torne imperativa e inflexível, tornando-a, desta forma, mais «híbrida» ao ter em conta a realidade para a qual se destina. Pois “*a educação não deve forçar a atividade dos educandos através de programas de estudo desadaptados.*”³⁴

Em todo o processo de ensino-aprendizagem a motivação é fundamental para o sucesso desta missão³⁵, bem como, acreditar realmente no potencial da turma. O papel do docente passa, neste ponto, por saber relacionar a diversidade de fatores que sirvam de estímulo para conseguir aumentar a motivação dos alunos.³⁶ Segundo Proença, o facto do aluno se encontrar perante uma necessidade de resolução para um determinado problema apresentado, pode pela reflexão do mesmo motivá-lo para a obtenção de um determinado resultado.³⁷

³⁴ Idem, *ibidem*.

³⁵ Cf. Idem, *ibidem*.

³⁶ Cf. Norman A. Sprinthal & Richard C. Sprinthal, *op. cit*, p. 521.

³⁷ Cf. Maria Cândida Proença, *op. cit*, p. 116.

3. Importância da diversificação de recursos

As estratégias de ensino permitem traçar, por linhas gerais, “*toda a atividade do professor e as conseqüentes reações dos alunos, assim como o conjunto de material que tiver sido preparado para o efeito.*”³⁸ Desta forma, o docente consegue compreender se pode atingir o objetivo a que se propôs quando optou por determinada estratégia.³⁹ A opção por uma determinada estratégia não é definitiva, nem inflexível. Esta pode ser alterada sempre que o docente compreenda que a mesma não serve as finalidades do seu propósito educativo.⁴⁰

Desta forma, o sucesso das estratégias de ensino depende, em grande parte, de uma correta seleção dos objetivos propostos⁴¹, do conhecimento prévio que o docente tem sobre o nível etário e cognitivo dos seus discentes⁴², bem como, do domínio dos conteúdos que leciona. Pelo conhecimento destas, aumenta as possibilidades de uma correta adoção de estratégias e recursos.⁴³

Quanto à diversificação de recursos é, no nosso entender, fundamental em todo o processo de ensino-aprendizagem, pois, a existência de uma variedade de recursos didáticos pode dinamizar as aulas e estimular para o desenvolvimento de novas aprendizagens, contrariando hábitos de passividade comuns nos alunos, decorrentes da prática sistemática dos mesmos métodos.⁴⁴ Permite ainda, aumentar as expectativas dos alunos face à disciplina e incentiva-os para a procura de novas respostas.

³⁸ Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p. 115.

³⁹ Cf. Idem, *ibidem*.

⁴⁰ Cf. Idem, *ibidem*.

⁴¹ Cf. Idem, *ibidem*.

⁴² Cf. Idem, *ibidem*.

⁴³ Cf. Idem, *ibidem*.

⁴⁴ Cf. Idem, *ibidem*, p. 12.

3.1. As Novas Tecnologias

“Os avanços das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), e em particular da internet, têm estimulado de forma decisiva a aprendizagem para além das estruturas educativas formais.”⁴⁵

A tecnologia, hoje, é fruto do resultado das diversas inovações tecnológicas que temos vindo a assistir e a acompanhar. Cada vez mais é presença assídua no nosso quotidiano. Por consequência, todas as inovações têm vindo a aumentar o leque de possibilidades nas mais diversas áreas.

Hoje, é possível aceder-se a uma panóplia de informações que outrora nos era de difícil acesso, através de um *smartphone*. Porém, como a informação que nos chega é tanta e tão díspar, torna-se cada vez mais difícil, para a maioria dos alunos, conseguir distinguir entre informação *fidedigna* de *falsa*

A implicação no nosso quotidiano das Novas Tecnologias (NT) é, de tal forma preponderante que, sentimos a necessidade de ensinarmos os nossos alunos a questionar, sempre, toda a informação que recebem, ou corremos o risco de contribuirmos, quando não os preparamos para tal, para o surgimento de um novo tipo de ignorância.

Por esta mesma razão, entendemos que devemos perspetivar o ensino tendo em conta esta realidade, de forma a tentarmos encontrar soluções adequadas, que ajudem à resolução deste problema.⁴⁶ O recurso às NT deve ter como prioridade alertar os alunos para os mais diversos problemas que existem na rápida aceitação da informação, sem um

⁴⁵ José António Moreira & Angélica M. R. Monteiro, “Formação e ferramentas colaborativas para a docência na web social”, in *Revista Diálogo Educacional*, vol. 15, n.º 45, maio-agosto, Paraná (Brasil), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015, p. 381. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/282429677_Formacao_e_ferramentas_colaborativas_para_a_docencia_na_web_social. [consult. em 3.out.2017].

⁴⁶ Cf. Idem, *ibidem*.

olhar crítico e consciencioso. Bem como, aceitarmos que já não importa apenas ensinar a utilizar mecanicamente estas ferramentas.

Apesar de ser importante fomentar hábitos de leitura nos alunos, também é de grande importância *“ter em conta que a transmissão de saberes está ligada aos valores e atitudes que ajudam a formar os alunos e lhes possibilitam enfrentar o mundo e a vida com outras capacidades.”*⁴⁷ Por isso, entendemos que todos os conteúdos podem ser aprendidos, também, de forma significativa, pelo recurso a estas ferramentas informáticas, pois *“os avanços das tecnologias da informação e da comunicação, e em particular a Internet, tem estimulado de forma drástica a aprendizagem individual autónoma, para além das oportunidades e estruturas educativas formais.”*⁴⁸

Nesse sentido, entendemos ser nosso dever, enquanto docentes, encaminhar e orientar os nossos discentes para o desenvolvimento das suas competências autónomas e sociais. Prepará-los, de forma conscienciosa, criteriosa e capacitativa, para o recurso às mesmas, pois, *“face aos desafios da era da informação, da globalização dos mercados e da evolução científica e tecnológica, a capacidade de aprender, mobilizada de forma continuada e consistente ao longo da vida, aparece como fundamental.”*⁴⁹ Por esta mesma razão entendemos, que a falta de preparação dos alunos para o recurso às NT, sem alguns critérios orientadores, *“arrasta consigo o perigo de contribuir para uma aculturação de massa que dificulte o discernimento, [...], dos valores e cultura próprios da sua civilização.”*⁵⁰

Quanto à metodologia utilizada para aplicação das NT entendemos que todos os métodos e estratégias utilizados devem ter como abordagem os mesmos princípios orientadores dos outros. Podem servir como *“complemento às formas já preexistentes de*

⁴⁷ Idem, *ibidem*.

⁴⁸ Maria Augusta Nascimento, “Personal Learning Environments: Um pretexto para (re)pensar a aprendizagem em plataformas digitais”, in Angélica Monteiro, J. António, Ana C. Almeida (org.), *Educação Online – Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, p. 104.

⁴⁹ Maria Augusta Nascimento, *op. cit*, p. 100.

⁵⁰ Maria Cândida Proença, *op. cit*, p. 100.

criação de conhecimento e de aprendizagem organizacional.”⁵¹ E podem, sempre que possível conceber e delinear estratégias inovadoras que contemplem estes recursos. No entender de Alexandra Okada, o *“papel dos educadores é vital, tanto para abrir possibilidades de uso de recursos tecnológicos mais variados e avançados; como também, do desenvolvimento das competências de investigação científica através das redes móveis e personalizadas.*”⁵²

O docente tem agora como função, facilitar e orientar os seus alunos na construção de conhecimentos, ensinando-lhes a ter uma atitude mais crítica, ativa, empreendedora, cooperativa e colaborativa.⁵³ Segundo António Moreira, o controlo da aprendizagem dos alunos, que antes era encarado como responsabilidade exclusiva do docente, mudou com o avanço das NT. Muitos deles já dominam e compreendem as bases essenciais para conseguirem criar e recorrer a diferentes ferramentas informáticas *“os estudantes deixaram de ser simples utilizadores e passaram também a ser autores e produtores de documentos multimédia.*”⁵⁴

O professor que utiliza estes recursos deve *“conhecer os softwares, perceber o que se pretende com sua utilização do ponto de vista pedagógico e perceber se o recurso é o mais adequado para o efeito esperado.*”⁵⁵ Com a introdução destas novas ferramentas deve ter em conta a melhoria e o desenvolvimento da atividade docente, *“recorrendo a modelos de formação que se coadunem com as dinâmicas pedagógicas da web social.*”⁵⁶

⁵¹ J. António Moreira, “Novos Cenários e Modelos de Aprendizagem Construtivistas em Plataformas Digitais”, in *Educação Online – Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, p. 30.

⁵² Cf. Alexandra Okada, António Serra, Silvar Ribeiro e Sônia Pinto, “Competências-chave na era digital para coaprendizagem e coinvestigação”, in *Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 2. Disponível em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3080> . [consult. em 3.out.2017].

⁵³ Cf. Alexandra Okada, “Novos paradigmas na educação online com a aprendizagem aberta”, in *5th International Conference in Information and Communication Technologies in Education*, Portugal, Challenges, Centro de Competência da Universidade do Minho, maio, 2007, p. 7. Disponível em <http://oro.open.ac.uk/28633/>. [consult. em 3.out.2017].

⁵⁴ J. António Moreira, *op. cit.*, p. 29.

⁵⁵ José António Moreira & Angélica M. R. Monteiro, *op. cit.*, p. 383.

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

O aumento do recurso às NT reflete “a incorporação de uma nova cultura de comunicação e interação ubíqua na sociedade.”⁵⁷

O PowerPoint

A ferramenta *PowerPoint* é um programa utilizado para a criação, edição e exibição gráfica de apresentações, em que o objetivo é, de uma forma dinâmica, expor conteúdos. Foi originalmente criado por Robert Gaskins e Dennis Austin, em 1983, em Silicon Valley, por uma empresa denominada de *Forethought, Inc.* e adquirido posteriormente, pela *Microsoft*, no final da década de 80. Começou a tornar-se popular, já no início dos anos 90, quando integrou o *Microsoft Office*, devido ao seu dinamismo e às suas inúmeras potencialidades para apresentações.

Atualmente, os jovens estão tão habituados a uma realidade em que as imagens fazem parte do seu quotidiano que a apresentação dos conteúdos, sem suporte de outros meios físicos além dos manuais escolares, provoca, na maioria dos casos, desinteresse e consequentemente dificuldades no processo de aprendizagem. Por esta mesma razão, entendemos que as estratégias de ensino utilizadas devem contemplar a forma como os nossos alunos estão habituados a se expressarem.

Compete à escola, enquanto instituição educativa ter como função, preparar para a vida em sociedade. Por conseguinte, não se pode alhear das modernas exigências nas quais as imagens já fazem parte do quotidiano, realidade que é muito sentida pelos jovens alunos que estão habituados a uma interatividade que torna as aprendizagens ligadas às NT fundamentais.

Uma ferramenta apontada como de grande utilidade para o docente é o *PowerPoint*. Esta pode ser contributiva para a construção dos conhecimentos dos alunos, por permitir, pela exposição dos seus *diapositivos*, facilitar a aprendizagem dos alunos,

⁵⁷ Vani Kenski, Marcelo Gozzi, Teresa Jordão, Rodrigo Silva, “A experiência de ensinar e de aprender em ambientes virtuais abertos”, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2012, in Alexandra Okada, *Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development*, Londres, Scholio Educational Research & Publishing, 2012, p. 10. Disponível em http://oer.kmi.open.ac.uk/?page_id=1393. [consult. em 3.out.2017].

por recurso a imagens, vídeos, documentos textuais [et. al], de uma forma muito mais simplificada e dinâmica que o recurso apenas ao manual não possibilitaria.

No entanto, o recurso à mesma não dispensa que o professor relegue para esta, a sua função. Pois, entendemos que devem estar sempre presentes parâmetros norteadores para uma correta aplicação desta, enquanto recurso didático. Salientámos assim, a importância de se incluir nos *diapositivos*, documentos que incentivem à análise, informação textual simplificada e curta, bem como, uma correta identificação dos autores dos documentos apresentados. Devendo por isso, ser cuidada a sua aparência. Evitando possuir erros ortográficos.

Consideramos igualmente importante, disponibilizarmos informações que possam ser interessantes e que estimulem para a aprendizagem, motivando os alunos. Bem como, partilhar outros tipos de informações que, de outra forma seria mais difícil, como barras cronológicas, mapas interativos, esquemas conceituais, vídeos.

Compreendemos que, apesar de existirem aspetos benéficos na adoção da mesma, em sala de aula, devemos também ter em conta certos aspetos. Como, em que propósitos as devemos utilizar? Entendemos que, enquanto recurso didático deve ser utilizado com moderação. A sua utilização deve ser premeditada e deve estar em conformidade com a intencionalidade do ato educativo que se pretende atingir. Porque, o recurso a esta com muita informação textual provoca desânimo na plateia. O professor que opta por ler o que tem escrito nos seus *diapositivos* diminui a atenção da turma. Por isso, entendemos esta como um bom recurso didático quando é devidamente utilizada, ou seja, com uma finalidade definida previamente e tendo sempre em atenção, a turma para a qual dirigimos.

A plataforma *Slack*

A plataforma *Slack* é ainda muito recente. Foi criada em 2013 por uma empresa de softwares canadiana (Slack Technologies, Inc.) com sede em Vancouver, British Columbia e Canadá. A origem desta deve-se, em grande parte, ao encerramento de um jogo online *Glitch* que a empresa tinha, outrora denominado por *Tiny Speck*, e esta servia para que todos os membros da equipa pudessem contactar, através desta, em tempo-real.

Porém, só a partir de 2015 começou a crescer, facto que a levou a ser considerada como a primeira na *Forbes Cloud 100 list*, de 2016.

Quanto ao seu software, o *Slack*⁵⁸ é uma ferramenta informática baseada na ideia de *cloud* «nuvem onde se armazena informação» em que é possível trabalhar por *teams* (equipas). Esta permite que sejam formadas comunidades, utilizando um URL específico que pode ser enviado por um dos membros da equipa, para convidar a adesão a novos membros. O seu propósito é a reunião de um conjunto de pessoas com o mesmo grupo de interesse, reunidas para trabalhar em equipa. Apesar de disponibilizar serviços de mensagens diretas (*Direct messages*), o que possibilita uma comunicação mais fácil e direta entre membros, o seu fim não é ser um *chat*, mas sim, um espaço onde se pode trabalhar, em tempo-real por equipa e disponibilizar informação, bem como, editá-la sempre que necessário.

Esta ferramenta tem como principais vantagens para o ensino: possuir um design apelativo; ser composta por diversas ferramentas que facilitam a interação dos alunos; permitir trabalhar por equipa, em tempo-real (dentro e fora da sala de aula); proporcionar a partilha de conteúdos e outros instrumentos didáticos que facilitam a aprendizagem; estar disponível, de forma gratuita no *Google Play Store* e na loja *Windows*, compatível com todos os *smartphones*.

A criação de um Website

*“O professor, em um mundo em rede, é um incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais. Que procura conhecer-se para definir seus caminhos, a cada instante”*⁵⁹

Apesar de defendermos o recurso à iniciação ao método histórico e a todas as problemáticas que o ensino do mesmo levanta, entendemos que o deva fazer, de forma faseada, tendo sempre em atenção a faixa etária a que se destina, não relegando para segundo plano o fator motivação, responsável pelo interesse e gosto dos alunos, pela

⁵⁸ O acrónimo *Slack* significa, em inglês *Searchable Log of All Conversation and Knowledge*.

⁵⁹ Vani Kenski, [et. al.], *op. cit.*, p. 2.

disciplina. Entendemos que, por via desta “porta” conseguimos criar pontes e espaços de diálogo, essenciais para o sucesso da nossa missão.

Excluir a realidade escolar da realidade a que constantemente acedem é, separar os “mundos” em que as duas existem e, quando o fazemos, acabámos por excluir inevitavelmente a possibilidade da existência das duas no mesmo plano. Esta separação afasta não só os alunos da disciplina como também, a aplicabilidade desta no mundo em que a maioria dos alunos já “vive”.

Desta forma, entendemos que *“a linha de separação entre os espaços de aprendizagem formal e informal é ténue, e tem tendência a diluir-se”*⁶⁰ e que, pelo recurso às mais diversas ferramentas informáticas, como o Webnode se *“reforça a necessidade de expansão da intervenção e ação da escola orientada, agora, também, para as redes de conhecimento que se desenvolvem no espaço virtual.”*⁶¹

Consequentemente a prática reiterada destas ferramentas leva a uma constante articulação entre *professores e alunos*, tornando estes em *atores ativos* e criativos na construção do seu próprio conhecimento, *“na medida em que compartilham suas experiências, pesquisas e descobertas.”*⁶²

3.2. A visita de estudo

No entender do professor Miguel Monteiro, a visita de estudo surge como *“estratégia de consolidação/aplicação de conhecimentos ou de motivação para o estudo de uma determinada matéria”*⁶³ ao mesmo tempo que tem um papel relevante na construção do conhecimento histórico, desde que bem fundamentada e planeada.

Proença entende que a mesma deve ser encarada como uma aula, se bem que noutros *“moldes”* por conseguir promover um ensino mais ativo e interessante e por colocar o aluno em contacto direto com fontes históricas, o que facilita a sua iniciação ao

⁶⁰ José António Moreira & Angélica M. R. Monteiro, *op. cit*, p. 382.

⁶¹ Idem, *ibidem*.

⁶² Vani Kenski, [et. al.], *op. cit*, p. 2.

⁶³ Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit*, p. 148.

método de pesquisa histórico bem como, fomenta o desenvolvimento do espírito científico, pela recolha e tratamento de informação observável.

A visita de estudo tem ainda uma componente de formação cívica e reforça o sentimento de preservação do património histórico-cultural ao dar uma “*maior consciência do lugar da escola no contexto social e geográfico, levando a um enriquecimento cultural do aluno e do cidadão.*”⁶⁴ Além de ser uma excelente forma de criar laços entre pares e de aproximar alunos de professores.

Existem algumas linhas orientadoras que devem ser definidas e que norteiam a finalidade da mesma, ou seja, deve-se ter em conta “*as finalidades gerais das visitas de estudo não devem ser gastronómico-culturais, mas devem ter em conta o desenvolvimento da capacidade analítica dos alunos partindo de objetos históricos, ao mesmo tempo que lhes fomenta o espírito da observação e a motivação para as grandes questões da arte, da necessidade de preservação do património cultural bem como, a aprendizagem da investigação da História regional e local.*”⁶⁵ Assim sendo, em primeira instância, deve o professor compreender em que momento da sua planificação faz sentido que a atividade ocorra. Devendo assim, tentar compreender se a mensagem final que pretende passar é transmitida aos seus alunos.

Apesar de que, no entender de Cândida Proença, a visita de estudo ser sempre um fator de motivação para o tema, a falta de uma planificação adequada, organizada e coesa, pode constituir um problema para a sua eficácia. Existem, segundo esta, alguns momentos de estruturação que dizem respeito ao professor que a organiza, como por exemplo, a escolha da data e em que momento a mesma acontece, ou seja, se a mesma acontece antes da unidade didática ser dada, se durante ou depois, tendo sempre em atenção a intenção da mesma.

Outra questão que merece atenção por parte do professor antes da sua realização é, se a mesma será dirigida exclusivamente por ele ou, se esta será “livre” dando

⁶⁴ Idem, *ibidem*.

⁶⁵ Idem, *ibidem*.

autonomia aos alunos para que explorem o local e recolham o máximo de informação que consigam.

Acresce ainda outro aspeto importante na organização, o conhecimento prévio que o docente deverá ter sobre o local a visitar. Este facto poderá revelar-se determinante para o sucesso da visita, na medida que poderá evitar possíveis percalços.

As questões relacionadas com aspetos burocráticos e organizativos podem constituir entraves se não forem planeadas com antecedência. Assim, é de imensa importância que, durante o momento da planificação da atividade se tenha sempre o máximo de *“cuidado didático e administrativo na sua preparação [...] porque a visita de estudo não é um simples passeio fora da escola, mas uma realidade curricular transversal.”*⁶⁶

⁶⁶ Idem, *ibidem*.

4. As teorias de ensino-aprendizagem aplicadas à nossa prática letiva

Quanto às teorias e modelos de aprendizagem que considerámos terem sido as que mais se adequaram à nossa prática letiva, referimos alguns dos aspetos mais importantes da teoria de aprendizagem de Jerome Bruner e do Vygotsky, bem como, salientámos alguns aspetos referidos por Richard Arends, sobre o modelo de ensino-aprendizagem cooperativo. Com esta opção não pretendemos diminuir a importância que todas desempenham nos diversos processos de aprendizagem.

A teoria de aprendizagem de Jerome Bruner

Segundo este autor, o objetivo final do ensino é, ensinar os alunos a compreenderem a estrutura geral de um determinado assunto. Pois, pela compreensão do particular pode o aluno relacionar o conhecimento que tem, de forma significativa, com o geral. Desta forma, a aprendizagem com base na estrutura surte efeitos mais duradouros. Esta teoria assenta em quatro princípios: *motivação, estrutura, sequência e reforço*, importantes para o processo de aprendizagem dos alunos.

Bruner defendeu que um dos factores que mais contribui para a construção do conhecimento é a motivação, pois, é pela vontade do aluno no aprender que desperta a curiosidade, adquire competências e aprende em conjunto com outros. Compreendeu o papel da importância da estrutura do corpo de conhecimentos, bem como, o envolvimento dos alunos num processo sequencial, de forma a conseguirem, passo a passo, atingirem os objetivos gerais definidos. Apontou o reforço como vantajoso no processo de construção de conhecimentos.

O incentivo a uma aprendizagem pela descoberta, tem por base a experiência, importante e significativa para o processo ativo de construção de conhecimentos.

Quanto à aplicabilidade desta teoria na nossa prática letiva:

Motivação - Pelo conhecimento prévio que tínhamos dos alunos sobre os seus gostos e preferências, utilizámos diversos recursos, como os informáticos e a realização

de uma visita de estudo, por compreendermos a importância que têm para a aprendizagem criar motivação e interesse em quererem aprender.

Estrutura - Pensámos as nossas planificações tendo como intenção final, conduzirmos os nossos alunos para a compreensão da estrutura geral de um determinado assunto. Por isso, optámos por fazer questões particulares, no início das sessões, de forma que, passo a passo, seguissem um fio condutor que permitisse chegar a uma visão estrutural do tema. A revisão dos temas serviu para consolidar e reforçar conteúdos, como também, para facilitar os alunos à compreensão destes no seu todo.

Sequência - Pela realização de diversas atividades (resolução de exercícios em pares, análise de documentos em conjunto, atividades de grupo na sala de informática, visita de estudo) facilitámos o entendimento dos aspetos mais simples abordados, para depois, conseguirem aplicá-los num conceito mais abrangente. A nossa abordagem dos conteúdos fomentou sempre questões que ajudaram à compreensão do sentido geral do assunto. Apresentámos também alguns esquemas-síntese dos assuntos tratados de forma a reforçarmos os conteúdos gerais abordados.

Reforço - Demos o nosso *feedback* aos alunos, por entendermos ser benéfico orientar o trabalho desenvolvido por eles. Entendemos também, como significativo para a construção do conhecimento, incentivar a uma reflexão crítica dos trabalhos que realizaram.

Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)

A teoria de Vygotsky assenta no princípio de que o desenvolvimento do sujeito faz parte de um processo sociocultural.

Este definiu a Zona de Desenvolvimento Proximal como o resultado da “*distância entre dois níveis: o do desenvolvimento atual, avaliado pela capacidade que uma criança tem de resolver problemas sozinho, e o nível de desenvolvimento avaliado pela capacidade que uma criança tem de resolver problemas quando auxiliado por alguém.*”⁶⁷

⁶⁷ Yves Bertrand, *Teorias Contemporâneas da Educação*, 2ª edição, Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget, 2001, p. 132.

Dito de outra forma, a ZDP avalia o potencial de desenvolvimento, tendo por base a avaliação do desenvolvimento atual (passado).

Compreendeu que, pela colaboração entre pares se possibilitava a aprendizagem dos aspetos socioculturais porque, ensinar algo dependia de “*um comportamento muito específico e determinado*” de quem ensinava e era “*determinado pelo contexto de aprendizagem*.”⁶⁸ Bem como, possibilitava a aprendizagem dos aspetos cognitivos. Estes com efeitos duradouros no entendimento.

Quanto à aplicabilidade desta teoria de aprendizagem na nossa prática letiva:

Durante o nosso estágio, optámos por fomentar atividades que implicavam a colaboração entre alunos, como a realização de trabalhos de grupo e a resolução de exercícios e análises em conjunto. Pretendemos pelo recurso a estas atividades em grupo, desenvolver competências cognitivas e sociais.

Comprendemos, pela análise que fizemos aos inquéritos preenchido pelos estudantes que, todas as estratégias que contemplavam esta dimensão (a de colaboração), tornavam-se mais estimulantes e aumentavam, por consequência, o grau de interesse deles na obtenção de um objetivo comum.

A aprendizagem cooperativa como modelo de ensino-aprendizagem

Segundo este modelo de aprendizagem, o desenvolvimento de competências académicas, sociais e de relacionamento humano tem igual relevância no desenvolvimento do aluno.

De acordo com Richard Arends⁶⁹, a aprendizagem cooperativa, enquanto princípio, defende a ideia de que o sucesso académico depende da interajuda entre colegas, desta forma, o produto final resultante do sucesso na interação entre pares é de todos e para todos.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, pp. 132-133.

⁶⁹ Cf. Richard Arends, “Aprendizagem Cooperativa”, in *Aprender a Ensinar*, capítulo 10, Amadora, McGraw-Hill de Portugal, Lda., 1995, pp. 343-375.

A aprendizagem cooperativa releva a importância do indivíduo no grupo como parte responsável e fundamental do sucesso da equipa. Compreende o espaço da sala de aula como um *laboratório* para a vida real, por isso, entende que esta deve ser democrática. Defende o desenvolvimento das relações interpessoais, por contribuir para uma atitude mais positiva/tolerante face ao outro, o que ajuda a combater o preconceito racial e étnico.

Enquanto modelo de ensino, recorre à experiência para estimular o discernimento, por consequência, à compreensão do tema estudado para quem nunca experienciou determinado fenómeno. Ensina para a cooperação, isto é, aposta no desenvolvimento de competências comunicacionais e sociais (partilha, participação) bem como, as de grupo.

Tem como principais finalidades: satisfazer e estimular o bom desempenho académico de todos os alunos; promover a tolerância e a aceitação da diferença; desenvolver competências de cooperação e de colaboração entre pares (benéficas para a sociedade e para o indivíduo); melhorar as relações sociais; incentivar para comportamentos de cooperação e de interajuda que facilitam o processo de aprendizagem académica.

Quanto à aplicabilidade deste modelo de aprendizagem na nossa prática letiva:

Tivemos sempre presente a importância do factor motivação dos alunos, por isso, adaptámos alguns dos recursos que mostraram ter mais interesse (NT, visita de estudo e trabalhos de grupo) e ajustámo-los aos propósitos educacionais.

No decurso das aulas entregámos diversos *documentos de apoio à aula* com exercícios, para compreendermos se os alunos estavam a entender os conteúdos e para cada tarefa estipulámos um período de tempo para a sua realização. Optámos por fazer a correção em grupo, privilegiando a discussão dos temas pelos alunos.

Propusemos a realização de trabalhos de grupo que estimularam o desenvolvimento de competências de relacionamento humano, social, bem como, académico. Apresentámos a finalidade da realização destes trabalhos para o *website* e para a construção do conhecimento do todo. Bem como, salientámos a responsabilidade que cada grupo/elemento tinha na sua execução.

Reforçámos a moral de sala de aula salientando aos alunos diversos aspetos positivos como negativos, bem como, responsabilizámo-los pelo seu desempenho, indicando a esse propósito eventuais soluções de melhoria.

Salientámos a importância de comportamentos para maior tolerância pela realização da assembleia de turma, por temas tratados em aula que originaram discussão e pela visita de estudo à Igreja de São Domingos, em Lisboa.

Parte II– Contexto Escolar

1. O concelho da Moita

A Moita é uma *vila* pertencente ao distrito de Setúbal, sede de município, e é composta por quatro freguesias atualmente: a freguesia de Alhos Vedros, a freguesia da Moita, a União das Freguesias de Baixa da Banheira e Vale da Amoreira e a União das Freguesias de Gaio-Rosário e Sarilhos Pequenos. Tem aproximadamente cerca de 66.029 habitantes. Com uma área total de 55,26km². O município é limitado a norte pelos baixios do estuário do Tejo, pelo município do Montijo, a sul por Palmela e a oeste pelo Barreiro.

Breve contextualização histórica

Pensa-se que só após o período da reconquista cristã, com a reconquista de Alcácer do Sal, em 1217 se deu o povoamento da faixa ribeirinha. Esta região havia sido doada por D. Sancho I em 1186 e todo o território compreendido entre a margem sul do rio Tejo até ao Alentejo encontrava-se na dependência da ordem militar de Santiago. Surgiu assim a freguesia de *são Lourenço de Alhos Vedros*, a 5 de outubro de 1319 e esta recebeu, graças à sua crescente importância, o estatuto de *vila* em 1477 e a *carta de foral* em 1514.

O território desta *vila*, no séc. XIV e XV, era composto pelos atuais concelhos da Moita, do Barreiro e Sarilhos Pequenos. Como era um terreno composto por pinhais e matas, o desenvolvimento humano foi lento. Sendo por isso que, o desenvolvimento da Moita se deveu, em grande parte, ao transporte de cabotagem entre o sul do país e a cidade de Lisboa.

A Moita foi elevada a *vila* em 1691 e com essa elevação o papel importante da *vila* de Alhos Vedros foi diminuindo. De tal forma que no séc. XVIII, perdeu a maior parte dos seus moradores. Perdeu a sua autonomia municipal quando foi integrada na freguesia do Barreiro, em 1855, e, posteriormente, quando foi integrada como freguesia da Moita, em 1861. Voltando de novo a ser parte do concelho do Barreiro quando se deu a extinção do concelho da Moita, em 1895. Em 1898 foi reintegrada, de novo, no concelho da Moita.⁷⁰

⁷⁰ Cf. Câmara municipal da Moita. Disponível em <http://www.cm-moita.pt/frontoffice/pages/858>, a 12/06/2016. [consult. 12.jun.2016].

A educação

A educação na Moita é uma das prioridades do município e, em especial, a melhoria do ensino público de qualidade para todos. Disponibiliza para tal, recursos às comunidades educativas para que o sucesso seja atingido. Aposta na dinamização de uma vasta rede concelhia de Bibliotecas escolares, no desenvolvimento de projetos de alfabetização informática, numa vasta ação social escolar e no apoio às famílias.

Promove ainda diversas iniciativas como a *quinzena da juventude*, a *feira de projetos educativos* e os *serviços educativos e de animação das Bibliotecas*. É ainda de salientar que, como forma de minimizar as vastas desigualdades sociais que existem no seu concelho, a câmara municipal da Moita subsidia despesas com os manuais escolares e material didático e fornece gratuitamente almoços ou suplementos nos refeitórios escolares a todos os alunos do 1º ciclo carenciados, que são abrangidos pela ação social escolar.

O Conselho Municipal de Educação da Moita

O Conselho Municipal de Educação da Moita trabalha ao serviço e em coordenação com o município da Moita e tem como objetivos gerais: promover o envolvimento de todos os cidadãos na comunidade educativa, criar uma planificação de base de acordo com as necessidades educativas e os diversos contextos sociais do município, promover medidas de combate às diversas desigualdades existentes em todo o município e a valorização da diversidade cultural.

Desta forma, tem como objetivos estratégicos o estímulo à formação de base de todos os seus cidadãos, a melhoria da qualidade de ensino no pré-escolar, o combate ao abandono e ao insucesso escolar, a criação de uma oferta curricular diversificada que vá ao encontro das necessidades existentes na comunidade, a sensibilização pela defesa e garantia do património natural, local e suas tradições que caracterizam o concelho e a *afirmação do projeto educativo do concelho como elemento estruturante das políticas educativas do município*.⁷¹

⁷¹ Câmara Municipal da Moita, “Regimento interno”, in *Conselho Municipal de Educação da Moita*, [s.l.], 2015, pp. 2-15.

A freguesia do Vale da Amoreira

Ainda antes do Vale da Amoreira ser freguesia era conhecido como um vale isolado, com pouquíssimas pessoas que lá residiam. Sabe-se que em 1940 pouco mais de uma centena de pessoas lá residia o que era considerável face aos números demográficos de outras terras e atendendo ao facto de ser um local isolado e sem vias de comunicação com o resto do concelho. A maioria das casas que lá existiam era rodeadas por árvores e silveiras, o que veio a dar o nome de *amoreiras*.⁷² Nesta altura, tanto o Vale da Amoreira como a Baixa da Banheira faziam parte da freguesia de *Alhos Vedros*.

Em 1969, com o arranque do desenvolvimento de algumas urbanizações, a zona das Fontainhas foi a primeira zona do Vale da Amoreira a ser urbanizada com a construção de vivendas. Foi nesta mesma altura que se deu o *boom* da urbanização, em especial, na zona do *pinhal do Zé Ribeiro* com a construção de casas acessíveis à maioria da população através de *Fundos de Fomento de Habitação*, ou seja, *Contratos de Desenvolvimento para a Habitação*, motivo este que fez com que muitas famílias se viessem a instalar neste sítio.

Em 1969, com o arranque do desenvolvimento de algumas urbanizações, a zona das Fontainhas foi a primeira zona do Vale da Amoreira a ser urbanizada com a construção de vivendas. Foi nesta mesma altura que se deu o *boom* da urbanização, em especial, na zona do *pinhal do Zé Ribeiro* com a construção de casas acessíveis à maioria da população através de *Fundos de Fomento de Habitação*, ou seja, *Contratos de Desenvolvimento para a Habitação*, motivo este que fez com que muitas famílias se viessem a instalar neste sítio.

Em 1975, refugiados e retornados das ex-colónias começaram a chegar ao Vale da Amoreira e começaram a ocupar, de forma ilegal, casas que ainda estavam a ser construídas e que tinham sido destinadas a famílias com graves carências socioeconómicas. Nesta época existiam mais de “600 fogos em vias de conclusão e numa só noite, cerca de quatrocentas famílias oriundas de terras de África, ocuparam

⁷² Cf. Tatiana Marques, *Vale da Amoreira – A história de uma freguesia*, [s.l.], Graunauta associação cultural, 2013, p.16.

*compulsivamente algumas daquelas habitações, na maioria ainda sem as condições necessárias de habitabilidade.”*⁷³

Algumas destas famílias necessitadas viviam em barracas em condições muito precárias e, com a ocupação ilegal destas casas, durante algum tempo por lá permaneceram. Esta situação fez com que fosse criada uma Comissão de Moradores para que se conseguisse resolver estas ocupações ilegais e conseguisse amenizar a frágil situação criada⁷⁴. Houve também alguns que se aproveitaram com esta situação e fizeram negócios com habitações que não eram suas. Estas ações abusivas acabaram por ser solucionadas pela Comissão de Moradores.

A Câmara Municipal da Moita conseguiu fazer um acordo *“com o fundo de fomento de habitação para aquisição de casas com conclusão de obras, permitindo fogos condignos para todos a custos controlados no contexto social.”*⁷⁵

A freguesia do Vale da Amoreira foi criada a 11 de março de 1988⁷⁶ por anexação ao bairro Brejos Faria, que pertencia na altura à freguesia de Alhos Vedros. Esta medida foi contestada, duas vezes por abaixo-assinados, pela maioria dos moradores dos Brejos. Estes diziam que nada tinham a ver com a freguesia do Vale da Amoreira porque a vida destes moradores era a maior parte das vezes, em Alhos Vedros. Além de que não existia sequer uma ligação direta entre o Vale da Amoreira a Brejos Faria. Só após o segundo abaixo-assinado em 1994, foi entregue à assembleia da república.⁷⁷ E, em 1995, as autarquias locais decidiram positivamente às aspirações dos moradores.⁷⁸

“Artigo 1º - Alterada a delimitação entre as freguesias de Vale da amoreira e Alhos Vedros, no concelho da Moita e distrito de Setúbal.

⁷³ José Rosa Figueiredo, “Baixa da Banheira”, in *Contributos para a História local*, álbum 1, [s.l.], Quimigráfica, Artes gráficas e publicações, Lda., [s.d.], p. 124.

⁷⁴ Cf. Tatiana Marques, *op. cit.*, p.18.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 19.

⁷⁶ Cf. José Rosa Figueiredo, *op. cit.*, p. 124.

⁷⁷ Cf. Tatiana Marques, *op. cit.*, p. 25.

⁷⁸ Cf. Idem, *ibidem*.

*Artigo 2º - os limites das referidas freguesias, conforme representação cartográfica em anexo, são: Vale da Amoreira. A norte – caminho municipal, avenida 1º de Maio e o limite da freguesia de Alhos vedros. A poente e a sul – o limite entre os concelhos da Moita e do Barreiro. A nascente - Vala Real a partir do limite da freguesia de Alhos Vedros até à bifurcação que limita a poente o bairro Brejos Faria, prédio nº 21 da secção J, infletindo para nordeste pela azinhaga que corta o prédio nº 16 da secção j e limita a sul o bairro Brejos Faria, até encontrar a Vala que limita a nascente o referido bairro, seguindo para sul ao longo da mesma até atingir o limite dos concelhos da Moita e do Barreiro.*⁷⁹

Serviços de apoio à comunidade

Transportes: Atualmente circulam transportes públicos dentro da freguesia. Contudo, durante largos anos a população tinha de se deslocar até à estrada nacional na Baixa da Banheira para conseguir apanhar transporte. Só a 3 de outubro de 2005 foi criada uma carreira que liga o Vale da Amoreira à sede de concelho (Moita).

Saúde: Em 2004 começou a funcionar no Vale da Amoreira a Extensão do centro de saúde da Baixa da Banheira, até então a população residente tinha de se dirigir a outros centros de saúde como o da Baixa da Banheira e o de Alhos Vedros. Com o aumento de serviços passou a designar-se de unidades de cuidados de saúde personalizados do Vale da Amoreira.

Religião: Apesar de existirem vários cultos no Vale da Amoreira, poucos são os que tem instalações próprias. O santo padroeiro da terra é S. João Batista e as suas festas de comemoração são incluídas nas festas multiculturais com uma procissão.

Biblioteca: Esta foi inaugurada a 10 de junho de 1990. Surgiu como resposta à crescente quantidade de jovens que frequentavam, na época, o ensino na freguesia. Atualmente, está prevista a ampliação da mesma para a criação de salas de leitura, de informática e exteriores.

Cultura: O Vale da Amoreira tem muitas características urbanas. Como é composta por muitos jovens, o relevo de artes urbanas como *graffiti* e o *hip-hop*, surge

⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 24.

como resultado deste ambiente⁸⁰. Mais recentemente, pela *Iniciativa de Bairros Críticos* e no sentido de se promover a inclusão social dos jovens pela arte, tem sido realizadas formações específicas. Tendo sido construído em abril de 2013, o *CEA – centro de experimentação artística*.⁸¹ Também a questão do associativismo é um ponto marcante para esta terra pois, a mesma tem cinco associações desportivas⁸², duas associações jovens e uma de reformados.⁸³

Educação: Em 1981 foram criadas duas escolas do 1ºciclo. Enquanto o pré-escolar só foi criado no ano de 2000 com capacidade para 60 crianças. A freguesia tem apostado na criação de unidades de ensino estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo. A escola básica do 2º e 3º ciclo do Vale da Amoreira começou a funcionar no ano letivo de 95/96. Sendo que no ano letivo de 2003/2004 foi constituído o agrupamento de escolas do Vale da Amoreira.⁸⁴

⁸⁰ Cf. Tatiana Marques, *op. cit.*, pp.146-147.

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 151.

⁸² Associação Inter-Cultural do Vale da Amoreira e Baixa da Banheira; Centro de Atletismo do Vale da Amoreira; Clube Recreativo, Cultural e Desportivo Brejos Faria; Grupo Desportivo e Recreativo de Portugal e a Juventude Sócio-Cultural e Desportiva das Fontainhas.

⁸³ Cf. Jaime Machado Nazaré (coord.), *História das freguesias e concelhos de Portugal*, vol. 11, Matosinhos, editora Quidnovi, 2004, p. 37.

⁸⁴ Cf. Tatiana Marques, *op. cit.*, p.131.

2. A Escola Secundária da Baixa da Banheira

A comunidade escolar e o Projeto Educativo

A Escola Secundária Baixa da Banheira localiza-se na Praceta Maria Helena Vieira da Silva, 2835-220, na freguesia do Vale da Amoreira.

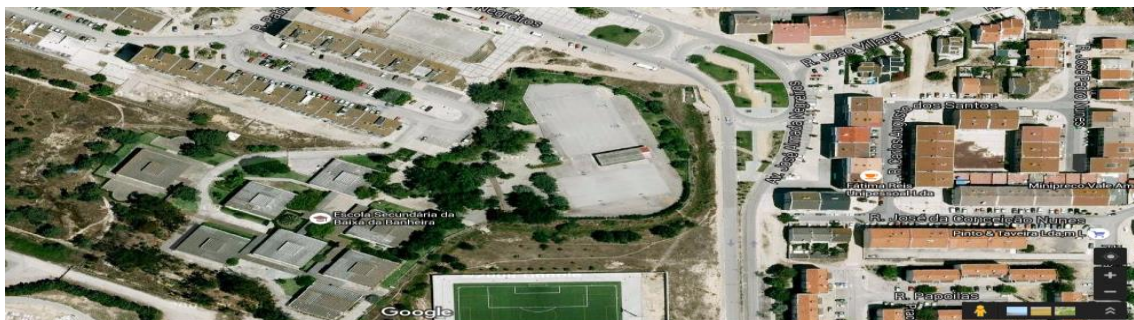


Figura 1 - Vista aérea da escola - Retirado do Google maps

Foi construída em 1977. Esta ainda continua pelo seu nome associada à freguesia da Baixa da Banheira e por essa mesma razão ainda tem o mesmo nome dado à altura da sua fundação. Encontra-se ainda em discussão na assembleia geral, um patrono para esta escola. Desde a sua construção que foram adicionados espaços verdes à escola e ainda dois blocos, posteriormente.



Figura 2 - Fotografia de espaços verdes na escola



Figura 3 - Fotografia de espaços verdes na escola

Só em 1997 foi remodelado o espaço desportivo da escola. Não possui pavilhão gimnodesportivo, sendo por isso que todas as atividades desportivas interiores são realizadas numa sala para esse fim.



Figura 4 - Fotografia da entrada da escola



Figura 5 - Fotografia de corredores de acesso

Em 2001, foi acordado com a câmara municipal da Moita e com a Direção Regional da Educação de Lisboa (DREL) a construção do pavilhão desportivo da escola, participado através do orçamento de estado a 70%. Os custos resultantes seriam assumidos pela câmara⁸⁵. Contudo, e apesar de todos os esforços até agora despendidos, este projeto tem ficado excluído dos financiamentos, com prejuízo para todos os jovens.

Quanto à sua população educativa percebe-se que, em termos gerais, a redução do número de alunos é transversal a todos os níveis de ensino da freguesia. O abandono escolar e o insucesso escolar são os dois principais motivos de preocupação da escola. O seu projeto educativo contempla esta realidade e tenta ao máximo combater este flagelo social que se reflete na composição social e demográfica do Vale da Amoreira.

⁸⁵ Cf. Tatiana Marques, *op. cit.*, p. 132.

A Escola Secundária da Baixa da Banheira ao ser abrangida pelo programa TEIP pretende, pelo seu projeto educativo, criar estratégias e objetivos para solucionar esta realidade, recorrendo a estratégias de discriminação positiva pela diferenciação de oferta curricular, além da regular. Esta diversificação curricular tenta ir ao encontro com as necessidades da comunidade de forma a criar a possibilidade, pela formação dos membros da sua comunidade, em áreas de maior importância para o concelho e a nível nacional.

A escola participa em diversas atividades e promove a favor da inclusão, a cultura local, ao elaborar projetos que incluem as expressões artísticas próprias da terra, como o *graffiti*. Foram instalados nos telhados da escola painéis solares. Contudo, apesar de terem sido removidas algumas placas fabricadas com material potencialmente cancerígeno, *amianto*, ainda só uma parte da escola foi intervencionada.



Figura 6 - Fotografia de participações da escola



Figura 7 - Fotografia de atividades

Devido à falta de verba o aquecimento na escola é uma questão deficitária, fazendo com que as salas de aula sejam verdadeiros “blocos de gelo” durante o inverno.

O que também dificulta o trabalho dos professores e dos próprios alunos que assistem às aulas com frio, havendo mesmo muitos que levam mantas para a sala de aula.

A biblioteca da escola, apesar de ser também um espaço muito frio no inverno, é um local de surpresas, pois encontra-se muito bem recheada de livros. Além de que é um espaço onde se pode ouvir música, aceder à internet e ver filmes, para além da sala de leitura.

Por toda a escola podem-se ver trabalhos realizados pelos alunos e projetos em que a mesma participa. Apesar de estar inserida num meio social economicamente desfavorecido, a escola é um local apazível e estimado pela comunidade local. Promove a inclusão social e tem vindo a aplicar estratégias ajustadas à sua realidade social, de forma a sensibilizar os alunos para questões relacionadas com a cidadania e com a saúde.

Quanto aos meios tecnológicos, a escola tem uma sala de informática e dispõe de equipamentos informáticos na maioria das salas. No entanto, a maioria destes equipamentos revelam ter falta de manutenção. Em muitos casos, alguns já não funcionam. Outros funcionam por recursos a equipamentos pessoais trazidos pelos professores. Estes constrangimentos dificultam a adoção de estratégias com recurso às NT, porém, não impedem a sua adoção. No entanto, convém frisar que a escola tem vindo a apresentar melhorias nesses aspetos.

A Professora Cooperante

No decurso destes dois anos letivos (2015/2016 – 2016/2017) em que tivemos a possibilidade de estagiar na Escola Secundária da Baixa da Banheira, sob a orientação da professora cooperante Noémia Brás, pudemos observar as suas aulas e muito aprender com a sua experiência.

Sempre nos indicou possíveis melhorias, através de críticas construtivas positivas e ajudou-nos sempre com os seus conselhos. Transmitiu-nos confiança ao longo do nosso estágio e acreditou no nosso empenho e saber, para assumirmos, mesmo que a título provisório, a sua posição na sala de aula.

Revelou ser, pelo que observámos, bastante sensível para com os problemas da turma e de toda a comunidade escolar, possuindo um elevado sentido de justiça, sensatez,

tolerância e pragmatismo na resolução de problemas, dentro e fora da sala de aula. Denotámos, também ao longo do nosso estágio, o gosto da professora pela profissão e pela disciplina, bem como, o seu carácter reflexivo e ousado nas questões que faz à turma.

A turma de 11º LH

Começámos a observar a turma de História A, desde o ano letivo de 2015/2016, e por essa mesma razão pareceu-nos interessante continuar com esta. Aquando o começo das aulas supervisionadas, a turma tinha 14 alunos e era constituída maioritariamente por raparigas. Porém, ao longo do ano letivo de 2016/2017, dois alunos desistiram do curso e uma das alunas mudou de escola.

De uma forma geral e pelas observações que fizemos, por comparação com o primeiro ano letivo, pareceu-nos que a turma continuou a manter um bom desempenho e aderiu às atividades propostas. Contudo, quanto à sua prestação individual, observámos que os resultados finais têm vindo a ser inferiores. Este caso não é específico apenas da nossa disciplina, mas sim, transversal as todas as outras.

Assistimos a uma maior dispersão por parte da turma para a disciplina e, em alguns casos, uma certa relutância em realizar as tarefas propostas, especialmente as individuais. Por conseguinte, observámos que, em termos gerais, as classificações finais obtidas pelos alunos, tem vindo a diminuir. Com exceção em alguns casos pontuais.

Também o comportamento da turma se revelou mais instável. E, apesar da turma se distrair com maior facilidade, demonstrar uma maior apatia pela escola e menor vontade em realizar tarefas, manteve, ainda assim, como pontos fortes, a colaboração entre pares e participação nas atividades. Como pontos menos fortes salientámos, falta de hábitos de leitura, dificuldades na interpretação e compreensão do vocabulário, bem como, falta de hábitos de estudo assíduos e desenvolvidas competências de investigação.

Para uma melhor compreensão da turma, elaborámos um inquérito, aos alunos, que teve por objetivo, conhecer melhor os nossos alunos.⁸⁶ Seguidamente, apresentámos o resultado da sua análise.

A nível pessoal - Todos os alunos inquiridos residem na freguesia do Vale da Amoreira, concelho da Moita. Três são de diferentes nacionalidades. Em média, cada

⁸⁶ Vide Anexo 12, in CD- Rom anexo ao relatório.

aluno demora cerca de 8 minutos para chegar à escola. De todos os inquiridos, só um dos alunos é que não tem irmão e a maioria dos alunos vive, pelo menos, com um familiar direto (mãe, pai ou irmão).

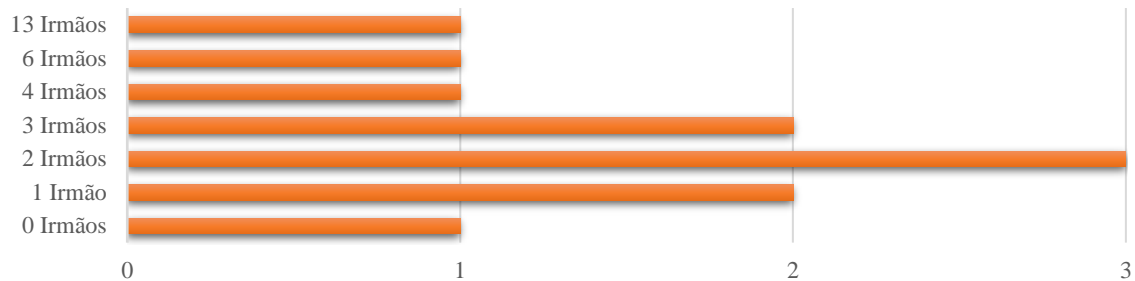


Gráfico 1 - Relação de irmãos por alunos

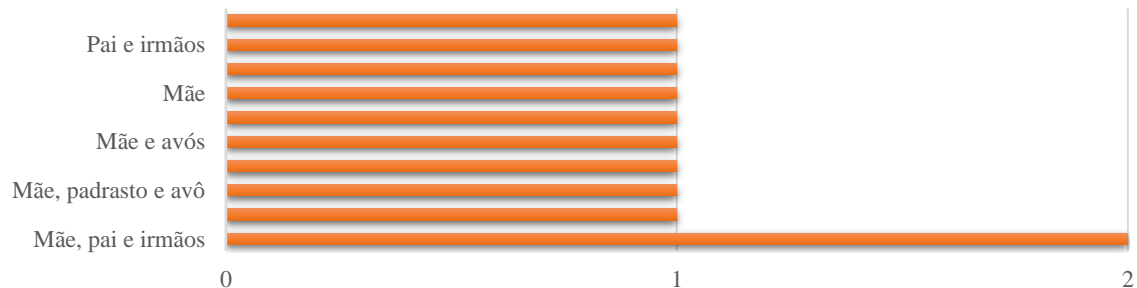


Gráfico 2 - Relação de n.º de alunos que vivem com familiares diretos

Quanto aos seus passatempos eleitos, a maioria da turma destacou *música* como sendo o favorito e, em segundo lugar, o *computador*, *smartphones*, *tablets* bem como, a visualização de *filmes/séries*, idas ao *museu/teatro* como atividades preferidas pelos alunos. Todos indicaram ter acesso à *internet* (por recurso a um *smartphone*).

***A Construção da Modernidade Europeia -
a importância dos recursos para o ensino da História***

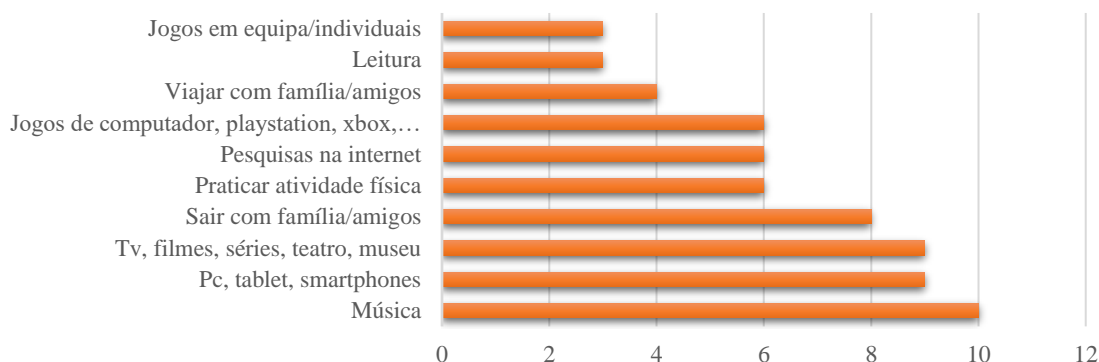


Gráfico 3 - Relação dos hobbies

Mesmo o aluno que não possui *computador próprio*.

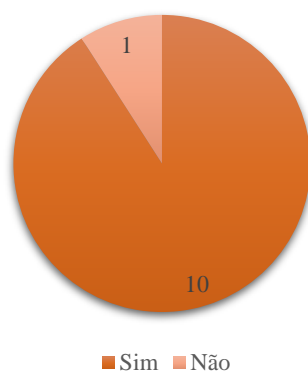


Gráfico 4 - Computadores por aluno

A nível da disciplina de História - A maioria dos alunos escolheu esta área porque gostou da oferta curricular do curso de Humanidades. Contudo, foram várias as motivações para esta escolha como “a fuga à matemática”. Nem todos os alunos gostam da disciplina de História A. Dos temas com maior interesse salientaram as *guerras mundiais* e a *antiguidade clássica*. Por comparação, salientaram que os temas com menor interesse incidiam sobre os tópicos do 11º.

Quanto ao grau de dificuldade da disciplina salientaram que a mesma não era *complicada*, porém, as maiores dificuldades que encontravam no estudo da mesma prendiam-se à questão da *linguagem utilizada e seus conceitos*, a *complexidade da matéria*. A maioria dos alunos realçou, ainda a este propósito, a existência de *muita matéria*, o que poderia comprometer a aprendizagem da mesma. Referiram ainda que a

mesma era interessante e que o estudo da História era benéfico para a compreensão da sociedade em que viviam. A maioria admitiu estudar para a disciplina tendo por base o manual e pelos recursos tirados ao longo das aulas.

Como atividades promovidas pela disciplina mencionaram que gostaram da forma como as aulas foram dadas. Apreciaram a visualização de filmes e de documentários bem como, a projeção em *PowerPoint* da matéria lecionada. Salientaram que a utilização de diversos recursos didáticos foi importante para a compreensão dos conteúdos e tornaram a aula mais apelativa.

Mencionaram gostar bastante da realização de trabalhos de grupos e individuais, como também, debates e jogos. Justificaram referindo que a utilização destes aumentou o interesse pela disciplina e motivou-os.

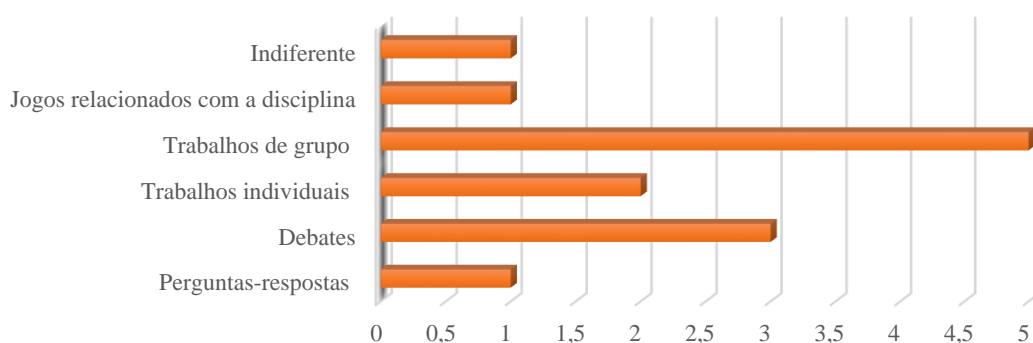


Gráfico 5 - Relação dos recursos didáticos mais apreciados

A nível tecnológico - Todos os alunos referiram ter sido importante o recurso às NT. Destacaram a importância da *internet* nas suas pesquisas como uma das principais *fontes* de informação quando se deparavam com dúvidas ou mesmo quando pretendiam saciar alguma curiosidade. Porém, quando foram inquiridos sobre a construção de um *website* dedicado a um dos temas da matéria, todos, com exceção de um aluno, salientaram e demonstraram interesse na construção do mesmo. Contudo, e apesar da maioria ter demonstrado interesse neste recurso didático, alguns não gostaram da ideia dos seus trabalhos serem expostos e partilhados pela *internet*.

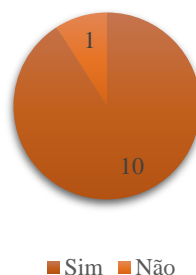


Gráfico 6 - Interesse dos alunos na criação de um Website

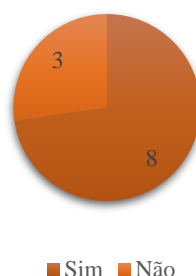


Gráfico 7 - Interesse dos alunos na exposição dos seus trabalhos no Website

A maioria indicou ser benéfico para o ensino da História, o recurso às NT, por poder contribuir para aumentar a motivação e interesse.

A nível de aulas e a visita de estudo - Sobre o nosso desempenho no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, todos indicaram terem apreciado a nossa forma de lecionar. Quanto ao recurso didático das NT na sala de aula (*PowerPoint, slack e de internet – pc ou smartphone*) salientaram que o recurso ao primeiro é «Excelente» (7 alunos). O segundo é «Bom» (7 alunos) e o terceiro é «Bom» (5 alunos). O *PowerPoint* é apontado pelos alunos como o mais útil e possibilitador de uma aula mais dinâmica e interativa.



Gráfico 8 - Importância do recurso ao PowerPoint

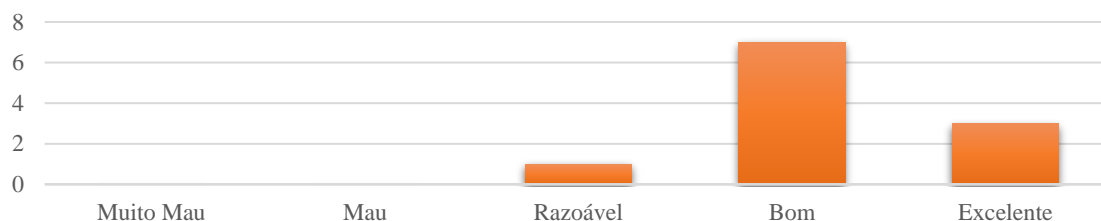


Gráfico 9 - Interesse do recurso à plataforma Slack

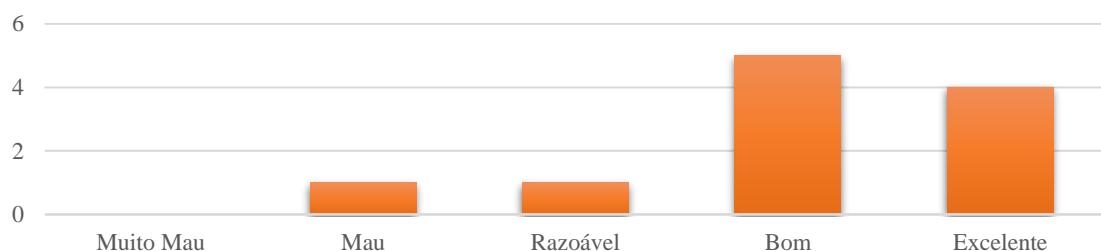


Gráfico 10 - Interesse do recurso à Internet através de diversos dispositivos

Quanto à visita de estudo a Lisboa, dos 11 alunos, só 8 participaram. Apesar de nem todos terem participado, todos os alunos referiram que gostam de participar em visitas de estudo.

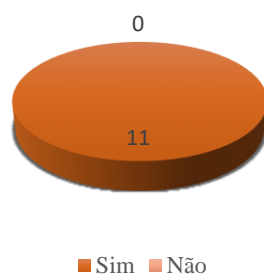


Gráfico 11 - Interesse na realização de Visitas de Estudo

Parte III – Prática de Ensino Supervisionada

1. A nossa Prática Letiva Supervisionada

1.1. Aula do dia 15 de novembro de 2016

Terça-feira (duas aulas de 50 minutos)
Sumário: Introdução ao estudo da unidade didática 4 – Construção da Modernidade Europeia. O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza. A Revolução Científica e o Conhecimento do Homem. Trabalho de grupo.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia 4.1. O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza 4.1.1. A Revolução Científica 4.1.2. O Conhecimento do Homem
Aprendizagens relevantes: - Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento; - Avaliar o impacto do método experimental no progresso da ciência; - Fundamentar a expressão da revolução científica.
Conceitos: <i>Revolução Científica, pensamento racionalista, método indutivo ou experimental</i>
Recursos: Manual ⁸⁷ , planificação da aula ⁸⁸ , projetor, computador, sala de informática, internet, PowerPoint ⁸⁹ , Guião de trabalho ⁹⁰ , lista de trabalhos ⁹¹ , trabalhos de grupo ⁹²

⁸⁷ Maria Rosa, Célia Couto, *Um Novo Tempo da História*, manual adotado pela escola secundária da Baixa da Banheira, Parte 1 / História A 11º ano, 1.ª edição, 1ª tiragem, Porto, Porto Editora, 2014.

⁸⁸ Vide Anexo 1.

⁸⁹ Vide CD-ROM Anexo 2.

⁹⁰ Vide CD-ROM Anexo 3.

⁹¹ Vide CD-ROM Anexo 4.

⁹² Vide CD-ROM Anexo 5.

Descrição de aula: A aula iniciou-se às 10:20h e, antes da entrada na sala, a professora cooperante alertou-nos para o facto dos problemas informáticos recorrentes que existiam desde o ano passado, estarem agora a ser solucionados, nomeadamente, os cabos que ligavam o projetor e o computador que se encontrava na sala de aula não funcionarem.

Algo que reparámos logo que entrámos no bloco de aulas é que a maior parte dos alunos já se encontrava perto da sala, não havendo assim desculpas para atrasos. Ao todo estiveram presentes na aula 13 alunos, faltando apenas 1.

Iniciámos a aula com uma breve introdução e explicação do motivo pelo qual iríamos lecionar as próximas aulas, bem como, questionámos a título de curiosidade em relação ao tema, se os alunos já tinham tido algum tipo de conhecimento sobre o mesmo, e se conseguiam recordar-se de algum conceito, ao folhearem o manual, de forma a tentarmos compreender se seria possível encontrarmos alguma motivação para introduzir o tema. Explicámos o plano das aulas, referindo que as duas sessões de 100 minutos dadas durante esta semana, seriam organizadas da seguinte forma: primeira parte da aula de 50 minutos, de componente teórica, e a segunda parte, também de 50 minutos, de componente prática. A primeira parte da aula decorreria na sala respetiva, e a segunda parte, na sala de informática da escola. O objetivo para a tarefa da segunda parte consistiu na pesquisa, em pares, de alguns dos autores abordados na primeira parte de acordo com o guião de trabalho distribuído por nós. Os temas trabalhados serão apresentados, na aula de 50 minutos, no final da semana. Numa fase inicial, os trabalhos seriam partilhados na plataforma *slack*, para consulta de todos.

Esta plataforma tem como principal finalidade partilhar e divulgar a produção académica dos alunos com conteúdos referentes à disciplina, facilitando o acesso aos conteúdos abordados na aula como a disponibilização das projeções em *PowerPoint* das aulas e de esquemas-sínteses, auxiliando os alunos nas dúvidas que tivessem e proporcionar uma relação pedagógica positiva. Posteriormente, os trabalhos seriam expostos num *website* criado para a disciplina de História, referente ao tema lecionado, para consulta de todos os que pretendessem aceder ao site. Servindo o *website* como uma ferramenta de trabalho interativa, onde todos os estudantes pudessem ver os seus trabalhos realizados, assim como os dos colegas.

Numa fase inicial, as propostas de temas para a realização dos trabalhos fizeram com que a maioria revelasse alguma apatia e preocupação na execução. Como forma de incentivarmos e de criarmos estímulos para a realização dos mesmos, alertámos que seriam realizados em grupos de dois, o que melhorou a predisposição da turma para o trabalho. Para captarmos a atenção da mesma questionámos sobre o assunto, com perguntas referentes aos conteúdos, o que estimulou o diálogo, e facilitou a comunicação, ao permitir fazer a “ponte” entre conhecimentos já adquiridos, com novos.

Para que os alunos ficassem com uma maior compreensão sobre a matéria, propusemos que observassem e analisassem um quadro de Henri Testelin, retirado do manual escolar⁹³, no qual a figura principal era o rei Luís XIV, numa presumível visita à Academia das Ciências, c. 1676-1680. Pedimos ainda que os estudantes identificassem elementos visíveis no quadro, e que sugerissem hipóteses sobre o que observavam, bem como, pedimos especial atenção à leitura da legenda do quadro, importante para a compreensão da obra, ao mesmo tempo que solicitámos a análise à turma.



Figura 8 - Diapositivo referente ao quadro de Henri Testelin, sobre a Fundação da Academia das Ciências.

⁹³ Cf. Maria Rosa, Célia Couto, *op. cit.*, p.123.

Pretendíamos com isto levar os alunos à compreensão sobre a crescente importância que o rei de França dava ao conhecimento, ao ostentá-lo.

Como introdução ao pensamento científico referimos alguns aspetos que caracterizaram o período precedente, como: a *superstição*, o *medo*, a *ignorância* e o *fanatismo*. A crescente questionação da autoridade religiosa bem como, a valorização da observação dos fenómenos naturais e seus resultados, até então ignorados, conduziram à recusa do *saber aristotélico* deixado pela Antiguidade. Para uma maior compreensão do tema, apresentámos um esquema-síntese demonstrativo da importância da mudança do pensamento e como se começava a acreditar que, quanto maior fosse o conhecimento do Homem maior seriam as vantagens que isso traria para a sua comodidade, bem como, para a Humanidade.

Ao tratarmos dos antecedentes que facilitaram a *revolução científica*, referimos a importância de dois filósofos – Francis Bacon e René Descartes. Optámos por explicar a sua importância, de forma breve, bem como o seu legado, nomeadamente, o método indutivo de Bacon e a dúvida metódica e o pensamento racionalista de Descartes, referindo igualmente que estes dois autores iriam ser estudados na disciplina de Filosofia de 11º ano, com maior profundidade.

Para conclusão deste tema, e para que a turma compreendesse no que consistiu a denominada *revolução científica*, procedemos a uma breve revisão da matéria e frisámos a importância da observação dos fenómenos naturais bem como, o questionamento das leis definidas que conduziram a uma rutura com o pensamento até então vigente, em que o uso da razão, ficara relegado para um segundo plano. Com esta revisão pretendíamos contextualizar a mudança de paradigma do próprio pensamento, para que mais tarde os alunos pudessem entender o fio condutor que liga ao surgimento do pensamento iluminista.

Como exemplo de estudo, e para que os alunos entendessem que, até então, todas as áreas do conhecimento ainda estavam condicionadas a um conhecimento baseado na superstição, o manual refere uma pequena e breve história do avanço do conhecimento do Homem, nomeadamente no campo da saúde, apresentando alguns autores como Galeno e Avicena, que escreveram obras referentes à medicina e que ainda eram

utilizadas, até ao aparecimento de Andrea Vesálio e de William Harvey, que viriam revolucionar a ciência, com os seus estudos e observações anatómicos do Homem.

Para finalizarmos a primeira parte da aula propusemos então, de forma sucinta, a análise em conjunto com a turma, de um quadro de Rembrandt, *A Lição de Anatomia do Doutor Tulp*, pintado em 1632, onde referimos alguns pormenores como o próprio gesto e a posição da mão do doutor, bem como, no canto inferior direito se encontrar o *Tratado de Anatomia* de Andrea Vesálio e algumas curiosidades sobre o homem que estava a ser dissecado ter sido condenado à morte e a plateia que assistia ser composta por curiosos e não doutores.

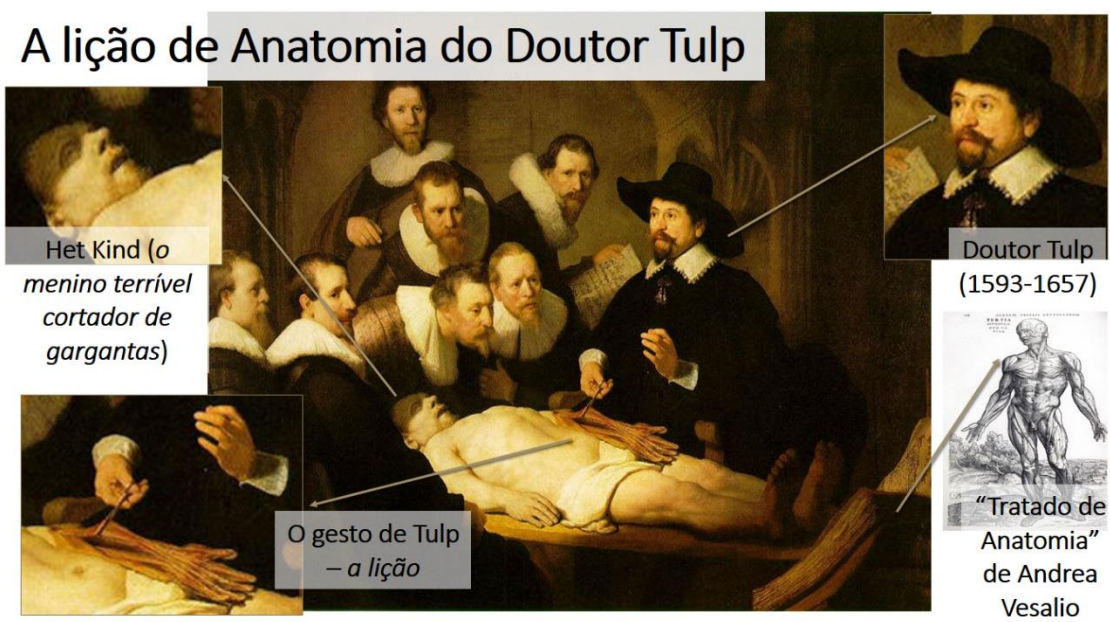


Figura 9 – Diapositivo referente ao quadro de Rembrandt, A Lição de Anatomia do Doutor Tulp.

A segunda parte da aula, como já havíamos referido, realizou-se na sala de informática da escola. Sentaram-se logo com os seus colegas para começarem a fazer os trabalhos dados durante a primeira parte da sessão. Procedemos então à distribuição de um guião de trabalho que disponibilizámos na plataforma *slack*.

Guião de Trabalho

Orientações para o trabalho:

Breve descrição biográfica (ano de nascimento, ano de morte, local de nascimento, família, percurso pessoal,...)

Principais obras publicadas (livros, trabalhos, publicações, com data de publicação, local de publicação, ...)

Contributos para a ciência (ou seja, a importância do autor para o conhecimento científico – as suas principais teorias e invenções para a construção do conhecimento científico, ...)

Legado histórico (o que o autor nos deixou e que serviu para impulsionar outros instrumentos que nós hoje conhecemos, ou teorias, ...)



Figura 10 - Guião de trabalho

Cuidados a ter na elaboração do trabalho:

Escrita cuidada e sem erros.

As orientações dadas para o trabalho de grupo servem de orientação para a construção do trabalho.

As fontes utilizadas devem sempre ser referidas, primeiro no texto, e em segundo lugar, como referências bibliográficas (copiar os links onde encontraram a informação).

A criatividade e originalidade, quer nos conteúdos partilhados ou mesmo, na construção dos textos serão fatores de valorização do trabalho.

O trabalho escrito não deverá exceder no máximo 3 páginas, mínimo 2 páginas.

Atenção: Não se aceitam trabalhos que sejam cópias integrais de sites da internet, ou de qualquer outra fonte. O trabalho de cada grupo será publicado na página respetiva no site, por isso, todas as fontes utilizadas deverão constar no ficheiro, para que se possa indicar as fontes que utilizamos, inclusive os links de onde retiraram imagens.




Figura 11 - Cuidados na elaboração do trabalho

Ao mesmo tempo que os alunos foram realizando a tarefa proposta, procedemos à inscrição dos mesmos no *Slack*, pedindo para isso os seus *emails*. Todos os temas trabalhados foram referentes a personalidades frisadas durante a primeira metade da aula.

A pesquisa e a redação de um trabalho de cariz biográfico foi a forma de dar a conhecer aos estudantes os principais contributos destas personalidades para a História. O facto desta informação ser posteriormente partilhada com a turma, quer de forma oral, pela apresentação dos trabalhos na aula de 50 minutos, quer de forma escrita, pela transmissão dos trabalhos dos colegas no *slack* e mais tarde, no *website*, obrigou-nos a encontrar formas de estimular a cooperação entre pares e entre os diversos grupos, o que facilitaria a interação dos mesmos e a exposição dos resultados das suas pesquisas e conclusões a que chegariam.

Em seguida, solicitámos a cada grupo que recorresse à *internet* para a pesquisa de diversos documentos (textuais, iconográficos e outros) e os comparasse, pela recolha de diferentes fontes *online*. Este tipo de tarefa permitiu que se incentivasse a procura de informações. O contacto com diversos documentos, diferentes dos encontrados nos manuais, e o tratamento dessa mesma informação, contribuiu de forma positiva para o desenvolvimento intelectual dos alunos⁹⁴. A realização deste tipo de atividade promove, quanto a nós, o desenvolvimento do trabalho autónomo⁹⁵, ao mesmo tempo que reforça as capacidades de análise e apura o sentido crítico⁹⁶, bem como, facilita a criação de uma maior empatia com o objeto histórico ao se debruçar sobre ele⁹⁷. O recurso às ferramentas informáticas possibilita ainda a existência de uma maior comunicação entre a disciplina e o objeto que se estuda, uma vez que esta ferramenta faz parte do seu quotidiano.

Um dos grupos foi composto por três alunos por ter faltado um colega. O facto desta atividade ter sido realizada na sala de informática permitiu que pudéssemos ter tempo para conversar com os alunos, bem como, explicarmos certos aspetos que pretendíamos ver salientados nos seus trabalhos. Esta maior aproximação permitiu-nos ajudá-los a ultrapassar algumas dúvidas que tinham.

Fizemos ainda questão de partilhar com a turma excertos do *website* que iria ser criado, posteriormente. A maioria pareceu gostar da ideia e da forma como estavam expostos os conteúdos, bem como, terem a hipótese de verem o seu trabalho publicado.

⁹⁴ Cf. Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p. 97.

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 133.

⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 135.

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 129.

Quanto à entrega dos trabalhos, muitos optaram por entregar pela plataforma *slack*, tendo solicitado que o prazo fosse alargado, até ao final da semana, o que aceitámos, por pretendermos que melhorassem alguns aspetos que percebemos estarem insuficientes. O recurso à plataforma *slack* possibilitou uma maior proximidade ao facilitar a comunicação. Vemos por isso o recurso citado como bastante promissor e com um bastante potencial para dinamizar o relacionamento, entre outras competências.

Em termos gerais, ao longo desta aula considerámos o comportamento da turma como positivo, bem como a sua atenção e interesse demonstrado, apesar da “apatia” inicial. Em relação à primeira parte da aula optámos por não aprofundar a análise dos documentos que havíamos planificado por falta de tempo. Pedimos então que lessem os excertos que constam no manual, nos últimos 2 minutos da aula, o que ajudou a reforçar os conteúdos abordados. Quanto à resolução dos exercícios foi pedido que os resolvessem e que servissem como revisão para o teste sumativo.

1.2. Aula do dia 17 de novembro de 2016

Quinta-feira (duas aulas de 50 minutos)
Sumário: O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza: Os Segredos do Universo e o Mundo da Ciência. Trabalho de grupo.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia 4.1. O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza 4.1.3. Os Segredos do Universo 4.1.4. O Mundo da ciência.
Aprendizagens relevantes: - Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento; - Avaliar o impacto do método experimental no progresso da ciência; - Salientar os contributos dos principais cientistas do século XVII e XVIII.
Conceitos: <i>Modelo Geocêntrico, Modelo Heliocêntrico, Método Indutivo ou Experimental</i>

Recursos: Manual (parte 1 do 11º ano), planificação da aula⁹⁸, projetor, computador, sala de informática, *internet*, *ficha com documentos de apoio à aula*⁹⁹, *PowerPoint*¹⁰⁰, *lista de trabalhos*¹⁰¹, *ficha com documentos de apoio à aula resolvida*¹⁰², *trabalhos de grupo*¹⁰³

Descrição da aula: A aula começou às 10:20h e indicámos, através de um diapositivo projetado, o sumário da matéria que iria ser dado nesta aula. A aula foi elaborada seguindo a mesma planificação da anterior (a do dia 15 de novembro).

No início da aula, a turma encontrava-se bastante “agitada”. Alguns grupos permaneceram na conversa mesmo após a entrada na sala, o que fez com que optássemos por lhes perguntar, em especial, aos alunos que estavam na conversa, o que havíamos dado na aula passada, mudando frequentemente de aluno, de forma a conseguirmos chamar a atenção de todos.

Relembrámos a turma para o facto de alguns grupos ainda não terem entregue os trabalhos. Estipulámos como data limite para data de entrega dos trabalhos, a aula seguinte, uma vez que seriam apresentados, nesse dia. Apenas dois dos trabalhos foram entregues no dia 16 de novembro e ficaram em falta, quatro.

Seguidamente, introduzimos a matéria através de questões feitas aos alunos, relembrando conteúdos que abordámos na aula passada, de forma que, com as respostas obtidas, nos permitisse avançar para o tema planeado para esta sessão. O mesmo fê-los prestar uma maior atenção à aula, sem termos tido a necessidade de os corrigir. O questionar a turma suscitou o interesse pela matéria. O recurso a uma abordagem semi diretiva tornou-se, ao longo das aulas que lecionámos, como o método preferencial por nós utilizado, por surtir efeitos positivos ao fomentar a interação dos alunos. A maioria

⁹⁸ Vide Anexo 2.

⁹⁹ Vide CD-ROM Anexo 7.

¹⁰⁰ Vide CD-ROM Anexo 8.

¹⁰¹ Vide CD-ROM Anexo 9.

¹⁰² Vide CD-ROM Anexo 10.

¹⁰³ Vide CD-ROM Anexo 11.

referiu nos formulários¹⁰⁴ preenchidos que o facto de serem colocadas diversas questões à turma, tornava a aula mais interessante e menos «aborrecida».

Optámos por introduzir o pensamento aristotélico e seguidamente, pedimos ao grupo que fez o trabalho sobre Aristóteles, que disponibilizasse informações sobre o mesmo. Um dos alunos referiu alguns aspetos que havia lido num *site*. Após este breve momento que serviu como introdução para o tema, perguntámos se sabiam dizer ou se tinham ideia em que consistiu o *modelo geocêntrico* e, alguns dos alunos referiram que se baseava num modelo antigo em que se acreditava que a Terra permanecia fixa no centro do Universo e o Sol girava à sua volta. Através das respostas dadas pelos alunos introduzimos o *modelo heliocêntrico*.

Explicámos, de forma breve e por recurso a pequenas histórias, algumas figuras ilustres que defenderam o modelo geocêntrico, contextualizando a época e o conhecimento que se tinha sobre o mundo e o Universo, no séc. XVII, quando comparado com a atualidade. Realçámos a importância de olharmos, o mais possível para a época em estudo, recorrendo sempre às fontes, para não cairmos no erro de julgar com o conhecimento que agora temos. Alertámos ainda para a complexidade dos estudos desenvolvidos por algumas das personalidades da Antiguidade mencionadas, bem como, o papel notável desempenhado por estas, mesmo que pouco fundamentado ou cientificamente incorreto, que nos serviu de base para a construção do pensamento científico e para a própria concepção do mundo.

Explicámos o *modelo heliocêntrico* mencionando alguns pormenores da vida de Galileu Galilei. Referimos a este propósito o conhecimento que este tinha sobre lentes que lhe permitiu aperfeiçoar as observações que fazia, o conhecimento que tinha no campo do desenho e dos contrastes sombra-luz que lhe permitira compreender que a superfície da Lua era irregular e que se assemelhava à da Terra. Com as suas observações, Galileu colocou em causa o conhecimento que se tinha sobre a Lua, o que desagradou a muitos por suscitar dúvidas na existência de um espaço perfeito, supralunar, colocando em causa os alicerces da perfeita cosmogonia que se pensava existir, a partir da Lua,

¹⁰⁴ Vide CD-ROM Anexo 12.

diferente da Terra, espaço este em que a imperfeição e a corrupção existia e habitava o Homem, indigno de ser igual ou semelhante ao espaço divino.

Distribuímos pela turma uma *ficha com documentos de apoio à aula* com exercícios e solicitámos a um dos alunos que lesse, em voz alta, um dos documentos apresentados nessa ficha “*O contributo de Galileu para a ciência moderna*”. Para a análise deste texto explicámos a importância de termos em conta diversos aspetos, como: a natureza do documento, a sua contextualização espacial e temporal, o autor e a terminologia apresentada.¹⁰⁵ Para tal, solicitámos a colaboração de todos, recomendando que olhassem atentamente, frase a frase, para compreenderem melhor o sentido geral do documento.

A análise do documento em conjunto¹⁰⁶ permitiu-nos introduzir o pensamento histórico por possibilitar o contacto com o passado. Facilitou a existência de uma maior empatia com o objeto de estudo, bem como, possibilitou a aquisição de ferramentas úteis para a sua formação. Entendemos desta forma que, a análise contribui para o enriquecimento linguístico¹⁰⁷ e fomenta o sentido crítico¹⁰⁸.

Pela análise do documento notámos que certos aspetos ainda suscitavam dúvidas aos alunos, o que nos fez voltar a relacionar alguns tópicos já mencionados, como forma de ultrapassarmos em conjunto estas dificuldades.

Para explicarmos o modelo utilizado por Isaac Newton fizemos uma comparação com o modelo de Descartes e utilizámos como exemplo a ideia do labirinto. Para isso, pedimos a todos que imaginassem um labirinto e todos sabiam *a priori* que o mesmo tinha um ponto de partida e um outro, de chegada. Enquanto para Descartes, excluía-se todos os caminhos que não fossem possíveis de alcançar o ponto de chegada sem se justificar o porquê, para Newton, todos os caminhos tinham de ser justificados, mesmos os que não

¹⁰⁵ Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p.117 e Cf. Francesco de Bartolomeis, “Introdução à Didáctica da Escola Activa”, in Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p.128.

¹⁰⁶ Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*

¹⁰⁷ Cf. Maria Cândida Proença, *op. cit.*, p.124.

¹⁰⁸ Cf. Miguel Corrêa Monteiro, *op. cit.*, p.118.

permitiam atingir este ponto. Segundo este, só desta forma seria possível construir-se um conhecimento constante e sistemático, sempre de acordo com o que se observava.

Como forma de revisão da aula e de compreensão no que consistiu a denominada *revolução científica* lembrámos, sucintamente, alguns dos aspetos tratados durante as aulas, como o caso de Galileu e o efeito que as suas observações desencadearam na comunidade científica. Salientámos a falibilidade de muitas das teorias da Antiguidade quando confrontadas com métodos experimentais. Explicámos a separação da questão religiosa da científica. Mencionámos ainda a adoção do *heliocentrismo* e os avanços da medicina, bem como, a refutação da noção aristotélica. Salientámos que, a conjugação de todos estes aspetos referidos levou a que ocorressem mudanças profundas, nomeadamente, na própria forma de pensar, o que desencadeou numa quase rutura com os modelos anteriores aceites.

A aceitação de um novo espírito científico, segundo alguns autores, traduziu-se, em certa medida, num corte com toda uma ordem e sistematização do pensamento até então estabelecido. E, apesar de Descartes ter tido influência neste processo e não reconhecer na sua própria forma de pensar reminiscências da educação católica que teve, isto acabou por o influenciar, de certa forma.

Na segunda parte da aula, à semelhança da anterior, os alunos escolheram os temas da mesma forma. Notámos que o grupo que ficou com o tema de Aristóteles, o único com três alunos, teve problemas de coordenação e de relacionamento. Tal foi perceptível pelo comportamento contrastante de um dos alunos, durante a aula passada. Notámos que um dos alunos havia adotado uma atitude defensiva e não participou na realização do trabalho. Abordámos o aluno sobre o problema e este explicou-nos que se desentendera com o grupo e que para não se chatear, optara por se distanciar. Acrescentou ainda que um dos colegas não ficara até mais tarde na escola para terminar o trabalho e que por essa mesma razão decidira não fazer o trabalho sozinho, uma vez que, também o outro elemento não mostrara interesse para o terminar. Decidimos, por essa mesma razão, esclarecer e resolver com o grupo as divergências que existiam, para que os mesmos incidentes não voltassem a interferir na realização de trabalhos. O grupo optou por se separar e formou dois novos grupos, com outros elementos. Convém referir ainda a este propósito que, a nossa ideia inicial fora sempre formar grupos de dois elementos e não de três, por termos receio que estes problemas pudessem existir.

Foram formados 7 grupos de trabalhos, em pares. A maioria optou por manter os grupos formados na aula passada, com exceção ao grupo acima referido.

Alertámos para o problema do *copy paste*, visível pelo recurso exagerado do português do Brasil, bem como, pela utilização de palavras e construções gramaticais diferentes das que costumam utilizar, o que denunciou a maior parte dos seus trabalhos. Foi perceptível um esforço por parte de alguns grupos em colocarem a informação recolhida por palavras próprias. No entanto, houve uma melhoria, por comparação com o primeiro trabalho, em mencionar as *fontes consultadas online*.

Ao longo da aula conversámos com todos os grupos diretamente, esclarecemos dúvidas e salientámos alguns pontos que poderiam melhorar no segundo trabalho. O grupo que ficou responsável por pesquisar sobre René Descartes disse ter tido dificuldades em enviar-nos o documento pela plataforma *slack*. O qual solucionámos a questão facultando o *email* pessoal à turma para quando não conseguissem aceder à mesma. Outros grupos aproveitaram o tempo da aula para melhorarem os seus trabalhos, seguindo as nossas orientações, como o caso do grupo que ficou encarregue de pesquisar sobre Blaise Pascal. Houve ainda um outro grupo que suscitou a nossa atenção, pelo tamanho e conteúdo do trabalho. Notámos que apenas nos forneceram uma referência *online* consultada e que a mesma, ficava muito aquém do trabalho entregue. Descobrimos, através de uma pesquisa *online*, que a maioria da informação que o grupo se fundamentou para realizar o seu trabalho não fora nas convencionais *fontes* citadas pelos alunos como a *Wikipédia* ou as primeiras entradas sugeridas pelo *Google*, mas sim, num *site* específico e de cariz académico sobre o tema. Apesar do grupo ter ocultado a *fonte*, a informação que utilizou para o seu trabalho revelou ter sido feita através de uma investigação mais profunda e detalhada, ajustada ao seu tema. Ou seja, tiveram em conta a importância de recorrer a uma *fonte fidedigna online*, por comparação com tudo o que leram, em outros *sites*, revelando um maior sentido crítico apurado ao não aceitar prontamente, as primeiras informações disponibilizadas.

Houve ainda uma aluna que faltou à aula e entrou em contacto connosco durante o decurso da mesma, através da plataforma, justificando o motivo da sua ausência e pedindo que lhe indicássemos o tema do seu trabalho. Acordou connosco entregar-nos o trabalho até ao final do dia, através do *slack*.

Mesmo tendo avisado e alertado os alunos para a questão do plágio, todos os grupos fizeram cópias quase integrais dos *sites* que consultaram. Optámos assim, por reajustar a nossa estratégia, aceitando, nesta primeira fase todos os trabalhos, por considerarmos que uma medida tão extrema como a anulação de todos os trabalhos poderia comprometer o interesse e motivação pela disciplina e criar um ponto de conflito com a turma. Quisemos com isso motivar os alunos para a construção de algo melhor, ensinando-os a aprender a lidar com os seus próprios erros, pois, entendemos o erro como parte natural de todo o processo de ensino-aprendizagem e encarámo-lo como uma etapa no longo percurso deste processo. Este não deve ser desmotivador nem impeditivo da construção de algo melhor.

Reconhecemos, após termos constatado o surgimento destes problemas que, no guião de trabalho deveríamos ter tido em atenção e contemplado uma questão específica, que privilegiasse a reflexão do grupo, desmotivando o papel “tentador” de se copiar textos.

Em termos gerais, notámos que as aulas que seguiram esta dinâmica de trabalho, uma primeira parte de componente teórica e uma segunda parte de componente prática, contribuíram para o aumento do interesse demonstrado pelos alunos, pela disciplina.

1.3. Aula do dia 18 de novembro de 2016

Sexta-feira (uma aula de 50 minutos)
Sumário: Apresentação dos trabalhos de grupo.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia 4.1. O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza.
Aprendizagens relevantes: - Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento. - Avaliar o impacto do método experimental no progresso da ciência - Fundamentar a expressão da revolução científica
Conceitos: <i>Revolução Científica, pensamento racionalista, Método indutivo ou Experimental, Modelo Geocêntrico, Modelo Heliocêntrico</i>

Recursos: Manual (parte 1 do 11º ano), projetor, computador, planificação da aula¹⁰⁹, *ficha de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos*¹¹⁰, *ficha de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos resolvida*¹¹¹, *PowerPoint*¹¹², *Síntese-esquemática*¹¹³

Descrição da aula: A aula iniciou-se às 13:10h e todos os grupos já sabiam como iria decorrer a aula. Contudo, não sabiam que teriam de preencher uma *ficha de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos* ao longo da exposição oral dos trabalhos feitos pelos colegas.

A *ficha* foi elaborada com a intenção de captar a atenção dos alunos durante as apresentações dos colegas, doutra forma, a maioria acabaria por se distrair e não prestaria atenção aos conteúdos referidos. Com a entrega da mesma conseguimos que prestassem atenção, mesmo que entre alguma conversa.

Combinámos com a turma que cada grupo apresentaria um dos trabalhos realizados, uma vez que a aula só tinha a duração de 50 minutos. Como todos os grupos utilizaram, como recurso para a sua apresentação, a ferramenta *PowerPoint*, rapidamente foram projetados os seus trabalhos no quadro.

Notámos ao longo das apresentações que a maioria dos alunos não estavam habituados a apresentar trabalhos, por essa mesma razão, quase todos optaram por ler o que estava a ser projetado. Outro factor que contribuiu para o agravamento desta situação foi, não se terem preparado para esta tarefa. Observámos ainda que alguns têm maiores dificuldades em se expressar publicamente, do que outros. Houve alguns ainda que tentaram ler menos e explicar mais pelas suas próprias palavras. E, uma pequena e reduzida minoria, optou por explicar a informação que lia à turma, adicionando através dos seus comentários, informações adicionais que tinham lido.

¹⁰⁹ Vide Anexo 3.

¹¹⁰ Vide CD-ROM Anexo 14.

¹¹¹ Vide CD-ROM Anexo 15.

¹¹² Vide CD-ROM Anexo 16.

¹¹³ Vide CD-ROM Anexo 17.

Para esta atividade planeámos, para cada grupo, cerca de 5 minutos para a apresentação, porém, quase todos os grupos ultrapassaram o tempo estipulado.

Apesar de termos percebido, pelo clima de sala de aula, que todos os grupos estavam nervosos por terem de apresentar os seus trabalhos oralmente à turma, e de existirem ainda alguns grupos que admitiram que não se tinham esforçado o suficiente na execução dos seus trabalhos, notámos que a maioria estava interessada em partilhar com a turma, o resultado das suas pesquisas.

Ao longo das apresentações, os alunos deram-se conta dos erros que tinham cometido, em especial, os que optaram por ler os seus trabalhos. Chegámos ao final das apresentações e todos tinham indicado os principais problemas dos seus trabalhos, sem termos tido necessidade de os salientar. A maioria apontou como falha, a falta de preparação para a apresentação dos trabalhos o que fez com que a aula fosse «aborrecida» para quem assistia, bem como, o uso escandaloso de informação copiada das *fontes online*. Referiram a esse propósito que, os colegas deveriam ter tido o cuidado de alterar as frases que retiraram, porque se compreendia perfeitamente que tinham sido retiradas integralmente da *internet*.

Dois alunos, após a exposição dos trabalhos dos grupos, disseram sentir-se desmotivados para o trabalho por compararem os seus trabalhos, com o dos colegas. A maioria mostrou ter noção que o trabalho que fizeram era bastante insuficiente e que poderiam ter tido um resultado melhor.

Reforçámos, de forma positiva, o sentimento da turma, salientando que todos os alunos/grupos tinham potencial para melhorar o seu desempenho, mas, para tal, teriam de se esforçar mais na próxima vez. Salientámos como aspetos positivos o facto de terem compreendido, sem que nós o disséssemos, os principais problemas dos seus trabalhos, e frisámos a importância de mostrarem interesse e ânimo para melhorarem e corrigirem as suas falhas. Terminámos a aula, congratulando todos pelo esforço na execução da tarefa e desafiámo-los a ultrapassar esta etapa. Recolhemos a *ficha* que preencheram durante a aula. Ao todo estiveram presentes 12 alunos.

Este tipo de atividade permitiu-nos compreender que o recurso às NT “faz todo o sentido dada a sua capacidade de “quebrar barreiras”, difundindo o conhecimento

[...]”¹¹⁴, porém, fez-nos entender que não estão habituados a realizar este tipo de atividades, pois, nem procuraram “*comprovar a credibilidade das fontes, se são conhecidas e se estão atualizadas*”¹¹⁵, nem tampouco tratar dos resultados das suas pesquisas.

1.4. Aula do dia 22 de novembro de 2016

Terça-feira, 22 de novembro de 2016 (duas aulas de 50 minutos)
Sumário: Introdução ao subtema: A filosofia das Luzes e a apologia da razão, do progresso e do valor do indivíduo.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia 4.2. A Filosofia das Luzes
Aprendizagens relevantes: - Explicar a designação de Iluminismo dada ao pensamento da segunda metade do séc. XVIII; - Relacionar o iluminismo com a desagregação do Antigo Regime; - Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação das Luzes para a construção da modernidade europeia.
Conceitos: <i>Iluminismo, Razão, Progresso, Liberdade</i>
Recursos: Manual (parte 1 do 11º ano), projetor, computador, planificação da aula ¹¹⁶ , <i>ficha com documentos de apoio à aula</i> ¹¹⁷ , <i>ficha com documentos de apoio à aula resolvida</i> ¹¹⁸ , <i>ficha com proposta de temas</i> ¹¹⁹ , <i>ficha com proposta de temas escolhidos</i> ¹²⁰ , PowerPoint ¹²¹

¹¹⁴ Lília Mendes, *A Utilização das Novas Tecnologias no ensino/aprendizagem da História – Aplicação aos manuais do 3º ciclo do ensino básico*, Dissertação de Mestrado em Didáctica da História, Lisboa, 2007, p. 34.

¹¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 35.

¹¹⁶ Vide Anexo 4.

¹¹⁷ Vide CD-ROM Anexo 19.

¹¹⁸ Vide CD-ROM Anexo 20.

¹¹⁹ Vide CD-ROM Anexo 21.

¹²⁰ Vide CD-ROM Anexo 22.

¹²¹ Vide CD-ROM Anexo 23.

Descrição da aula: Nesta aula, além da presença habitual da nossa colega de estágio, Susana Marques, esteve presente o nosso estimado Professor Doutor Miguel Corrêa Monteiro, bem como, outro colega nosso, Sérgio Figueiredo, do 1º ano do mestrado em ensino de História.

Facultámos, pela projeção *PowerPoint*, o sumário da aula à turma. De seguida, explicámos o motivo pelo qual o Professor assistiria à nossa aula e apresentámo-lo.

Explicámos que ao longo desta semana cada aluno iria realizar uma atividade, de forma autónoma, ou seja, cada aluno iria realizar um trabalho de pesquisa, na aula de sexta-feira (dia 25 de novembro), e escolheriam, ainda durante o decurso desta aula, o tema pretendido.

Reforçámos brevemente algumas das conclusões retiradas da última sessão, e relembrámos para a nossa disponibilidade, quer presencial, quer *online*, no caso de qualquer dúvida que tivessem e que poderiam começar o quanto antes a realizar as suas pesquisas.

Questionámos a turma sobre alguns dos conteúdos lecionados. Pretendíamos com isso fazer uma breve revisão da matéria e introduzir os alunos ao tema planificado para a aula. Como havíamos sumariado, o tema da nossa aula consistiria no surgimento do pensamento iluminista, a apologia da razão, do progresso e do valor do indivíduo.

Ao longo das nossas sessões, temos vindo a intercalar as exposições com questões à turma, como já o havíamos referido. Consideramos ser benéfico e motivador para o desenvolvimento de um bom clima de sala de aula, propício ao diálogo dos diferentes temas e responsável por apurar o sentido crítico nos alunos e contribuir para o gosto da disciplina, além de facilitar a aprendizagem, ao convidar os alunos a participarem nas diversas discussões.

Apresentámos à turma um *mapa*, onde nos foi possível, pela análise em conjunto com os alunos, localizarmos e contextualizarmos temporalmente, a ação dos eventos e referir os principais focos de atuação do movimento iluminista.

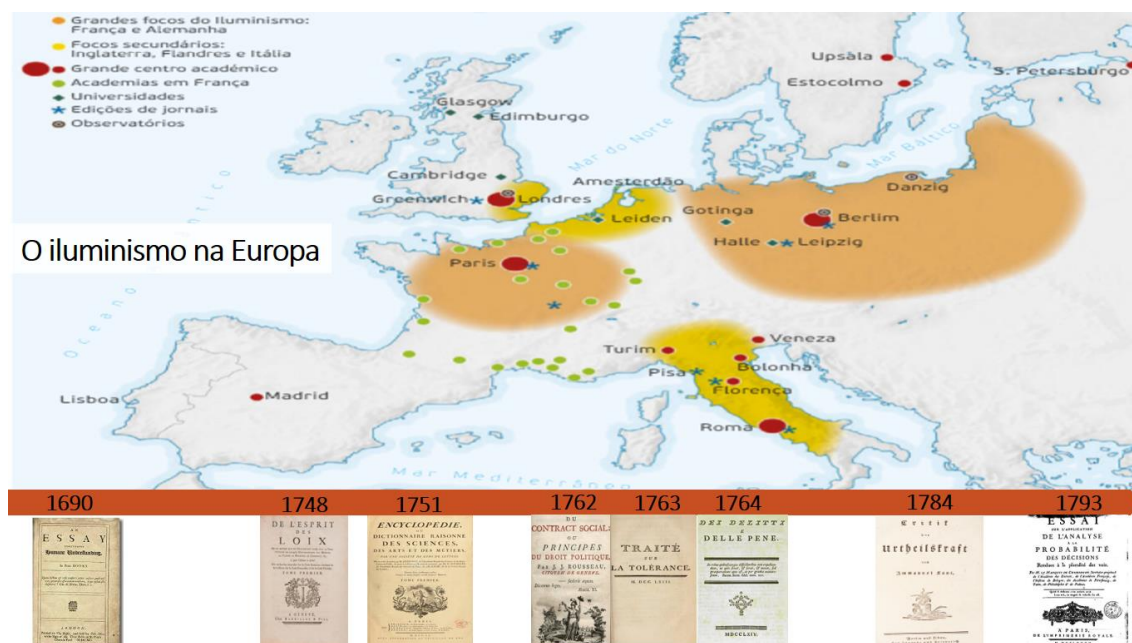


Figura 12 - Mapa sobre os principais focos de difusão do Iluminismo

Uma das nossas maiores preocupações ao longo destas sessões foi conseguir transmitir, de forma clara e concisa, os conteúdos, a não suscitar dúvidas nos alunos, tendo em consideração o tempo de exposição teórica com o tempo para problematização dos temas. Considerámos como facilitador para o processo de aprendizagem, o recurso a comparações de diferentes temas e situações, sempre que possível, pois permite aos alunos uma maior visualização do objeto em estudo.

Interpelámos a turma sobre o conceito «iluminismo» e por recurso a uma imagem projetada, ajudámo-los a compreender, pela análise em conjunto, as principais ideias em que se fundamentou o movimento. Para uma maior visualização do tema reforçámos os antecedentes deste movimento, mencionando a *revolução científica* e a importância subsequente de uma mudança de paradigma no campo da ordem de ideias que nos permitiu chegar à tónica da questão tratada o *que é o iluminismo?* Sem deixarmos de explicar a própria terminologia e origem da palavra «iluminista» e o seu significado simbólico/figurativo.

Solicitámos a um dos alunos que lesse um excerto de um documento apresentado, na *ficha com documentos de apoio à aula* retirado da obra de Immanuel Kant, *O que é o iluminismo?* Como o documento apresentado era extenso, optámos, de forma a dinamizar

a própria aula que todos os alunos lessem em voz alta, partes do mesmo. Após a leitura em conjunto, pedimos que pensassem na informação lida e que tecessem comentários sobre esta. Porém, nenhum dos alunos teceu qualquer comentário, por isso, para revertermos esta tendência, sugerimos que focassem a sua atenção em cada frase, ou mesmo, em cada palavra, para que assim conseguissem compreender, o teor do texto, começando pelas partes mais pequenas. Como mesmo assim, a maioria permaneceu em silêncio, explicámos a primeira frase do excerto, e, logo após termos dado o primeiro passo para a análise, os alunos começaram a tecer comentários e a colocar questões, que lhes permitiu, sob a nossa orientação, entender um pouco melhor, o excerto apresentado. Por conseguinte, o próprio conceito.

Após a análise em conjunto do documento acima citado, fizemos alusão à condição de vida do Homem comum, do Homem com posses, nos finais do séc. XVII e início do séc. XVIII na Europa. Desafiámos a turma, como forma de conclusão desta primeira temática, a *ousar pensar* sobre a quem Kant se dirigira na sua obra.

Observámos novamente o *mapa* e pela sua análise, conseguimos explicar o porquê de ser a França considerada como “a casa do movimento iluminista”, por conseguinte, o porquê de ser a língua francesa considerada para a época, como a língua dos filósofos e dos poetas. Finda esta análise em conjunto, solicitámos a resolução dos exercícios referente ao primeiro grupo da ficha entregue.

Retomámos a segunda parte da aula fazendo umas breves alusões aos conteúdos dados durante a primeira parte. Conseguimos, através de questões orientadoras, sugerir e apontar hipóteses para o seguimento da matéria. Salientámos a importância da defesa da *razão* e da crença na ciência, justificando o porquê de esta ter sido considerada como a base e condição prévia para o desenvolvimento de todas as atividades humanas, bem como, ter assumido um papel de destaque no quotidiano do séc. XVIII, como defensora da verdade pela “luz” e norteadora de todas as ações do Homem, determinante para o progresso do conhecimento científico.

Introduzimos a esse mesmo propósito, e no seguimento da conversa com a turma sobre o tema, um segundo documento, um excerto, referente a Condorcet sobre a apologia do progresso. Explicámos, pela análise em conjunto do mesmo, as ideias principais que o autor defendera realçando a importância que este dera à defesa da razão e eliminação

de preconceitos, bem como, a preocupação que este tivera com a vida humana defendendo o estabelecimento da igualdade dentro do mesmo povo, por conseguinte, a eliminação das desigualdades entre nações e o aperfeiçoamento do Homem. Referimos, ainda sobre este mesmo tema que, a falta de conhecimento preservava o estágio de *menoridade*, tal como Kant havia defendido, e aumentava as desigualdades. Concluímos este ponto referindo que o autor defendera que, pelo progresso e aperfeiçoamento constante o Homem poderia ser feliz. A nossa opção pela análise em conjunto prendeu-se ao facto de sabermos que a maioria dos alunos tem dificuldades na compreensão e interpretação dos textos. Por essa mesma razão, propusemos a realização em conjunto com a turma dos exercícios do manual, com a intenção de clarificarmos o sentido do excerto analisado.

Após esta análise mencionámos a importância da educação para a construção de uma sociedade mais igualitária e esclarecida, bem como, a importância da valorização do indivíduo para a vida em sociedade.

Finalizámos a aula pedindo aos alunos, que resolvessem os exercícios presentes na ficha, em grupos de dois, e nos entregassem. Ao todo estiveram presentes 11 alunos.

Durante o tempo em que os alunos estiveram a resolver os exercícios surgiram algumas dúvidas pontuais. A maioria dessas dúvidas eram referentes à terminologia encontrada nos textos.

Por comparação com as aulas anteriores, esta aula foi, em termos de conteúdos, mais expositiva, intercalada pela análise e discussão em conjunto com a turma dos textos e pela proposta de resolução de exercícios. Apesar de termos sempre dado tempo para o diálogo com a turma, optámos numa fase inicial, por expor os conteúdos, uma vez que esta subunidade didática - *A Filosofia das Luzes*, inserida no módulo 4, do programa de 11º ano, é de grande importância para a compreensão de toda esta unidade.

Privilegiámos, durante o decurso desta sessão, a análise de documentos textuais, por entendermos ser de enorme importância para a aprendizagem dos alunos, compreender e analisar de forma objetiva, a informação textual além de estimular o desenvolvimento do seu próprio raciocínio. Considerámos ainda como benéfico para a consolidação do tema tratado, a resolução de exercícios em pares, ou mesmo, individualmente, pois, entendemos que o recurso a diferentes tipos de documentos, quer

textuais, iconográficos ou outros, servem diversas finalidades pedagógicas, bem como, ajudam na consolidação da matéria dada, reforçam conhecimentos já apreendidos, aumentam o léxico e podem possibilitar uma maior empatia pelo objeto em estudo. Além de constituírem importantes momentos de avaliação formativa, que nos indicam se o caminho definido responde às necessidades reais da turma. Outro aspeto que notámos, ao longo desta sessão, foi que a maioria das questões que suscitaram dúvidas aos alunos prenderam-se à terminologia utilizada e não propriamente aos conteúdos dos textos analisados.

1.5. Aula do dia 24 de novembro de 2016

Quinta-feira (duas aulas de 50 minutos)
Sumário: Humanitarismo e Tolerância. A Defesa do Direito Natural, do <i>Contrato Social</i> e da Separação dos Poderes.
Conteúdos: 4.A Construção da Modernidade Europeia 4.2. A Filosofia das Luzes
Aprendizagens relevantes: <ul style="list-style-type: none">- Esclarecer as ideias chave do pensamento político iluminista;- Avaliar o seu carácter revolucionário;- Relacionar o iluminismo com a desagregação do Antigo Regime;- Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação das Luzes para a construção da modernidade europeia.
Conceitos: <i>Tolerância, Religião Natural, Direito Natural e Estado</i>
Recursos: Manual, projetor, computador, planificação da aula ¹²² , <i>PowerPoint</i> ¹²³

Descrição da aula: Iniciámos a aula às 10:20h. A professora cooperante pediu-nos para que na primeira parte da aula, tratasse com os alunos um problema que envolvia

¹²² Vide Anexo 5.

¹²³ Vide CD-ROM Anexo 25.

a saída de um aluno da turma. O aluno em causa havia deixado de assistir às aulas desde o início desta semana e, segundo lhe fora contado, por motivos de discórdia com a turma.

A diretora de turma havia contactado o aluno, no sentido de entender o porquê da sua ausência e o mesmo informou-a que estava com problemas em se relacionar com alguns colegas e por essa mesma razão, ponderava mudar de escola, a fim de prosseguir com os seus estudos. A professora cooperante, como já havia sido a diretora desta turma e mantinha uma boa relação com a mesma, questionou a turma sobre os motivos da discórdia que originaram esta situação.

Os alunos, quando foram confrontados com esta questão mantiveram-se em silêncio, optando por não comentar. Porém, a professora insistiu para que se conversasse abertamente sobre a questão e estranhou as atitudes da turma para com o colega. Apelou ao entendimento entre todos. Referiu que o aluno estava a passar por uma fase pessoal complicada, sem entrar em pormenores, e que precisava do apoio dos colegas. Alguns dos alunos, que não foram diretamente afetados pela situação, disseram que o colega havia faltado ao respeito e tinha manifestado um comportamento inadequado com eles, sem motivo aparente e que essa atitude não era a correta. Motivo pelo qual haviam ficado aborrecidos com ele, por serem também eles, amigos dos outros colegas prejudicados.

Contaram-nos que na sexta-feira passada, eles haviam abordado o aluno no sentido de compreenderem o motivo pelo qual havia dito o que disse, mencionaram que não tinham sido agressivos com ele e que apenas pretenderam esclarecer a situação. O facto é que, desde esse dia, o aluno deixou de comparecer às aulas. Alguns alunos disseram que ao longo da semana ainda tentaram conversar com o colega, inclusive, já se tinham dirigido até à casa do mesmo na esperança de o encontrarem, mas que o colega rejeitou qualquer tipo de contacto. Alguns ainda disseram sentir-se incomodados com a situação, porém, os principais prejudicados explicaram-nos que, viam o colega como um amigo e que mesmo que este se mudasse para outra escola, pretendiam manter uma ligação com ele, pois, conseguiam entender os problemas pelos quais o colega estava a passar e conseguiam esquecer o que o colega tinha dito, uma vez que os mesmos reconheciam já terem sido menos corretos com o aluno. Assim, a turma decidiu voltar a contactar o colega a fim de conseguirem resolver os seus diferendos.

Esta assembleia de turma fez com que a primeira parte da aula fosse dedicada apenas à resolução da gestão de conflitos. Assim, os conteúdos que havia planificado para esta primeira parte foram relegados para a segunda parte da aula.

Quanto a esta assembleia de turma entendemos ser de enorme importância pois, para que possa existir um bom clima de sala de aula, deve existir um espaço livre para a discussão dos problemas, que permita a construção de soluções positivas em resposta aos diversos problemas que existem no decurso da vida escolar. Notámos que após a discussão do problema em turma, fortaleceu-se o relacionamento dos colegas. Ficámos a conhecer, um pouco melhor, a forma de pensar dos alunos, pelos seus pontos de vista. A abertura deste espaço na aula possibilitou a discussão de diferentes pontos de vista, bem como, estimulou à tomada de uma decisão em conjunto.

Como a primeira parte da aula foi propícia à discussão, a maioria dos alunos sentiu-se motivado a participar, de uma forma mais direta, durante a segunda parte desta sessão. Assim, o tema que fora relegado para esta sessão - Humanismo e a tolerância, permitiu ainda mais reforçar alguns aspetos tratados na assembleia de turma e estimulou à reflexão de diversos temas da atualidade, por comparação com o período estudado.

Optámos por introduzir, pelo recurso ao *PowerPoint* algumas imagens sobre a prática de tortura, o que aguçou a curiosidade dos alunos sobre o tema e os levou a refletir sobre o mesmo, bem como, a capacidade do Homem em aceitar e respeitar a multiplicidade de pontos de vista, permitindo a existência de uma maior tolerância, nomeadamente, a religiosa. Referimos ainda a este mesmo propósito que, o próprio conceito não existira até então, pois, não era admitido que não se tivesse uma fé religiosa. Com o surgimento de uma maior aceitação de outros pontos de vista, algumas práticas, como as de torturas e todas as outras que infligissem algum grau de sofrimento ao Homem começaram a tornar-se, para alguns iluministas, *obsoletas, absurdas e ilegítimas*, por serem contrárias ao princípio da liberdade.



Figura 13 - Diapositivo ilustrativo de algumas práticas de tortura

Apresentámos alguns autores importantes para a construção desta reforma na ordem de pensamentos, como Voltaire, onde fizemos questão de pedir a um aluno que lesse, em voz alta, um excerto da obra deste *A apologia da tolerância*, retirado do manual, para que os alunos compreendessem o contributo do seu legado.

Seguidamente, apresentámos um iluminista italiano Cesare Beccaria e pedimos a um outro aluno que lesse, também para toda a turma, um excerto da obra *Sobre os Delitos e as Penas*, publicada em 1764, onde os alunos compreenderam, pela leitura deste texto, a posição deste face à prática da tortura, ao questionar se “a tortura e os tormentos (são) justos e atingem o fim que as leis se propõem?”. Pelo convite à reflexão deste tema, a maioria da turma questionou a legitimidade da aplicação destas penas, referiu ainda, a existência na atualidade dessas práticas, em alguns países. Alguns referiram que existem casos em que a mesma deveria ser aplicada, porém, a maioria ressaltou e compreendeu, quando confrontados com exemplos antagónicos aos seus, que o tema era bastante complexo e que por isso, não poderia ser aplicado ou tomada uma decisão de ânimo leve sobre o mesmo.

No nosso entender, de entre todos os temas que nós lecionámos, este foi o que mais despertou a atenção da turma, nomeadamente, pela questão da pena de morte e da sua legitimidade. Entendemos que existia uma maior curiosidade sobre o tema e por essa

razão, optámos por referir alguns aspetos, de uma forma um pouco mais aprofundada. Também a questão sobre a tolerância foi discutida. Como forma de consolidação dos conteúdos dados em aula, solicitámos à turma que resolvessem os exercícios do manual, referentes aos temas.

No final da aula, uma das alunas contou-nos que o facto de utilizarmos o *PowerPoint* e de os partilharmos com a turma na plataforma *slack*, tinha sido uma mais valia para conseguir compreender a matéria, pois, conseguia prestar atenção à aula e participar, sem estar preocupada em tirar apontamentos.

Esta foi a aula mais propícia ao diálogo, em parte porque, durante a primeira parte da sessão todos foram chamados a dar a sua opinião sobre um assunto que dizia respeito a todos e também, porque o tema da segunda parte, suscitou a curiosidade da turma.

Compreendemos, pelo diálogo com a turma, que as questões relacionadas com os direitos humanos despoletaram nos alunos uma maior vontade em participarem e uma maior empatia para com o objeto de estudo. Considerámos assim que esta sessão foi bastante positiva e enriquecedora em diversos aspetos, quer pedagógicos, quer sociais, por ter proporcionado e estimulado os alunos a adquirir competências interpessoais e por apelar à participação de todos. Além de que os levámos a refletir sobre a temática.

1.6. Aula do dia 25 de novembro de 2016

Sexta-feira (uma aula de 50 minutos)
Sumário: Atividades de pesquisa e de elaboração individual de um tema sobre o Iluminismo para a construção do pensamento moderno.
Conteúdos: 4.A Construção da Modernidade Europeia 4.2. A Filosofia das Luzes
Aprendizagens relevantes: - Distinguir os meios de difusão do pensamento das Luzes; - Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação das Luzes para a construção da modernidade europeia.
Conceitos: <i>Enciclopédia, Maçonaria</i>

Recursos: Manual, projetor, computador, planificação da aula¹²⁴, *internet*, sala de informática, *guião de orientações para o trabalho individual*¹²⁵, *PowerPoint*¹²⁶, *trabalhos*¹²⁷

Descrição da aula: Devido a um mal-entendido na troca de horário com a turma, apenas 3 alunos estiveram presentes na aula. Porém, como planeámos que esta sessão decorreria na sala de informática da escola, para que os alunos pudessem fazer os trabalhos de pesquisa individuais, distribuímos pelos presentes o *guião de orientações para o trabalho individual* e disponibilizámo-los, pela plataforma *slack*, a todos os alunos, bem como, por *email*. Reforçámos, uma vez mais, a importância da realização dos trabalhos e relembrámos a nossa disponibilidade, quer via *slack*, quer via *email*.

Os alunos que assistiram à aula, encarregaram-se de avisar os restantes alunos para a atividade disponibilizada *online*. Esclarecemos as dúvidas dos que estiveram na aula presencialmente

1.7. Aula do dia 29 de novembro de 2016

Terça-feira (duas aulas de 50 minutos)
Sumário: Continuação do estudo sobre a Defesa do Direito Natural, do <i>Contrato Social</i> e da Separação dos Poderes. A Difusão das Luzes.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia 4.2. A Filosofia das Luzes
Aprendizagens relevantes: - Distinguir os meios de difusão do pensamento das Luzes; - Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação das Luzes para a construção da modernidade europeia.
Conceitos: <i>Direito Natural, Estado, Despotismo Esclarecido</i>

¹²⁴ Vide Anexo 6.

¹²⁵ Vide CD-Rom Anexo 27.

¹²⁶ Vide CD-ROM Anexo 28.

¹²⁷ Vide CD-ROM Anexo 29.

Recursos: Manual, projetor, computador, planificação da aula ¹²⁸ , PowerPoint ¹²⁹
--

Descrição da aula: Iniciámos a aula às 10:20h. E referimos, logo ao início da sessão que apenas alguns alunos nos tinham entregue o trabalho da semana passada. Começámos por relembrar os conteúdos lecionados na semana passada como forma de revisão da matéria. Explicámos à turma que durante a primeira parte da aula centraríamos a nossa atenção no estudo da defesa do direito natural, do contrato social e na separação de poderes. E que para isso, nos debruçaríamos em alguns autores como, John Locke e Montesquieu.

Para explicarmos no que consistiu o direito natural, relembrámos o “contrato” de J. Locke, entre o soberano e a nação. Demos a conhecer aos alunos Montesquieu e a importância deste para o direito, bem como, a sua concepção de poder. Solicitámos à turma uma análise em conjunto de um documento retirado do manual, *O Espírito das Leis*, de Montesquieu. Através da análise deste excerto, os alunos entenderam que o autor defendia que só o poder poderia limitar o poder, ou seja, para que não ocorressem abusos de poder como acontecia com os modelos absolutistas monárquicos, era necessário que o poder fosse dividido em três poderes, *legislativo, executivo e judicial*, de forma que, com esta limitação dos “poderes pelos poderes” originasse um menor descontentamento e desordem. Segundo este autor, só era possível a existência de um “bom governo” quando as leis promovessem e garantissem a liberdade dos indivíduos (ideia de um governo moderado).

Reforçámos este conteúdo referindo o papel relevante de Jean-Jacques Rousseau e a ideia que este tinha de contrato social. Explicámos à turma que, para a existência deste “contrato” era necessário *a priori* um esforço de conciliar a vontade particular, a do indivíduo, com a vontade geral, a da maioria. A última deveria sempre atender ao bem comum e ao bem público. A ideia deste contrato assentava na ideia que, os indivíduos estavam dispostos a entregar parte da sua liberdade à vontade geral, e que a mesma, defenderia o interesse do todo e do particular, através das leis. Assim, a vontade geral representava a soberania suprema e quem se negasse à mesma, poderia ser coagido pela

¹²⁸ Vide Anexo 7.

¹²⁹ Vide CD-ROM Anexo 31.

coletividade. Para Rousseau, a liberdade não era fazer tudo o que se quisesse, mas sim, puder fazer tudo o que a lei permitisse. Pois, a lei era natural quando expressava a vontade geral, a da maioria. Por esta mesma razão, considerava-a como a expressão da razão humana e via o Estado como fruto deste contrato.

Explicámos à turma a importância do Estado para os iluministas fazendo alusões à forma como viam o povo e as elites obscurantistas. Finalizámos este tema explicando no que consistia o despotismo esclarecido, frisando que este tipo de governo havia sido inspirado pelos princípios iluministas do séc. XVIII, pois procurava conciliar o absolutismo monárquico com os valores do progresso e da razão. Comparámos o Antigo Regime com o Despotismo Esclarecido, e explicámos que enquanto para o primeiro, o direito divino encontrava-se a favor do despotismo, no segundo, a razão expressava a vontade geral e inspirava a assembleia para legislar. Concluímos, referindo que a razão de Estado estava ao serviço da conservação da ordem estabelecida e do seu poder pessoal, tendo por base, ideias de progresso, desenvolvimento de reformas sociais e económicas, políticas, educacionais, entre outras. Como forma de consolidação dos conteúdos tratados, pedimos que os alunos resolvessem os exercícios do manual, referente ao tema.

Uma vez que não acabaram de fazer os exercícios antes do intervalo, permitimos que os completassem no início da segunda parte da aula. Após a conclusão desses, procedemos à correção em conjunto com a turma, que serviu como revisão da matéria dada na primeira parte.

Solicitámos a ajuda de todos na compreensão do capítulo respeitante à difusão das Luzes. Questionámos sobre os principais focos de difusão do movimento iluminista. A maioria respondeu de forma esperada e indicou os principais meios que ajudaram à divulgação destes ideais, porém, para que ficassem com um maior conhecimento sobre estes (*enciclopédia, bibliotecas e academias, imprensa, salões literários e a Maçonaria, entre outros*) referimos alguns aspetos e algumas ilustres personagens que ajudaram a causa. Para reforçar a aprendizagem da matéria pedimos que os alunos resolvessem em pares, os exercícios propostos pelo *dossiê de atividades* do manual, os quais foram corrigidos, também, em conjunto, com a turma.

Dos trabalhos solicitados na aula anterior, por via *slack* apenas recebemos 6. Por essa mesma razão, entendemos que apenas serão disponíveis no *website* alguns dos trabalhos, feitos pelos grupos.

Concluímos que o manual, apesar de ser uma excelente ferramenta didática e de conter diversos documentos que auxiliam o docente na sua atividade, deve ser usado, sempre com conta, peso e medida. Entendemos que este poderia conter mais textos informativos porque, a maioria dos nossos alunos recorre ao manual para se preparar para os testes e, como retiram poucos apontamentos no decurso da aula, sentem dificuldades na compreensão e encadeamento da matéria apresentada.

Notámos que os alunos têm dificuldades na recolha e tratamento dos dados, por essa mesma razão entendemos que devemos trabalhar no sentido de reforçar estas competências.

Verificámos que a maioria dos alunos tem problemas na compreensão e análise dos diferentes documentos, bem como, na própria terminologia utilizada. Deste modo, acreditámos que todos os recursos disponíveis devem ser utilizados em prol da turma, de forma a motivá-los para o trabalho, com vista a colmatar estas lacunas.

O recurso ao *PowerPoint* surgiu como uma forma de suprimirmos essas lacunas, por compreendermos a importância que tem acederem a informação fidedigna. Como também, o recurso ao *slack*, pela partilha de informação. A utilização de ferramentas informáticas contribuiu para aumentar o interesse pela disciplina.

Considerámos o recurso às ferramentas informáticas como benéfico e estimulante para o processo de ensino-aprendizagem, desde que cumpra com as finalidades educativas e pedagógicas definidas.

1.8. Aula do dia 23 de março de 2017

Quinta-feira (uma aula de 50 minutos)
Sumário: Realização do trabalho de grupo.
Conteúdos: 4. A Construção da Modernidade Europeia

4.1. O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza
Aprendizagens relevantes: <ul style="list-style-type: none">- Reforçar conteúdos sobre o Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza- Valorizar os contributos de algumas figuras importantes para a Revolução Científica- Elaborar um texto de carácter biográfico
Conceitos: <i>Revolução Científica, pensamento racionalista, método indutivo ou experimental, Modelo Geocêntrico, Modelo Heliocêntrico</i>
Recursos: planificação da aula ¹³⁰ , <i>Documento de apoio – Como elaborar uma biografia?</i> ¹³¹ , <i>biografias</i> ¹³²

Descrição da aula: A pesquisa *online*, bem como, todo o tratamento da informação recolhida e sua redação, fora planeado para duas aulas de 50 minutos. Porém, demo-nos conta que do trabalho final resultante das duas aulas dedicadas ao trabalho de grupo surgiram cópias quase idênticas às *fontes* consultadas, por essa mesma razão, optámos por planejar uma outra aula, de 50 minutos, já no decurso do 2º período, com vista à melhoria dos trabalhos, tendo como ponto de partida, as pesquisas já efetuadas. Pois, entendemos que a anulação de todos trabalhos desenvolvidos pelos alunos poderia tornar-se numa medida desmotivadora. Por essa mesma razão, decidimos reformular o guião orientador do trabalho e apresentá-lo de novo, à turma. Apontámos diretamente o motivo pelo qual havíamos decidido que eles reformulassem as pesquisas que haviam feito e motivámo-los, indicando que as mesmas serviriam de base para um novo trabalho.

Desta forma, esta terceira aula foi dedicada à melhoria dos trabalhos, orientada por um segundo *Documento de apoio – Como elaborar uma biografia?* no qual demos uma nova hipótese aos alunos, de desenvolverem um novo trabalho, tendo por base o que já tinham apresentado, que serviria de base para a construção de um texto, de carácter biográfico.

Assim que iniciámos a aula, distribuímos pela turma, o *documento de apoio* e procedemos à entrega de todos os trabalhos que já nos tinham entregue. Trabalhos estes

¹³⁰ Vide CD-ROM Anexo 32.

¹³¹ Vide CD-ROM Anexo 33.

¹³² Vide CD-ROM Anexo 34.

feitos em grupo, durante a primeira semana de novembro que lecionámos, o tema - *O Método Experimental e o Progresso do Conhecimento do Homem e da Natureza*. Pedimos que escolhessem uma das personagens que tinham pesquisado e que redigissem um novo texto, de carácter biográfico.

Pedimos a atenção da turma para a leitura deste documento e reforçámos a importância do recurso às orientações dadas para a construção do texto.

Anexo - Documento de apoio - Como elaborar uma biografia



Escola Secundária da
Baixa da Banheira

Documento de apoio - Como elaborar uma biografia?

Elaborar uma biografia constitui um procedimento cativante de abordar e compreender a História. Para lá da movimentação das massas e dos condicionalismos geográficos ou económicos, há os indivíduos de carne e osso que protagonizam o devir histórico. Uns mais famosos, outros menos conhecidos, todos são, com os seus percursos singulares de vida, produto de uma época e atores de um tempo que é o da História.

Algumas regras a reter para a elaboração da biografia...

- » Selecionar a personalidade Histórica a biografar;
- » Pesquisar elementos sobre o biografado (*manual, internet, livros, ...*)
- » Colocar questões orientadoras:

Como qualificar a personalidade do biografado? Que teve ele de tão interessante ou importante para a matéria que demos?

Que acontecimentos moldaram o seu carácter, a sua ideologia e a sua ação?

Deparou-se com obstáculos que lhe dificultaram conseguir produzir a sua obra? Como os ultrapassou?

Que efeitos tiveram as suas ideias/obras/invenções a nível local, regional, internacional?

O mundo ficaria melhor ou pior se ele não tivesse dado o seu contributo? Como e porquê?

- » Optar por elaborar uma biografia cronológica ou temática.

Cronológica – seguir a vida e obra ao longo do tempo;

Temática – debruçar-se sobre um ou mais aspetos relevantes da ação do biografado

- » Redação da biografia:

- Apresentação da figura histórica (data e local de nascimento e morte; origem familiar; estudos; profissão; vida afetiva);

- Análise, mais ou menos desenvolvida, da sua vida e obra (carácter, episódios relevantes da vida: fatores que os condicionaram);

- Conclusão (importância histórica da pessoa biografada).

Documento de apoio à aula - Como elaborar a biografia?

Realçámos a importância de algumas questões orientadoras para a execução dos seus trabalhos, “*Como qualificar a personalidade do biografado?*” ou, “*Que teve o biografado(a) de tão interessante ou importante para a matéria que demos?*”, “*Deparou-se com obstáculos que lhe dificultaram conseguir produzir a sua obra?*”, “*Como ultrapassou os obstáculos?*”, “*O mundo ficaria melhor ou pior se ele não tivesse dado o seu contributo?*”, “*Porquê?*”.

Apresentámos ainda algumas ideias importantes para a construção de uma biografia como, alguns aspetos pessoais da vida do biografado (data de nascimento e morte, local de nascimento e morte, origem familiar, estudos, profissão), descrição dos maiores acontecimentos em que esteve envolvido (obras, episódios marcantes) e como conclusão, a importância deste para a História (contributo, legado). Mencionámos ainda a este propósito a importância de serem mais objetivos.

Alguns aspetos a evitar na construção de uma biografia:

- » Evitar desenvolver a época em que viveu a figura biografada. Esta é o que constitui o assunto central do trabalho.
- » Procurar ser objetivo, sem que o trabalho se resuma a um suceder de factos. A sua leitura deve resultar o mais agradável possível.

Trabalho realizado por:

Biografia de _____

1. Tendo em base a pesquisa efetuada sobre um determinado autor, em grupo, e de acordo com as orientações dadas (documento de apoio – *Como elaborar uma biografia*, constrói um texto de carácter biográfico.

Nota: Os trabalhos serão expostos posteriormente, no site dedicado à disciplina.

Documento de apoio - Aspetos a evitar na elaboração de uma biografia

Após esta leitura em conjunto conversámos com todos os alunos, individualmente e em grupo, dirigindo-nos até aos seus respetivos lugares e abordando-os para eventuais

dúvidas que pudessem ter sobre a natureza das tarefas propostas, aproveitando para relembrar conteúdos já dados.

Ao longo das aulas fomos mostrando à turma a estrutura do *website*. A maioria dos grupos concluiu o trabalho no prazo de aula, com exceção a um grupo que nos pediu mais tempo para a realização da atividade e que depois não nos entregou o trabalho completo.

Os grupos escolheram as seguintes biografias: Evangelista Torricelli, Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Isaac Newton e William Harvey.

Apesar de termos constatado que todos seguiram as orientações dadas para a elaboração de uma biografia, mantiveram-se todos muito “fieis” ao textos que serviram de base para o seu trabalho (as suas pesquisas). No entanto, por comparação com os primeiros trabalhos realizados, entendemos que houve um esforço maior, por parte deles, na melhoria dos seus trabalhos. Notámos também que houve, por comparação com os anteriores, um maior interesse pelo trabalho e motivação por saberem que os seus trabalhos seriam posteriormente expostos *online*.

Concluímos desta experiência que, o ajustamento do guião de trabalho produziu efeitos benéficos nas motivações dos alunos, por especificar a intenção final do que se pretendia com os trabalhos produzidos, bem como, o recurso a ferramentas informáticas (as quais os alunos já se encontram familiarizados) despertou o interesse e o gosto pela atividade realizada.

2. O Website, a Plataforma Slack e a Visita de Estudo

2.1. O Website

Quando tomámos a decisão de construir um *website*¹³³ a nossa ideia principal foi simplificar e tornar acessível os conteúdos trabalhados pelos alunos, em sala de aula. Considerámos a hipótese de os expor num *website* após uma conversa que tivemos com eles, numa fase inicial. Tentámos compreender até que ponto o recurso a esta ferramenta poderia ser interessante, do ponto de vista pedagógico. Fizemos um inquérito onde pretendíamos apurar o interesse dos alunos no recurso a esta ferramenta informática, sendo que, a maioria da turma considerou a ideia interessante.

São algumas as questões que se colocam quando pensámos em construir um *website*, em especial, numa vertente educacional como, que tipo de informações disponibilizaremos? A que tipo de fontes deveremos recorrer? E que tipo de trabalhos iremos expor e em que circunstâncias?

Escolhemos, para esse propósito, um dos subtemas por nós lecionado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, a *Revolução Científica e o Conhecimento do Homem e os Segredos do Universo e o Mundo da Ciência*, inserido no módulo 4 – *A Construção da Modernidade Europeia*. Decidimos expor no nosso *website*, o resultado das pesquisas *online* feita pelos alunos do 11º LH.

Como havíamos pretendido que todos os trabalhos expostos fossem elaborados pelos alunos, decidimos que melhorassem as suas biografias.¹³⁴

Quanto ao *website*, foi criada uma página inicial onde apresentámos, de forma intuitiva, os conteúdos possíveis de aceder.

¹³³ O nosso *Website* encontra-se na seguinte referência eletrónica <http://historia59.webnode.pt/>

¹³⁴ Vide *Aula do dia 23 de março* no relatório.



Figura 14 - Apresentação inicial do Website

Na primeira *subpágina*, apresentámos uma breve introdução com a finalidade de introduzir e justificar o recurso a esta opção metodológica e também, de introduzir o leitor à finalidade da página.



Num mundo em que o recurso à utilização das ferramentas informáticas é-nos hoje tão natural e presença assídua nas camadas mais jovens, torna-se imperativo que todos os alunos, futuros cidadãos participantes na sociedade, aprendam a desenvolver mecanismos que lhes permitam filtrar a informação que recebem, permitindo-lhes distinguir informação credível de outra, aparentemente verdadeira que carece de fundamentação científica.

O incentivo ao recurso de ferramentas informáticas surge como uma resposta construtiva e significativa à necessidade de ir ao encontro de algo que lhes é familiar, bem como, à de motivar os alunos a se debruçarem sobre o objeto histórico que estudam, promovendo boas práticas de pesquisa e de sensibilização para a difícil tarefa da própria (re)construção do evento histórico.

Os mecanismos de filtragem que utilizaram para a própria construção dos temas que neste *site* foram abordados, permitiu que, aos poucos, compreendessem a importância de um juízo crítico sobre a informação em que se basearam para a redação dos seus artigos, pelo cruzamento de diversas fontes. Como também contribuirá, de forma enriquecedora, todos aqueles que venham aceder ao *site*.

Quanto ao papel do professor, este foi o de orientar os seus alunos no processo de aquisição de competências e o de desenvolver as capacidades de pesquisa e tratamento de informação em contexto de sala de aula, como também, despertar para uma maior curiosidade sobre o tema de forma a manter acesa a busca e o gosto pelo conhecimento.

Todos os artigos apresentados são referentes ao módulo 4 - *A Construção da Modernidade Europeia*, referente ao programa oficial de 11º ano de História A, sendo que todos os trabalhos aqui apresentados foram elaborados por uma turma de 11º ano da Escola Secundária da Baixa da Banheira, concelho da Moita, durante o ano letivo de 2016/2017, no âmbito da disciplina de História.

Figura 15 - Introdução ao Website

Para que os conteúdos expostos pelos alunos não ficassem desprovidos de uma contextualização histórica que servisse de introdução ao tema, optámos por partilhar, numa segunda *subpágina*, os *PowerPoint* utilizados em sala de aula, permitindo ao aluno e também ao leitor alheio, se situar antes de ver os trabalhos realizados pelos alunos.



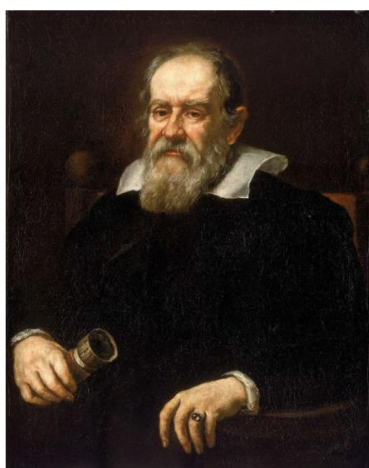
Figura 16 - Contextualização Histórica com recurso ao PowerPoint apresentados

Na terceira *subpágina*, apresentámos os trabalhos elaborados pelos alunos, para exposição no *website*.



Figura 17 - Trabalhos realizados pelos alunos expostos no Website

E a título de exemplo, um dos trabalhos expostos.



Nasceu em Pisa, no dia 15 de fevereiro de 1564.

Galileu foi uma das personalidades que mais contribuiu para a denominada «revolução científica» e um dos fundadores da introdução do método experimental que abriu portas à ciência moderna.

Galileu toda a sua vida fez trabalhos de observação astronómica, que lhe permitiram aperfeiçoar as lentes de observação e também fazê-lo compreender que, a teoria geocêntrica não estava correta. Foi graças às observações que fez à superfície lunar e ao estudo das suas características (as manchas visíveis pelas suas lentes) que compreendeu que os objetos celestes sofriam os mesmos processos de erosão que os da Terra.

Em 1610 escreveu uma obra, o *Sidereus Nuncius* ("Mensageiros das Estrelas") onde expôs ao mundo a maior parte das descobertas que fez com os seus estudos até à época.

Católico, Galileu teve permissão por parte da Igreja Católica para ensinar o modelo de Copérnico, uma vez que não existiam provas suficientes que provassem a teoria defendida por este. Contudo, permitiam o ensino desta como uma hipótese.

Por encomenda do papa Urbano VIII, Galileu redigiu uma obra onde explicava, por intermédio de três personagens, as duas teorias diferentes existentes na época (geocentrismo e heliocentrismo) O *Dialogo di Galileo Galilei sopra i due Massimi Sistemi del Mondo Tolemaico e Copernicano*, por vezes abreviado para *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo* ("Diálogo sobre os dois principais sistemas do mundo"). A condição exigida pelo papa era de que deveria defender ambas as teorias, sem dar destaque a uma em detrimento da outra. Com a obra terminada, em 1630, Galileu viajou a Roma para apresentá-la pessoalmente ao papa. Porém, foi acusado de ter defendido uma posição favorável à teoria contrária defendida pela Igreja Católica - a teoria heliocêntrica e por essa mesma razão esta obra tornou-se decisiva no processo levado a cabo pela Inquisição contra Galileu Galilei.

Em 1633, foi declarado suspeito de heresia por continuar a defender o ensino da teoria heliocêntrica. Tendo acabado por abjurar* publicamente as suas obras para que não fosse condenado pela Inquisição.

Morreu a 8 de janeiro de 1642.

*Abjurar - renunciar a crença, negar com falso testemunho, desdizer.

Figura 18 - Exemplo de um trabalho realizado exposto no Website

Finalizando, como última *subpágina*, as referências bibliográficas utilizadas.



Figura 19 - Referências Bibliográficas consultadas para a construção das biografias

Da análise efetuada aos seus trabalhos constatámos que não têm por hábito confrontar a informação que recebem. Websites como a *Wikipédia* são dos mais populares entres os alunos e no qual baseiam as suas pesquisas na *Internet*. Porém, após termos verificado esse facto, solicitámos à turma que não baseasse a sua informação apenas numa única *fonte*. Foram poucos os grupos que consultaram mais do que duas *fontes* e, apenas um dos grupos teve cuidado em incluir informação de uma fonte mais específica sobre o assunto. No entanto, esse mesmo grupo como havia recorrido a uma fonte de carácter académico, ocultou o endereço eletrónico, por ter copiado integralmente a informação.

Convém salientarmos que em todas as tarefas propostas aos alunos, encontrámos sempre alguns focos de resistência e apenas com o desenvolvimento das mesmas, começaram a demonstrar maior interesse pelas atividades. Observámos que a maioria dos alunos se contenta em fazer o mínimo, veja-se a título de exemplo o caso da menção às *fontes online pesquisadas* que, mesmo tendo nós referido a importância destas nos seus trabalhos, não nos foram facultadas e só por insistência da nossa parte é que foram disponibilizadas.

Quanto a implicações do recurso a ferramentas como o *Webnode* salientámos que, o facto de utilizarmos uma versão gratuita, com acesso limitado, não permitiu que todos os alunos acessem à mesma da forma que nos gostaríamos, ou seja, que pudessem trabalhar diretamente a informação, bem como, pudessem aperfeiçoar e compor graficamente a sua *página*. O que poderia ter contribuído para que esta experiência tivesse sido mais aliciante e significativa, em termos de aprendizagem. No entanto, e com base nas nossas observações, acreditámos que os alunos teriam demonstrado maior interesse pela mesma se tivessem podido trabalhar diretamente nesta, potenciando “boas

experiências de ensino e de aprendizagem.”¹³⁵ Pois, muitos afirmaram, quando viram o “esqueleto” do *website*, que sentiam uma maior responsabilidade para com os textos, uma vez que seriam expostos *online*.

Por tendência geral, a maioria dos alunos não revelou muito interesse na realização e desenvolvimento de atividades dentro da sala de aula, porém, observámos que o seu grau de interesse aumentou quando optámos por utilizar recursos informáticos.

2.2. A plataforma Slack

*“As melhores experiências são aquelas que permitem dinâmicas de interatividade.”*¹³⁶

No início, quando operacionalizámos esta plataforma, houve alguns alunos que não acederam à mesma e salientaram como problema para a sua não adesão o «não terem recebido convite», porém, quando tentámos solucionar a questão, alguns não se mostraram muito assertivos nos motivos dados para não aderirem. Apesar destes percalços, a maioria mostrou interesse na utilização da mesma.

Alguns salientaram como dificuldade no seu manuseamento, o facto da mesma se encontrar em Inglês. Porém, rapidamente perceberam a dinâmica da plataforma e compreenderam o seu mecanismo.

Salientaram ainda, como aspeto positivo, que pelo recurso a esta ferramenta na disciplina, conseguiam aceder, de forma mais fácil aos conteúdos dados, sem estarem preocupados em “passar” a matéria. Tendo assim tempo para puderem escutar e interagir durante a aula. Outro ponto que realçaram, foi ter aproximado os alunos à disciplina, por permitir um contacto mais próximo com a disciplina.

¹³⁵ José Alberto Lencastre, “Metodologia para o Desenvolvimento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Development Research”, in Angélica Monteiro, J. António, Ana C. Almeida (org.), *Educação Online – Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, p. 49.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 45.

Quanto à sua importância, em contexto da disciplina de História, demonstrou ser uma ferramenta importante por permitir que acessem, a qualquer hora à informação lecionada nas aulas. E possibilitou, que tirassem as dúvidas com o professor, de uma forma mais direta.

A criação destes cenários educativos, segundo Daniela Barros, “*promove e permite a interação direta dos alunos com os docentes, sobre os conteúdos.*”¹³⁷ Além de que, o recurso a esta tem como objetivo “*facilitar as atividades didáticas pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem.*”¹³⁸

No entanto, convém frisar que o sucesso do recurso a esta ferramenta depende, em grande parte, da vontade do aluno em querer participar. Pois, esta “*pode ser muito rica de opções, ferramentas e demais formatos, mas se não acontecer a mediação docente e a interação com o esforço do estudante em realizar as atividades propostas o aprendizado dificilmente ocorre de forma qualitativa.*”¹³⁹ Por essa mesma razão sentimos, durante todo o tempo de estágio, a necessidade de despertar nos alunos o interesse sobre os temas abordados.

Quanto à aplicabilidade desta no âmbito da disciplina, serviu para vários propósitos, como: - Partilhar com a turma as apresentações das aulas, em *PowerPoint*.



Figura 20 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de uma aula

¹³⁷ Daniela Melaré Vieira Barros, “Estilos de Aprendizagem em Plataformas Digitais”, in Angélica Monteiro, J. António, Ana C. Almeida (org.), *Educação Online – Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, p. 91.

¹³⁸ Idem, *ibidem*.

¹³⁹ Idem, *ibidem*.

A Construção da Modernidade Europeia - a importância dos recursos para o ensino da História

- Partilhar esquemas-sínteses da matéria.

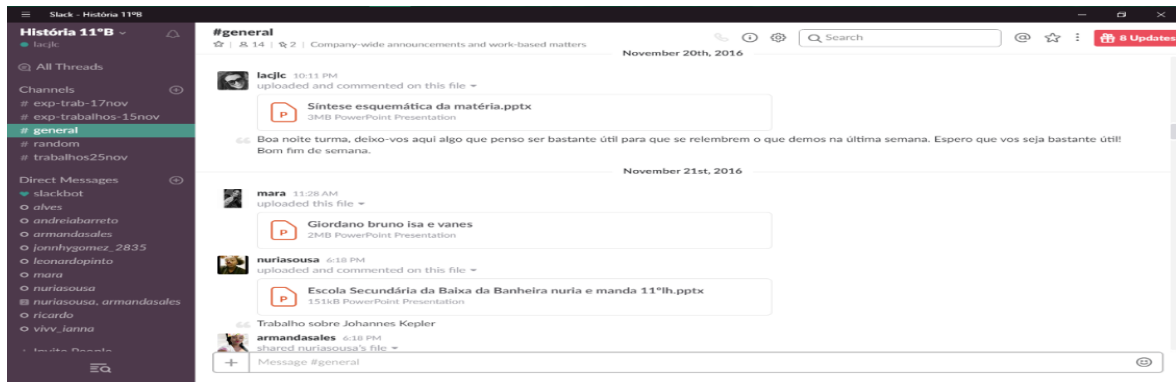


Figura 21 – Exemplo de partilha na plataforma Slack de um esquema-síntese

- Partilhar com a turma *guiões de trabalho* para realização *online* dos trabalhos.

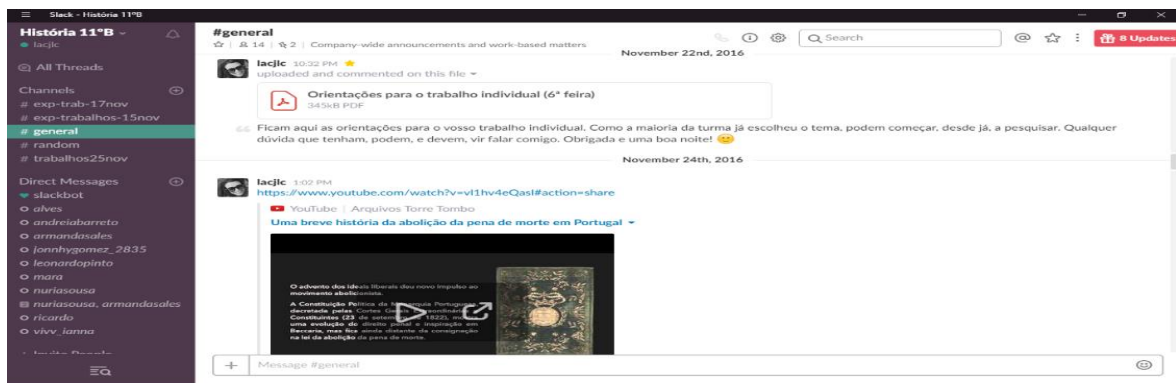


Figura 22 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de um guião de trabalho

- Partilhar conteúdos relevantes sobre a matéria.

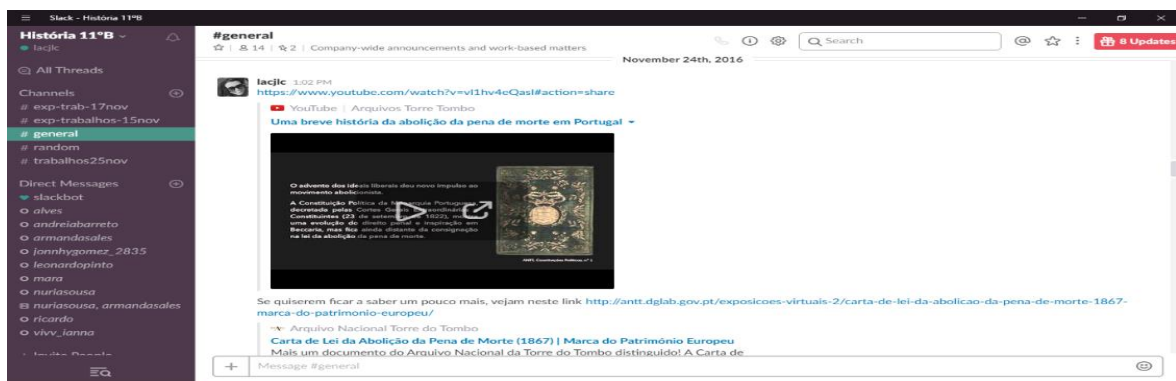


Figura 23 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de conteúdos

A Construção da Modernidade Europeia - a importância dos recursos para o ensino da História

- Partilhar todos os trabalhos realizados pela turma.

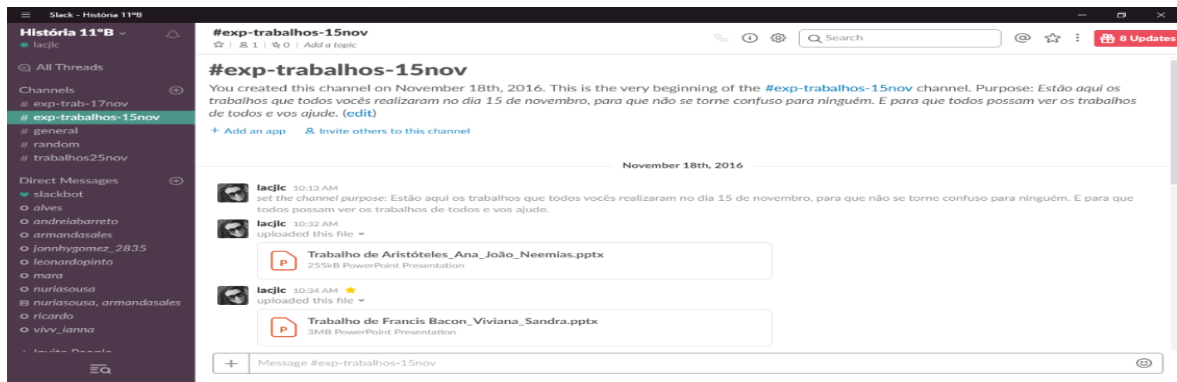


Figura 24 - Exemplo de partilha na plataforma Slack de trabalhos

-Informações.

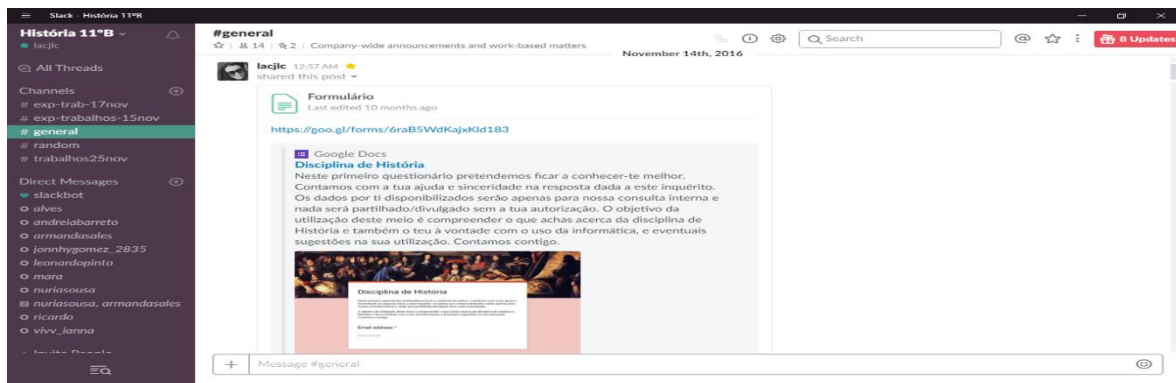


Figura 25 - Exemplo de Formulário da Google Drive na plataforma Slack

- Curiosidades.

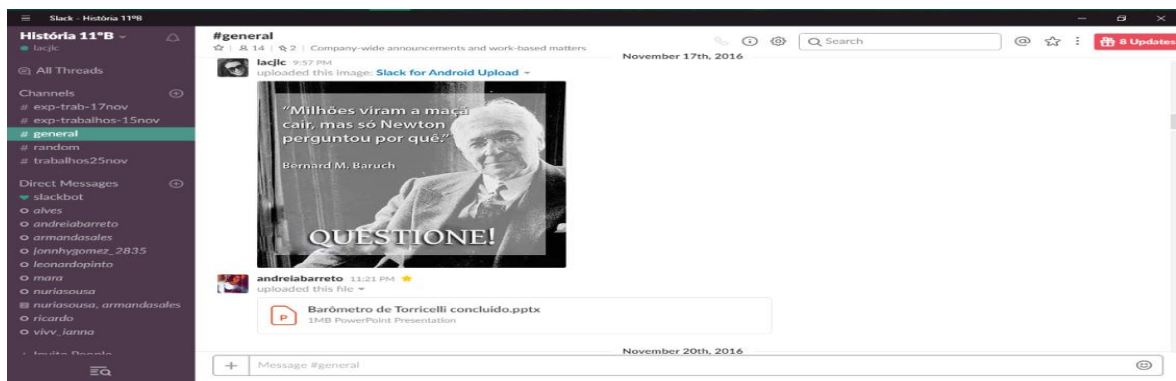


Figura 26 - Exemplo de partilha de curiosidades na plataforma Slack

Em suma, pretendíamos pelo recurso a esta ferramenta criar motivação nos alunos e incentivar para uma maior interatividade entre todos, propícia ao florescimento de pontos de discussão e de partilha sobre informação. Um “*espaço de interação, de partilha, de colaboração e de cooperação, isto é, um espaço de verdadeira aprendizagem*”¹⁴⁰ fomentado em grande parte, pela facilidade de acesso à mesma.

Conseguimos, com a implementação desta na disciplina e por insistência da nossa parte, comunicar com alguns alunos pelo *chat* existente na plataforma. Todas as conversas foram sempre referentes às dúvidas que os alunos tinham em algum ponto do trabalho, bem como, a solicitação de algumas informações adicionais.

Tivemos conhecimento pela turma que, a maioria desconhecia por completo a existência deste tipo de plataformas em contextos educacionais e foram poucos os que admitiram ter conhecimento de outras plataformas, como o *e-learning Moodle*. Soubemos ainda que a turma dispunha de um *email* no qual os professores sempre que necessitavam partilhavam informação. No entanto, esta ferramenta só era utilizada para retirar dúvidas gerais e respeitantes à turma.

Considerámos que, em termos gerais, o resultado desta experiência foi benéfico para a turma por permitir a partilha de informação, a qualquer hora, e por possibilitar um contato mais próximo entre alunos e professor, como o caso daquele aluno que faltou a uma aula e que acedeu à plataforma, durante o tempo da mesma, para saber qual a sua tarefa. Entendemos que o recurso a plataformas como o *slack*, facilitam o relacionamento pedagógico e são favoráveis à aprendizagem.

No entanto, houve alguns alunos que se mostraram relutantes na sua utilização. O que nos levou a compreender que numa fase inicial, a implementação desta ferramenta não foi fácil por depender, em grande parte, da vontade dos alunos em realmente a quererem aceitar, bem como, quererem contribuir de forma ativa, na construção em conjunto do conhecimento.

Isto fez-nos entender que a introdução de outros recursos didáticos, diferentes dos habituais utilizados, pode criar alguns focos de resistência, por parte de alguns alunos. Pareceu-nos que os motivos da resistência a estes deveram-se à falta de conhecimento

¹⁴⁰ José Alberto Lencastre, *op. cit.*, p. 45.

sobre o recurso e uma falta de vontade em quererem fazer mais do que consideram ser estritamente necessário.

Entendemos, por conseguinte, que o papel do professor, como conhecedor desta realidade deve ser o de compreender o motivo pelo qual alguns alunos tomaram esta atitude, desmistificando o recurso, de forma a criar motivação nos alunos para a sua utilização.

2.3. A visita de estudo

Entendemos que, do ponto de vista pedagógico, as visitas de estudo são eficazes quando conseguem responder aos objetivos propostos pelos programas vigentes. Regra geral, as visitas de estudo são populares e tem uma grande taxa de adesão. Incentivam à participação, mesmo que de uma forma indireta, mobilizando diversos conhecimentos, não só respeitantes à disciplina. Além de facilitarem a relação dos alunos com os conteúdos.

Neste sentido, planear e organizar uma visita de estudo no decurso da nossa prática de Ensino Supervisionada, à Baixa Pombalina de Lisboa, no dia 11 de maio de 2017 com a turma de 11º LH, como estratégia que visava servir diversas finalidades, tais como: motivar os alunos para os conteúdos abordados em contexto de sala de aula, dar a (re)conhecer Lisboa aos alunos numa perspetiva histórico-cultural, fomentar boas práticas de relacionamento entre alunos e professores, incentivar a curiosidade e gosto pelo património e consolidar os conteúdos abordados em sala de aula.

Como base para a organização e delineamento da atividade seguimos as indicações dadas pela professora Cândida Proença, no seu livro *Didáctica da História*¹⁴¹, e adaptamo-las, tendo em conta a realidade da nossa turma para a qual a visita foi planeada. Quanto aos conteúdos tratados e pensados para esta visita de estudo incidiram sobre a cidade de Lisboa, antes e após o terramoto de 1755, tema este tratado no decurso do módulo 4 – *A construção da modernidade europeia - “O projeto pombalino de inspiração iluminista.”*

A preparação da visita de estudo envolveu três momentos fulcrais:

¹⁴¹ Cf. Maria Cândida Proença, “O Ensino da História e o Meio”, in *Didáctica da História*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 193-207.

1º *Planificação da atividade*: Definição do roteiro

2º *Operacionalização da atividade*: Aspectos burocráticos e recursos necessários

3º *Execução da atividade*: Visita de estudo

Planificação da atividade: Definição do roteiro

Quanto ao roteiro escolhido para a visita de estudo surgiu, em grande parte, pelo interesse demonstrado pelos alunos em conhecer os lugares referidos. Tendo assim ficado acordado a visita ao *museu Lisboa Story Centre* e ao *Museu Arqueológico do Carmo*. A visita de estudo foi planeada para o dia inteiro, sendo que, durante o período da manhã dedicámos especial atenção à história da cidade de Lisboa, pela visita ao *museu Lisboa Story Centre* e no período da tarde, ao *Museu Arqueológico do Carmo*.

Partida	Ponto de encontro – Terminal Fluvial do Barreiro, às 9h.
Período da manhã	Visita ao <i>museu Lisboa Story Centre</i> Passeio pela Baixa de Lisboa (Praça do Comércio, visita à estátua de D. José I, Rua Augusta)
Almoço	Armazéns do Chiado (restauração), horário das 13h às 14:30h.
Período da tarde	Visita ao <i>Museu Arqueológico do Carmo</i> Passeio pela Baixa-Chiado e Rossio Visita à Igreja de São Domingos, Praça dos Restauradores
Chegada	Terminal fluvial do Terreiro do Paço (Lisboa-Barreiro)

Tabela 1 - Roteiro da visita de estudo

O *museu Lisboa Story Centre*¹⁴² dispõe de um serviço educativo que promove a divulgação e promoção da história da cidade através de um áudio-guia que, pela narração de acontecimentos que marcaram a cidade, desde a fundação até aos dias de hoje, conseguem criar nos ouvintes algum tipo de empatia pelo acontecimento histórico narrado. A exposição do *museu* encontra-se dividida em seis núcleos (*mitos e realidades, Lisboa: cidade global, 1 de novembro de 1755, a visão de Pombal, a praça: política e*

¹⁴² Cf. *Lisboa Story Centre*. Disponível em <http://www.lisboastorycentre.pt/>. [consult. 3.outubro.2017].

prazer, Lisboa virtual) divididos em 17 capítulos, que são disponibilizados ao aluno pelo aparelho áudio-guia, de acordo com o seu ritmo.

São vários os recursos que o museu utiliza para explicar, numa hora, os principais eventos que marcaram a cidade. Recorrem para isso a pequenas apresentações em filmes, interações com personagens históricos, réplicas e estruturas arquitetónicas, para que o visitante consiga experienciar um pouco alguns acontecimentos. Do ponto de vista pedagógico, devido à extensão dos conteúdos referidos, a visita ao museu serviu para consolidar matéria já dada e abrir portas para os temas seguintes.

O *Museu Arqueológico do Carmo*¹⁴³ fica localizado na antiga igreja do convento do Carmo, monumento gótico que foi mandado construir em 1389 pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira. Ao longo dos tempos, a igreja e o convento foram sendo alterados e, com o grande terramoto a 1 de novembro de 1755, e com os sucessivos incêndios que assolaram a cidade, a estrutura do convento sofreu danos graves bem como, o saque do seu recheio. Foi D. Maria I que deu ordem para que se procedessem às obras de reconstrução, porém, como o conhecimento do gótico nesta época era escasso, os pilares e os arcos das naves são testemunhos de uma arquitetura neogótica experimental.

Com a extinção das Ordens Religiosas em Portugal, em 1834, o convento foi abandonado e mais tarde, foi ocupado para uso militar. No séc. XIX o gosto pelas ruínas e por antigos monumentos medievais fez com que se optasse por não se reconstruir o convento, deixando o monumento como atualmente o conhecemos, com as naves da igreja descobertas. Quanto ao museu, este foi entregue à Associação de Arqueólogos Portugueses e aqui foi fundado em 1864, por Joaquim Possidónio Narciso da Silva, o museu de Arte e Arqueologia, o primeiro museu do nosso país que tinha como missão pioneira salvaguardar o património nacional que fora abandonado após a extinção das ordens religiosas, invasões francesas e as guerras liberais que assolaram o país. No seu espólio contam-se fragmentos arquitetónicos, esculturas, monumentos fúnebres, painéis, coleções de arte de diferentes origens como, epigrafia romana, cerâmicas e múmias pré-colombianas.

¹⁴³ Cf. Museu Arqueológico do Carmo. Disponível em <http://www.museuarqueologicodocarmo.pt/>. [consult. 3.outubro.2017].

Operacionalização da atividade: Aspectos burocráticos e recursos necessários

São vários os aspetos burocráticos necessários para a aprovação da atividade. Desde a definição do orçamento da visita de estudo, o contato e agendamento da visita com as entidades a visitar, aprovação da atividade na escola e nomeação dos professores que acompanham a turma, autorização dos encarregados de educação.

Após a definição do roteiro para a visita de estudo, a nossa maior preocupação foi, a de definir um orçamento tendo por isso contactado, por *via e-mail*, as duas entidades a visitar *Lisboa Story Centre* e o *Museu Arqueológico do Carmo* que prontamente nos responderam e nos disponibilizaram todas as informações solicitadas. Quanto aos meios de transportes utilizados optámos pelos transportes públicos, nomeadamente, o barco que faz a ligação Barreiro-Lisboa, uma vez que, como somos um grupo pequeno ficaria muito mais caro a opção por um transporte privado.

Quanto às refeições solicitámos aos alunos que trouxessem pequenos lanches para que comessem ao longo do dia e almoço (uma refeição ligeira), porém, todos preferiram que se comesse por Lisboa nos Armazéns do Chiado, sendo que o valor da refeição não foi contabilizado neste orçamento, por ser opcional de acordo com o valor que cada um podia dispor para a sua refeição.

<i>Lisboa Story Centre</i>	Bilhete Jovem 5,00€
<i>Ruínas e Museu Arqueológico do Carmo</i>	Bilhete estudante 3,00€
Barco (Lisboa-Barreiro, Barreiro-Lisboa)	4,70€ (ida e volta)
Total	12,70€

Tabela 2 - Orçamento da visita de estudo

Quanto à data da visita de estudo foi marcada para o início do 3º período, uma vez que durante esta fase os alunos ainda se encontravam com disponibilidade para este tipo de atividade. Após a realização do orçamento e estabelecido contato com os espaços a visitar, solicitámos autorização para o projeto de visita de estudo¹⁴⁴, bem como,

¹⁴⁴ Vide CD-ROM Anexo 35.

autorizações aos encarregados de educação¹⁴⁵, lista de participantes¹⁴⁶ e justificação de faltas da professora cooperante.¹⁴⁷

Execução da atividade: Visita de estudo

O ponto de encontro foi marcado às 9h na estação fluvial do Barreiro, porém, devido aos atrasos por parte de alguns alunos apanhámos o barco das 9:40h, um pouco mais tarde do que havia sido combinado. A visita ao primeiro museu, o *Lisboa Story Centre* iniciou-se às 10:30h e decorreu dentro do espaço de uma hora. Ao longo da visita, os alunos foram convidados a experienciar, através de cheiros e sons, diversos acontecimentos marcantes da história de Lisboa.

Após a visita a este museu, dedicámos algum tempo à observação da praça do comércio, no intuito de questionarmos os alunos sobre a mesma, a estátua central de D. José I, a exposição que tínhamos assistido, bem como, relembrar alguns conteúdos já dados, nomeadamente, a Lisboa Pombalina. Depois deste momento, seguimos caminho em direção aos Armazéns do Chiado realçando alguns aspetos sobre a Baixa Pombalina.

Durante a hora de almoço decidimos dividir-nos em grupos, uma vez que éramos muitos e nem todos os alunos queriam almoçar nos mesmos sítios. Acordámos com todos que tinham uma hora e meia de almoço e que o ponto de encontro seria na entrada dos Armazéns. No total, foram 9 os alunos que participaram na visita de estudo, sendo que desses 2 eram da turma de História de 10º ano, também esta lecionada pela professora cooperante.

Tal como combinado, reunimos para as atividades do período da tarde, à entrada dos Armazéns. Daqui, seguimos para o Largo do Carmo para visitarmos o *Museu Arqueológico do Carmo*. Estivemos cerca de meia hora a conversar com os alunos e a conhecer o exterior do Convento. Realçamos alguns aspetos exteriores sobre o antigo Convento antes de iniciarmos a visita.

Quando entrámos, começou a chover bastante e isso dificultou ver a parte das ruínas, porém, todos se mostraram bastante impressionados com a beleza e o encanto do sítio, em especial, por só se manter intacta a estrutura, os pilares e o céu estar ao

¹⁴⁵ Vide CD-ROM Anexo 36.

¹⁴⁶ Vide CD-ROM Anexo 37.

¹⁴⁷ Vide CD-ROM Anexo 38.

descoberto. Todos conseguiram identificar a parte superior da igreja e lembraram-se que já a tinham visto na réplica do terramoto de Lisboa, no *Lisboa Story Centre*. O facto de estar a chover apressou a visita nesta primeira parte. Como não havia sido possível combinar uma visita guiada para este dia, optámos por fazermos nós, a explicação de alguns objetos que observámos, como o do túmulo de D. Fernando I de Portugal, que se encontrava numa da capela-mor do museu, frisando alguns dos aspetos que o diferenciava de outros do mesmo período como, o facto do jacente não ter a figura do rei, como era costume para a época.



Figura 27 - Túmulo de D. Fernando, no Museu Arqueológico do Carmo¹⁴⁸.

De existirem diversos elementos que representavam a casa materna em vez da paterna, motivo este que se deveu ao facto do soberano ter noção da crise que se avizinhava por não ter herdeiros masculinos e não querer que os filhos da união do seu pai (D. Pedro) com D. Inês de Castro sucedessem. Outro aspeto visível referido na parte superior do túmulo tem a ver com a representação, no mesmo nível e dentro de um círculo, a imagem do rei e noutra, a de Cristo, o que em termos simbólicos significava que o rei obedecia à autoridade de Cristo. São igualmente visíveis outros aspetos como algumas figuras do bestiário medieval que representam o inferno e é patente ao longo de todo o trabalho o medo do «caos» pela constante preocupação na ordenação dos elementos que compõem o túmulo.

Num dos lados observa-se S. Francisco de Assis sentado numa escadaria, a olhar para o céu a ver um serafim. Este anjo de seis asas e de braços abertos mostra as chagas de Cristo que foram também infligidas a S. Francisco. Do outro lado do túmulo pode ver-

¹⁴⁸ O Lugar no Tempo. Disponível em <http://aorodardotempo.blogspot.pt/2010/11/imagens-do-meu-olhar-o-tumulo-do-rei-d.html>. [consult. 3.outubro.2017].

se um homem que se assemelha a um alquimista e que apenas contém um gorro como indumentária, o que indica que algo está errado. Supõe-se que a imagem seja uma referência aos últimos anos da vida de D. Fernando que se pensa ter sido envenenado, tendo sofrido fisicamente muitas diferenças do que era.

Também as múmias expostas, de uma mulher jovem peruana e de uma criança datadas do século XVI, em posição fetal, despertaram a curiosidade dos alunos no espólio diversificado do museu. O museu contém várias peças ocidentais e orientais, e dispõe de uma sala dedicada à Antiguidade Clássica, onde são ainda visíveis marcas dos incêndios que deflagraram em Lisboa aquando o terramoto, na abóbada.

Após a visita de estudo ao museu, seguimos em direção à Igreja de São Domingos, passando pela praça dos Restauradores. Optámos por visitar esta Igreja, para relembrarmos a turma para a questão da tolerância religiosa, referindo o Massacre dos cristãos-novos, em 1506, estabelecendo alguns paralelos com a atualidade. Terminámos a visita no Terminal do Barreiro.

Quanto à visita de estudo considerámos importante o tempo dedicado a cada atividade. O facto de termos intercalado ao longo do dia diferentes recursos, contribuiu para estimular a vontade dos alunos na compreensão dos objetos.

A visita ao *Lisboa Story Centre* permitiu que explorassem os diversos núcleos e ouvissem, através do aparelho disponibilizado, os diferentes momentos que marcaram a história da cidade, através da recriação de alguns episódios marcantes. Foi bastante importante por ter despoletado nos alunos, uma maior empatia para com o objeto histórico e, por consolidar alguns pontos da matéria que já tinham dado na disciplina. O que despertou o interesse pela História.

Constatámos que pelo recurso a esta atividade foi facilitado o relacionamento entre colegas, bem como, a relação entre professores e alunos.

Considerámos a visita ao *Museu Arqueológico do Carmo* como outro momento importante, pela explicação que demos sobre alguns dos artefactos expostos, bem como, a curiosidade dos alunos nestes. Observámos o interesse nas explicações que demos de alguns objetos e a atenção com que ficaram na análise de “documentos vivos”, como o túmulo de D. Fernando. Compreendemos, pelas suas reações, que a observação destes artefactos potenciou um maior interesse pelo conhecimento histórico.

Em suma, concluímos que a realização de uma visita de estudo constituiu um importante momento informal de aprendizagem, com efeitos significativos no processo de aprendizagem. Entendemos por esta razão ser um importante recurso didático por facilitar a aprendizagens de conteúdos, pelo factor motivação e melhorar a relação entre alunos e entre professor-alunos.

Considerações Finais

O presente Relatório da Prática Letiva Supervisionada foi sendo conclusivo. Por este motivo as conclusões não são muito exaustivas.

Pensamos que o ensino da História deve ser dinâmico, interativo e deve potenciar a criatividade, bem como, motivar os alunos para a utilização de diferentes recursos que estimulem uma maior interatividade entre o estudante e o objeto histórico.

Por esta razão quisemos, com a utilização de diversos recursos, apontar estratégias para alguns problemas, já aqui mencionados. Entendemos que por esta via conseguimos, de forma geral, melhorar a vontade dos alunos na participação, bem como, estreitar a relação pedagógica com os professores.

A nossa opção pelo recurso a ferramentas informáticas deveu-se ao facto da maioria dos alunos se mostrar interessado em trabalhar com estas. Compreendemos que, pela adoção das mesmas na nossa disciplina, conseguimos estimular e motivar os discentes.

Numa fase inicial, a implementação da plataforma *slack* não foi fácil. Houve alunos que demonstraram alguma relutância à sua adesão. Compreendemos que, o sucesso da utilização desta dependeu da vontade dos alunos na sua participação. No entanto, percebemos que fomentando o interesse para a sua utilização, ajudámos alguns a ultrapassar esta barreira inicial. Considerámos o recurso a esta como sendo positivo, por possibilitar a partilha e troca de informações dos conteúdos respeitantes aos temas estudados, por permitir a interação direta do professor com o aluno, por facultar o acesso e distribuição de tarefas, bem como, estimular o interesse e motivação e ainda por possibilitar a existência de um espaço *virtual* comum, propício ao florescimento de pontos de discussão.

Quanto ao recurso do *Webnode* como ferramenta criadora de *websites*, considerámos que esta experiência teria sido mais interessante do ponto de vista pedagógico se os alunos tivessem tido a possibilidade de a utilizar diretamente, como já referimos.

Relativamente ao recurso *PowerPoint* entendemos que é uma ferramenta útil e importante no processo de ensino-aprendizagem. Deve ser utilizada com conta, peso e medida, como já referido anteriormente. Porém, serviu-nos para estimular o interesse para a aula e permitiu que os alunos acessem à informação lecionada.

Em termos gerais, considerámos que o recurso às ferramentas informáticas foi benéfico e estimulante para o processo de ensino-aprendizagem, bem como, ajudou-nos a cumprir com as finalidades educativas e pedagógicas que havíamos definido.

Quanto à visita de estudo entendemos que a realização deste tipo de atividades facilitou o relacionamento entre alunos e entre alunos e professores. Despoletou uma maior empatia dos alunos com os objetos históricos e ajudou a consolidar alguns aspetos da matéria, bem como, despertou a curiosidade dos mesmos. Consideramos por isso que, a realização deste tipo de atividades é importante e constitui um *momento informal de aprendizagem*, com efeitos significativos.

Chegadas ao fim deste árduo caminho, temos consciência que a formação profissionalizante é um ponto de partida mais do que de chegada, e por isso já temos saudades.

Referências Bibliográficas

Obras de Referência

BERTRAND, Yves, *Teorias Contemporâneas da Educação*, 2ª edição, Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

CHAFFER, John, TAYLOR, Lawrence, “A História e o professor de História”, in Maria Cândida Proença, *Didáctica da História – Textos Complementares*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 189-213.

COLLINGWOOD, R. G., *A Ideia da História*, Lisboa, Editorial Presença, 2001.

ESTRELA, Albano, *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma estratégia de Formação de Professores*, 4ª edição, Porto, Porto Editora, 1994.

MATTOSO, José, *A Escrita da História – Obras Completas*, volume 10, Casais de Mem Martins, Círculo de Leitores, 2002.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, *Didáctica da História – Teorização e prática: algumas reflexões*, 1ª edição, Lisboa, Plátano Edições Técnicas, 2001.

PROENÇA, Maria Cândida, *Didáctica da História*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.

IDEM, *Didáctica da História – Textos Complementares*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.

ROLDÃO, Maria do Céu, *Estratégias de Ensino – o saber e o agir do professor*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2009.

SANTOS, Maria Emília Brederote, “Os aprendizes de pigmaleão”, in Maria Cândida Proença, *Didáctica da História – Textos Complementares*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992, pp. 145-164.

Modelos de Aprendizagem

ARENDS, Richard I, *Aprender a Ensinar*, Amadora, McGraw-Hill de Portugal, Lda., 1995.

ARENDS, Richard I., “Aprendizagem Cooperativa”, capítulo 10, in *Aprender a Ensinar*, Amadora, McGraw-Hill de Portugal, Lda., 1995, pp. 343-375.

FONTES, Alice; FREIXO, Ondina, *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004.

MOLL, Luís C., *Vygotsky e a Educação – Implicações pedagógicas da psicologia sócio histórica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

SPRINTHALL, Norman A. & SPRINTHALL, Richard C., *Psicologia Educacional*, Lisboa, Faculdade de Psicologia, 1990.

Obras Específicas

BARROS, Daniela Melaré Vieira, “Estilos de Aprendizagem em Plataformas Digitais”, capítulo V, in MONTEIRO, Angélica, MOREIRA, J. António e ALMEIDA, Ana Cristina, *Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, pp. 79-96.

GOULÃO, M. & HENRIQUES, S., “Ensinar e Aprender em Ambientes Virtuais de Aprendizagem”, in MOREIRA, J. António, BARROS, Daniela e MONTEIRO, Angélica (org.), *Inovação e Formação na Sociedade Digital, Ambientes Virtuais, Tecnologias e Serious Games*, Santo Tirso, Whitebooks, 2015, pp. 21-35.

LENCASTRE, José Alberto, “Metodologia para o Desenvolvimento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Development Research”, capítulo III, in MONTEIRO, Angélica, MOREIRA, J. António e ALMEIDA, Ana Cristina, *Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, pp. 45-54.

MONTEIRO, Angélica, MOREIRA, J. António e ALMEIDA, Ana Cristina, *Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012.

MONTEIRO, Miguel Corrêa, “História e Virtualidade – Museus, Jogos e Novas Tecnologias”, in *Colóquio sobre Novas Tecnologias no Ensino da História*, Fapesb, FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, palestra proferida a 19 de junho de 2017.

MOREIRA, J. António, “Novos Cenários e Modelos de Aprendizagem Construtivistas em Plataformas Digitais”, capítulo II, in MONTEIRO, Angélica, MOREIRA, J. António e ALMEIDA, Ana Cristina, *Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, pp. 27-44.

MOREIRA, J. António, BARROS, Daniela e MONTEIRO, Angélica (org.), *Inovação e Formação na Sociedade Digital, Ambientes Virtuais, Tecnologias e Serious Games*, Santo Tirso, Whitebooks, 2015.

MOREIRA, J. António, MONTEIRO, Angélica (org.), *Ensinar e Aprender Online com Tecnologias Digitais – Abordagens teóricas e metodológicas*, Porto, Porto Editora, 2012.

NASCIMENTO, Maria Augusta, “Personal Learning Environments: Um pretexto para (re)pensar a aprendizagem em plataformas digitais”, capítulo VI, in MONTEIRO, Angélica, MOREIRA, J. António e ALMEIDA, Ana Cristina, *Pedagogia e aprendizagem em plataformas digitais*, Santo Tirso, De Facto Editores, 2012, pp. 97-110.

Manuais Escolares

ROSA, Maria, COUTO, Célia, *Um Novo Tempo da História*, Parte 1, História A 11º ano, 1.ª edição, 1ª tiragem, Porto, Porto Editora, 2014.

Ministério da Educação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Programa de História A / 10º, 11º e 12º Anos, Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas / Formação Específica / Homologação / 16/03/2001 (10º Ano) / 01/04/2002 (11º e 12º Anos) / Autoras Clarisse Mendes (Coordenadora) Cristina Silveira Margarida Brum, Lisboa, Departamento do Ensino Secundário. [consult.3.out.2017]. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Programas/historia_a_10_11_12.pdf.

Teses, Dissertações e Projetos educativos

COUVANEIRO, João, *O Curso Superior de Letras (1681-1911), Nos Primórdios das Ciências Humanas em Portugal*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2010. [consult.3.out.2017]. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7500>.

MENDES, Lília Cristina Pereira, *A Utilização das Novas Tecnologias no ensino/aprendizagem da História – aplicação aos manuais do 3º ciclo do ensino básico*, Dissertação de Mestrado em Didáctica da História, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2007.

TERENO, António Vitorino Simões, *O Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos Séculos XIII-XIV – Espaços, Poderes e Vivências: Uma Proposta Didáctica*, Mestrado em Ensino de História e Geografia, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2013.

ROCHA, Mário Rui Cardoso dos Santos, *A Importância do Património na Formação da Memória e da Identidade Nacional à luz do Programa de História*, Mestrado em Ensino de História, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2017.

SILVA, Carlos Manuel Seco, *A Criação de Jogos Didácticos Multidisciplinares, por projetos, usando o PowerPoint*, Mestrado em Ensino de Informática, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2012.

SILVA, Sara Rafaela Mendonça, *A Emigração Portuguesa (1960-2012): Coordenadas Económicas e Demográficas O Ensino-Aprendizagem da História como Ciência Social*, Mestrado em Ensino de História e Geografia, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2015.

ESCOLA SECUNDÁRIA DA BAIXA DA BANHEIRA, Projeto Educativo. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em <http://esbb.pt/modules/tinycontent/index.php?id=49>.

Referências eletrónicas

COUVANEIRO, João, “A escola dentro, fora e além da caixa”, in *TEDxISTAlameda*, Abril 2017. [consult. em 13.out.2017]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cix55h305q0>.

KENSKI, Vani, GOZZI, Marcelo, JORDÃO, Teresa, SILVA, Rodrigo, “A experiência de ensinar e de aprender em ambientes virtuais abertos”, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2012, in Alexandra Okada, *Open Educational Resources and Social Networks: Co-Learning and Professional Development*, Londres, Scholio Educational Research & Publishing, 2012, pp. 1-15. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em http://oer.kmi.open.ac.uk/?page_id=1393.

MOREIRA, José António & MONTEIRO, Angélica, “Formação e ferramentas colaborativas para a docência na web social”, in *Revista Diálogo Educacional*, vol. 15, n.º 45, maio-agosto, Paraná (Brasil), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015, pp. 379-397. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/282429677_Formacao_e_ferramentas_colaborativas_para_a_docencia_na_web_social.

OKADA, Alexandra, “Novos paradigmas na educação online com a aprendizagem aberta”, in *5th International Conference in Information and Communication Technologies in Education*, Braga, Challenges, Centro de Competência da Universidade do Minho, 2007, pp. 1-11. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em <http://oro.open.ac.uk/28633/>.

OKADA, Alexandra, BARROS, Daniela Melaré Vieira, “Ambientes Virtuais de Aprendizagem Aberta: Bases para uma nova tendência”, in *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, [s.l.], Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, 2010, pp. 20-35. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3315/1/artigo%20okada%20%26%20melar%C3%A9.pdf>.

OKADA, Alexandra & OKADA, Saburo. “Novos Paradigmas na Educação Online com a Aprendizagem Aberta”, in *V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*, Braga, *Challenges*, 2007 pp. 1-11. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em <http://oro.open.ac.uk/28633/>.

OKADA, Alexandra, SERRA, Antônio, RIBEIRO, Silvar e PINTO, Sônia, “Competências-chave na era digital para coaprendizagem e coinvestigação”, in *Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning*, Lisboa, Universidade Aberta, pp, 1-21. [consult. em 3.out.2017]. Disponível em <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/3080>.

Concelho da Moita e Vale da Amoreira

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA, “Regimento interno”, in *Conselho Municipal de Educação da Moita*, [s.l.], [s.n.], 2015. [consult. em 13.jun.2016]. Disponível em <http://www.cm-moita.pt/pages/824>.

IDEM, site oficial da Câmara Municipal da Moita, in [consult. em 13.jun.2016]. Disponível em <http://www.cm-moita.pt/pages/1>.

FIGUEIREDO, José Rosa, *A Baixa da Banheira até aos nossos dias*, Setúbal, edição da assembleia distrital de Setúbal, 1979.

IDEM, *Monografia do movimento associativo Banheirense*, Moita, Câmara Municipal da Moita, 1998.

IDEM, *Baixa da Banheira: Contributos para a História local*, álbum 1, [s.l.], Quimigráfica, Artes gráficas e publicações, Lda., [s.d.].

NAZARÉ, Jaime Machado (coord.), *História das freguesias e concelhos de Portugal*, vol. 11, Matosinhos, editora Quidnovi, 2004.

MAIA, Pedro, MARTINS, Mónica e MARTINS, Jorge (coord.), *Equipamentos culturais: região de Setúbal*, Setúbal, AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal, 2014.

MARQUES, Tatiana, *Vale da Amoreira – A história de uma freguesia*, 1ª edição, [s.l.], Graunauta associação cultural, 2013.

MENDES, Victor Pereira, *Monografia do movimento associativo do município da Moita*, Moita, Câmara Municipal da Moita, 2006.

SILVA, Victor Manuel Dias da, *Contributos para a História Local do concelho da Moita*, Moita, Edição do autor, 2006

Anexos

Anexo 1

Ano: 11º Turma: B Tempo: 100 minutos (2 aulas de 50 minutos) Lições nº: 1 e 2 Data: 15/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.1. O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza Sumário: Introdução ao estudo da unidade didática 4 – Construção da modernidade europeia. O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza. A revolução científica e o conhecimento do Homem.
--	--

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza	<p>Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento</p> <p>Avaliar o impacto do <i>método experimental</i> no progresso da ciência</p> <p>Fundamentar a expressão <i>revolução científica</i></p>	<p>Revolução científica</p> <p>Pensamento racionalista</p> <p>Método indutivo ou experimental</p>	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do Sumário Contextualização do tema da unidade 4 (conhecimento aristotélico, renascimento italiano, descobrimentos, associações científicas e “gabinetes de curiosidades”) Explicação dos objetivos gerais das Academias (<i>Academia dos Lincei</i>, em Roma, <i>Academia da Royal Society</i>, em Londres e a <i>Academia das Ciências</i>, em Paris) Análise em conjunto com a turma do quadro de Henri Testelin, <i>Luís XVI visita a academia das Ciências</i>, c. 1676-1680 (ver <i>manual</i> p. 123) Introdução ao pensamento científico por análise da obra de Francis Bacon (<i>método indutivo</i> ou <i>experimental</i>) e da obra de René Descartes (<i>pensamento racionalista</i>) por comparação com o 	<p>2 min</p> <p>2 min</p> <p>3 min</p> <p>2 min</p> <p>10 min</p>		<p><i>Manual</i> (Volume 1)</p> <p>Computador e projetor.</p> <p>Sala de informática</p> <p>Computador</p> <p>Internet</p>

			<p><i>modelo aristotélico</i>, através da leitura de excertos de documentos do <i>manual</i>, p. 124.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Importância do método experimental para a revolução científica • Influência de Galeno e de Avicena na medicina • Relevância de Andrea Vesalio e de William Harvey para o conhecimento do Homem • Análise em conjunto com a turma da obra de Rembrandt, <i>A lição de anatomia do Dr. Tump</i>, 1632 • Resolução de exercícios de consolidação da matéria (<i>manual</i>, p. 125, exs. 1, 2, 4, 6, 7, 8 e 9) • Realização de pesquisa de informação na <i>internet</i>, em grupos de dois alunos, de autores importantes para a revolução científica e para a construção do conhecimento do Homem (<u>Aristóteles</u>, <u>Blaise Pascal</u>, <u>Francis Bacon</u>, <u>René Descartes</u>, <u>Andrea Vesalio</u>, <u>Avicena</u>, <u>William Harvey</u>) • Tratamento da pesquisa feita pelos grupos para a construção de um pequeno texto (máximo 2 páginas) sobre o autor escolhido, para ser colocado no <i>site</i> sobre o tema, com recurso ao guião orientador do trabalho 	<p>5 min</p> <p>1 min</p> <p>3 min</p> <p>2 min</p> <p>20 min</p> <p>20 min</p> <p>30 min</p>		
--	--	--	---	---	--	--

Anexo 2

Ano: 11º Turma: B Tempo: 100 minutos (2 aulas de 50 minutos) Lições nº: 3 e 4 Data: 17/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.1. O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza Sumário: Os segredos do Universo e o mundo da ciência.
--	---

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza	Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento Avaliar o impacto do método experimental no progresso da ciência Salientar os contributos dos principais cientistas dos séculos XVII e XVIII	Modelo geocêntrico	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do Sumário Explanação sobre o pensamento aristotélico e a sua forte influência no conhecimento do Homem e da natureza 	1 min 3 min		<i>Manual</i> Computador e projetor. Sala de informática Computador Internet
		Modelo heliocêntrico	<ul style="list-style-type: none"> Teorização sobre os modelos geocêntricos por comparação com os modelos heliocêntricos 	1 min		
		Método indutivo ou experimental	<ul style="list-style-type: none"> Galileu Galilei e as suas invenções, observações, defesa do modelo heliocêntrico e abjuração das suas ideias, por recurso a imagens e a documentos de apoio 	10 min		
			<ul style="list-style-type: none"> Distribuição de uma ficha com documentos de apoio à aula, para a leitura, em conjunto, de um documento sobre Galileu Galilei: “<i>O contributo de Galileu para a ciência moderna</i>” 	5 min		
			<ul style="list-style-type: none"> Isaac Newton e o seu contributo para a ciência experimental, por recurso à leitura e análise de um documento de apoio: <i>O nascimento da ciência experimental, visto pela “Enciclopédia”</i> 	5 min		

			<ul style="list-style-type: none"> • Salientar o contributo das invenções científicas dos principais cientistas dos sécs. XVII e XVIII • Fundamentar o novo espírito científico e a importância dos meios de difusão – a <i>imprensa</i>, para a divulgação do conhecimento científico • Resumo da matéria pela resolução de exercícios da p. 128, do <i>manual</i>. • Realização de pesquisa de informação na <i>internet</i>, em grupos de dois alunos, de autores importantes para a revolução científica e para a construção do conhecimento do Homem (<u>Galileu Galilei</u>, <u>Isaac Newton</u>, <u>Johannes Kepler</u>, <u>Giordano Bruno</u>, <u>barómetro de Torricelli</u>, <u>Nicolau Copérnico</u>, <u>relógio de pêndulo de Huygens</u>) • Tratamento da pesquisa feita pelos grupos para a construção de um pequeno texto (máximo 2 páginas) sobre o autor escolhido, para ser colocado no <i>site</i> sobre o tema, com recurso ao guião orientador do trabalho 	5 min		
				10 min		
				10 min		
				20 min		
				30 min		

Anexo 3

Ano: 11º Turma: B Tempo: 50 minutos (1 aula de 50 minutos) Lições nº: 5 Data: 18/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.1. O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza Sumário: Apresentação dos trabalhos de grupo. Preenchimento de uma ficha de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos.
--	---

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
O método experimental e o progresso do conhecimento do Homem e da Natureza	Comparar a atitude dos “aristotélicos” com a dos “experimentalistas” perante o conhecimento Avaliar o impacto do método experimental no progresso da ciência Fundamentar a expressão <i>revolução científica</i> Salientar os contributos dos principais cientistas	Revolução científica Pensamento racionalista Método indutivo ou experimental Modelo geocêntrico Modelo heliocêntrico	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do sumário Entrega e preenchimento, pelos alunos, de uma ficha de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos Apresentação dos trabalhos de grupo (<u>Aristóteles</u>, <u>Blaise Pascal</u>, <u>Francis Bacon</u>, <u>René Descartes</u>, <u>Andrea Vesalio</u>, <u>Avicena</u>, <u>William Harvey</u>, <u>Galileu Galilei</u>, <u>Isaac Newton</u>, <u>Johannes Kepler</u>, <u>telescópio de Galileu</u>, <u>barómetro de Torricelli</u>, <u>termómetro de Fahrenheit</u>, <u>relógio de pêndulo de Huygens</u>) Recolha das fichas de verificação dos conteúdos apresentados pelos grupos Revisão da subunidade didática 	1 min 1 min 42 min 1 min 5 min		<i>Manual</i> Computador e projetor.

	dos séculos XVII e XVIII					
--	--------------------------	--	--	--	--	--

Anexo 4

Ano: 11º Turma: B Tempo: 100 minutos (2 aulas de 50 minutos) Lições nº: 6 e 7 Data: 22/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.2. A filosofia das Luzes Sumário: Introdução ao subtema - A filosofia das Luzes e a apologia da razão, do progresso e do valor do indivíduo.
--	---

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A filosofia das Luzes	<p>Explicar a designação de “Iluminismo” dada ao pensamento da segunda metade do séc. XVIII</p> <p>Relacionar o iluminismo com a desagregação do Antigo Regime</p> <p>Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação das Luzes para a construção da</p>	<p>Iluminismo</p> <p>Razão</p> <p>Progresso</p> <p>Liberdade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Indicação do Sumário • Introdução breve ao tema do Iluminismo • Explicação sobre o conceito de Iluminismo • Localização espacial e temporal dos principais focos do iluminismo, através da análise, em conjunto com a turma, de um mapa • Comparação da visão europeia anterior ao período iluminista com o período iluminista • Compreensão do documento 1 da ficha com documentos de apoio à aula • Resolução de exercícios da primeira parte da ficha de documentos de apoio à aula • Explicação sobre a importância do uso da razão para a libertação do Homem e construção do conhecimento, por recurso à leitura do texto 3, da ficha com documentos de apoio à aula, sobre a razão. 	<p>2 min</p> <p>3 min</p> <p>10 min</p> <p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>20 min</p> <p>10 min</p>		<p><i>Manual</i></p> <p>Computador e projetor.</p>

	modernidade europeia		<ul style="list-style-type: none"> • Referenciação à importância do progresso para o desenvolvimento da Humanidade, por leitura do doc. 8 do <i>manual</i>, p. 133 • Explicação do valor do indivíduo e da liberdade individual como expressão da exaltação do valor do ser humano • Jean-Jacques Rousseau e a educação como princípio promotor da autonomia do Homem • Resolução de exercícios da segunda parte da ficha com documentos de apoio à aula 	10 min		
				5 min		
				5 min		
				20 min		

Anexo 5

Ano: 11º Turma: B Tempo: 100 minutos (2 aulas de 50 minutos) Lições nº: 8 e 9 Data: 24/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.2. A filosofia das Luzes Sumário: Humanitarismo e tolerância. A defesa do direito natural, do <i>contrato social</i> e da separação dos poderes.
--	---

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A filosofia das Luzes	<p>Esclarecer as ideias-chave do pensamento político iluminista</p> <p>Avaliar o seu carácter revolucionário</p> <p>Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação da filosofia das Luzes para a construção da modernidade europeia</p>	<p>Tolerância</p> <p>Religião natural</p> <p>Direito natural</p> <p>Estado</p>	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do Sumário Contextualização da prática de tortura na Europa, por recurso a gravuras, e a condenação da mesma, pela leitura e análise, em conjunto, de documentos (doc. 11 da ficha com documentos de apoio à aula e o doc. 12, da p. 136, do <i>manual</i>) Interpelação à turma para a leitura do doc. 12 da ficha com documentos de apoio à aula – <i>a apologia da tolerância</i>, de Voltaire Explicação da tolerância como valor fundamental na edificação de uma sociedade melhor (Voltaire e Cesare Beccaria) Resolução de exercícios da ficha com documentos de apoio à aula (1 e 2) Compreensão do processo de Calas pela resolução dos exercícios 1, 2 e 3, da p. 137 do <i>manual</i> 	<p>3 min</p> <p>10 min</p> <p>7 min</p> <p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>10 min</p>		<p><i>Manual</i></p> <p>Computador e projetor.</p>

			<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação do aparecimento da religião natural como forma de combater o <i>fanatismo religioso</i> • Explanação sobre a origem e a teoria do Direito natural, por referência a John Locke, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau • Leitura e análise, em conjunto, dos docs. 13 e 16 da ficha com documentos de apoio à aula, para compreender a teoria do Direito natural, segundo John Locke • Explanação sobre a conceção de poder para Montesquieu, por leitura e análise, em conjunto, do doc. 11, da p. 135 do <i>manual</i> • Fundamentação do poder político de Jean-Jacques Rousseau pela leitura e compreensão do doc. 10, da p. 134 do <i>manual</i> • Resolução do exercício 3 da ficha com documentos de apoio à aula e os exercícios 1, 2, 3, 4 e 5, da p. 135 do <i>manual</i> 	5 min		
				10 min		
				10 min		
				10 min		
				10 min		
				15 min		

Anexo 6

Ano: 11º Turma: B Tempo: 50 minutos (1 aula de 50 minutos) Lições nº: 10 Data: 25/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.2. A filosofia das Luzes Sumário: A difusão das luzes. Atividades de pesquisa e de elaboração (individual) de um tema sobre a importância da difusão das luzes para a construção do pensamento moderno.
---	---

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A filosofia das Luzes	Distinguir os meios de difusão do pensamento das Luzes Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação da filosofia das Luzes para a construção da modernidade europeia	Enciclopédia Maçonaria	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do Sumário Caraterização da importância da difusão do pensamento das luzes por referência a imagens alusivas ao tema Realização de pesquisa na internet e de redação de um tema escolhido pelo aluno, para desenvolvimento (A filosofia das Luzes (Immanuel Kant, Iluminismo,...); A importância das academias e das bibliotecas (História da Enciclopédia (Denis Diderot e Jean Le Ronde D'Alembert, as bibliotecas e suas funções e objetivos,...); A apologia da razão e do progresso (Condorcet, ...); A defesa do direito natural (Louis de Jaucourt, ...); A defesa do contrato social e da separação dos poderes (Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau, John Locke); Humanitarismo e tolerância (Voltaire e o caso Calas, Cesare 	3 min 7 min 40 min		Manual Computador e projetor. Sala de informática Internet

			Beccaria); A difusão do pensamento das luzes (A enciclopédia – Denis Diderot e D´Alembert, os salões literários (madame Pompadour, madame Geoffrin), os cafés [Procópio, ...], a maçonaria, a imprensa); O iluminismo na Música (A Flauta mágica de Mozart).			
--	--	--	--	--	--	--

Anexo 7

Ano: 11º Turma: B Tempo: 100 minutos (2 aulas de 50 minutos) Lições nº: 11 e 12 Data: 29/11/2016 Mestranda: Liliana Carvalho Professora cooperante: Noémia Braz	Tema: Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais Unidade didática: 4 – Construção da modernidade europeia Subunidade didática: 4.2. A filosofia das Luzes Sumário: Continuação do estudo sobre a defesa do direito natural, do <i>contrato social</i> e da separação dos poderes. A difusão das luzes.
--	--

Conteúdos	Aprendizagens Relevantes	Conceitos	Estratégias e metodologia	Tempo	Avaliação	Recursos
A filosofia das Luzes	Distinguir os meios de difusão do pensamento das Luzes Valorizar o contributo dos progressos do conhecimento e da afirmação da filosofia das Luzes para a construção da modernidade europeia	Direito natural Estado Despotismo esclarecido	<ul style="list-style-type: none"> Indicação do Sumário Revisão (breve) da aula anterior Explicação sobre a origem e a teoria do Direito natural, por referência a John Locke, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau Explicação sobre a conceção de poder para Montesquieu, por leitura e análise, em conjunto, do doc. 11, da p. 135 do <i>manual</i> Fundamentação do poder político de Jean-Jacques Rousseau pela leitura e compreensão do doc. 10, da p. 134 do <i>manual</i> Resolução dos exercícios 1, 2, 3, 4 e 5, da p. 135 do <i>manual</i> Caraterização da importância da difusão do pensamento das luzes por referência a imagens alusivas ao tema 	3 min 7 min 5 min 10 min 10 min 15 min 20 min		<i>Manual</i> Computador e projetor.

			<ul style="list-style-type: none">• Consolidação da matéria pela resolução, em grupo de trabalho, dos exercícios da p. 139 e o dossiê de atividades, p. 141.	30 min		
--	--	--	--	--------	--	--

